

An aerial photograph of a historic building complex, likely the Antiga Fábrica Cachoeira in Rio Largo-AL. The image shows a large, light-colored building with multiple windows and a flat roof. A large, dark, leafy tree stands prominently in the foreground, partially obscuring the building. A large crowd of people is gathered in the courtyard area in front of the building. The overall scene is captured from a high angle, providing a comprehensive view of the site.

CAMILA NAYANE

# território e memória

DIRETRIZES PARA A REQUALIFICAÇÃO DA  
ANTIGA FÁBRICA CACHOEIRA, RIO LARGO-AL.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

CAMILA NAYANE SANTOS FERREIRA

**TERRITÓRIO E MEMÓRIA**

MACEIÓ-AL

2022

CAMILA NAYANE SANTOS FERREIRA

**TERRITÓRIO E MEMÓRIA: DIRETRIZES PARA A REQUALIFICAÇÃO DA  
ANTIGA FÁBRICA CACHOEIRA, RIO LARGO-AL.**

Trabalho Final de Graduação, apresentado ao  
Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade  
Federal de Alagoas (UFAL), Campus A.C. Simões,  
como requisito para obtenção do título de Bacharel  
em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Regina Costa Sá.

MACEIÓ-AL

2022

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

F383t    Ferreira, Camila Nayane Santos.  
          Território e memória: diretrizes para a requalificação da antiga Fábrica  
          Cachoeira, Rio Largo – AL / Camila Nayane Santos Ferreira. – 2023.  
          131 f. : il. color.

          Orientadora: Viviane Regina Costa Sá.  
          Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e  
          Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura  
          e Urbanismo. Maceió, 2022.

          Bibliografia: f. 130-131.

          1. Indústria têxtil – Rio Largo (AL). 2. Patrimônio industrial. 3. Fábrica  
          Cachoeira – Requalificação. 4. Memórias. I. Título.

CDU: 725.42: 677 (813.5)



## AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo a Deus, por ser tão bom para mim.

Agradeço à minha família, em especial à minha mãe Lourdes, que nunca mediu esforços para dar o suporte necessário à minha educação. Ao meu pai, Cícero, que além de todo o suporte e confiança, compartilhou comigo o seu amor pela construção civil ainda na minha infância, entre um e outro canteiro de obras. Agradeço também aos meus queridos irmãos Cássio e Karine, sempre companheiros em tudo. A minha doce Maria Liz, por deixar a minha vida mais leve. Mãe, Pai, Cássio, Karine e Lili, um obrigado bem grande, do fundo do coração, por tudo e por tanto. Sem vocês nada na minha vida seria possível.

Agradeço à minha querida avozinha, Bernardete, que não está mais presente, mas que continuará para sempre no meu coração; ao meu avozinho, Abílio, por toda a sua torcida e por sempre me encher de bençãos; ao meu cunhado Carlos Júnior por toda ajuda e risadas; à tia Neide, pelas palavras acolhedoras e pelo carinho nos momentos mais incertos.

À minha incrível orientadora Viviane Costa, pelo voto de confiança, por apoiar e acreditar no meu trabalho e por me recolocar no eixo no momento em que eu estava mais perdida. Querida Vivi, muito obrigada pelos ensinamentos, empatia e otimismo, tão necessário ao longo de todo o processo.

Obrigada em especial à Júlia, por ser um anjo da guarda e por nunca ter me deixado desistir e à Samila, fundamental neste trabalho e que sempre me ajudou com todos os problemas que surgiram ao longo do processo. A vocês, um obrigada de coração.

À Gih, minha incrível dupla e companheira de todos os momentos; à Karol por toda leveza e apoio essenciais nesse percurso; às minhas amigas Raiane e Emily por nunca desistirem de mim e pelo companheirismo e apoio tão necessários; à Kelly, Valéria, Lay, Raíssa, João, Rodrigo, Sávio e Ítalo, que trouxeram alegria aos dias árduos da graduação, compartilharam esta experiência comigo e me ajudaram inúmeras vezes; às minhas queridas amigas de infância Luh, Lany e Belle por partilharem os bons e maus momentos.

À Maria Angelica por ter me acolhido e ter compartilhado o seu tão precioso conhecimento. Obrigada por ter me apresentado a pesquisa acadêmica e um novo jeito de ver a história da minha cidade. Ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem e todos os colegas que compartilharam seus conhecimentos comigo ao longo dos últimos anos. Especialmente à Tacy, Bianca e Renata. À Faculdade de Arquitetura e Urbanismo FAU/UFAL e aos professores por todos os ensinamentos que me foram passados.

Agradeço as avaliadoras Josy, Carol e Adriana, que aceitaram o convite de compor a minha banca e que gentilmente me ajudaram a construir um trabalho melhor.

Por fim, agradeço a mim mesma por persistir.



Quem passa hoje por paisagens de ruínas e  
nostalgia [das antigas fábricas têxteis alagoanas]  
não imagina que elas escondem mistérios,  
histórias, sonhos, esplêndidos tesouros da  
memória que gritam para que as regras de  
convivência entre a sociedade e seu patrimônio  
sejam feitas de forma adequada.

(Douglas Apratto Tenório).

## RESUMO

A indústria têxtil possui grande importância histórica e urbanística na cidade de Rio Largo, uma vez que foi responsável pelo início de sua urbanização e possui um núcleo edificado de valor patrimonial. Contudo, o domínio privado, a carência de manutenção e ausência de políticas públicas voltadas ao complexo fabril, contribuem para o enfraquecimento da relação de identidade e pertencimento socioespacial da população e para desvalorização e degradação desses remanescentes. O antigo sítio industrial tornou-se uma área ociosa e contribui negativamente na qualificação da localidade. Soma-se a esses fatos, a precariedade de equipamentos urbanos e da infraestrutura do bairro Gustavo Paiva e as constantes enchentes do rio Mundaú. Diante disso, este trabalho tem como objetivo propor diretrizes para a requalificação da antiga Fábrica Cachoeira da cidade de Rio Largo/Alagoas que possibilitem o resgate de memórias do legado têxtil na cidade e a reinserção urbana desse complexo no contexto atual, a fim de contribuir para a apropriação socioespacial e fortalecer o pertencimento, bem como, suprir a necessidade urbanas de equipamentos voltados à cultura, recreação e ao comércio local.

**Palavras-chave:** Rio Largo; CAFT; patrimônio Industrial; requalificação; território; memória.



## ABSTRACT

The textile industry has great historical and urbanistic importance in the city of Rio Largo since it was responsible for the beginning of its urbanization and has a built core of heritage value. However, the private domain, the lack of maintenance, and the absence of public policies directed to the factory complex contribute to the weakening of the relation of identity and socio-spatial belonging of the population and the devaluation and degradation of these remnants. The former industrial site has become an idle area and contributes negatively to the qualification of the locality. Added to these facts, is the precariousness of urban equipment and infrastructure of the Gustavo Paiva neighborhood and the constant flooding of the Mundaú River. Therefore, this paper aims to propose guidelines for the requalification of the former Fábrica Cachoeira in the city of Rio Largo/Alagoas that allow the rescue of memories of the textile legacy in the city and the urban reinsertion of this complex in the current context, to contribute to the socio-spatial appropriation and strengthen the belonging, as well as supply the urban need for equipment aimed at culture, recreation, and local trade.

**Keywords:** Rio Largo; CAFT; industrial heritage; requalification; territory and memory.

## SUMÁRIO

|                                                                                                                   |            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1. INTRODUÇÃO</b>                                                                                              | <b>09</b>  |
| 1.1. Apresentação                                                                                                 | 10         |
| 1.2. Objetivo geral                                                                                               | 14         |
| 1.3. Objetivos específicos                                                                                        | 14         |
| <b>2. TERRITÓRIO</b>                                                                                              | <b>16</b>  |
| 2.1. Eixos do desenho urbano do território de Rio Largo/AL                                                        | 17         |
| 2.1.1 Os engenhos e o início da ocupação do território                                                            | 19         |
| 2.1.2 A indústria têxtil e a formação urbana da cidade                                                            | 24         |
| 2.1.3 As usinas e a criação da vila modernista da Destilaria                                                      | 35         |
| 2.1.4 Enchentes e a expansão da área urbana para as periferias                                                    | 39         |
| <b>3. MEMÓRIA</b>                                                                                                 |            |
| 3.1. Fábrica Cachoeira: Papel da indústria têxtil no processo de formação do núcleo urbano da cidade de Rio Largo | 48         |
| 3.2. Elementos urbano-arquitetônicos que condicionaram a paisagem de Rio Largo                                    | 49         |
| 3.3. Legado cultural e afetivo herdados da indústria têxtil                                                       | 55         |
| <b>4. DIAGNÓSTICO</b>                                                                                             | <b>72</b>  |
| 4.1. Recorte de estudo                                                                                            | 77         |
| 4.2. Elementos físicos naturais                                                                                   | 78         |
| 4.3. Aspectos urbanos                                                                                             | 82         |
| 4.3.1 Uso e ocupação do solo                                                                                      | 84         |
| 4.3.2 Mobilidade                                                                                                  |            |
| 4.3.3 Lazer e recreação                                                                                           | 87         |
| 4.4. Demografia da população                                                                                      | 91         |
| 4.5. Elementos significativos da Paisagem                                                                         | 94         |
| 4.6. Análise da integridade dos remanescentes da indústria têxtil                                                 | 97         |
| 4.7. Matriz FOFA                                                                                                  | 105        |
| <b>5. REQUALIFICAÇÃO</b>                                                                                          | <b>110</b> |
| 5.1. Requalificação Urbana: conceitos e definição                                                                 | 111        |
| 5.2. Princípios Norteadores                                                                                       | 112        |
| 5.3. Diretrizes                                                                                                   | 112        |
| <b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                                                                    | <b>129</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                                                                                | <b>131</b> |





# 1

## INTRODUÇÃO

## 1.1 APRESENTAÇÃO

Este trabalho, intitulado “Território e Memória: Diretrizes para requalificação das ruínas da antiga Fábrica Cachoeira, Rio Largo/AL” busca compreender, através de fontes bibliográficas, imagéticas e recursos digitais, o processo de formação do território rio-larguense, bem como, realizar um diagnóstico urbanístico e propor diretrizes para a requalificação do sítio histórico da antiga Fábrica de Tecidos Cachoeira. Conta com o princípio norteador do respeito aos vestígios e intervenção mínima, além do viés de integração e fornecimento de serviço urbano à comunidade.

O interesse pela história de Rio Largo surgiu da fascinação por edifícios históricos e posteriormente, da inquietação com a falta de preservação do patrimônio industrial construído pela CAFT, responsável pelo início da urbanização do território rio-larguense, que atualmente encontra-se parcialmente em estado de arruinamento e abandono.

Ao longo da vida acadêmica, o olhar entusiasta sobre arquitetura histórica e a formação da paisagem aflorou, e como moradora, nascida e criada na cidade de Rio Largo, encontrei na pesquisa sobre os antigos engenhos de açúcar uma forma de compreender como se deu o início da formação desse território, bem como, fortalecer a minha relação com o lugar em que vivo e sua história e contribuir para o fortalecimento da identidade cultural e do senso de pertencimentos de outros rio-larguenses através da socialização do conhecimento.

A escolha da temática se consolidou através da linha de pesquisa “Os engenhos e a formação territorial de Alagoas” desenvolvida desde 2008 no Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, alimentada por acervos, projetos e eventos organizados pelo Grupo e moldada pelos dois ciclos de pesquisas proporcionadas através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

O primeiro ciclo, “Arquitetura como paisagem: os engenhos de Alagoas nas memórias e no presente”, teve como foco ampliar o universo de conhecimento sobre o processo de formação de paisagens alagoanas, buscando entender como se davam as relações entre campo e cidade no passado, na perspectiva das unidades do engenho e levantar as suas evidências enquanto patrimônio material e imaterial.

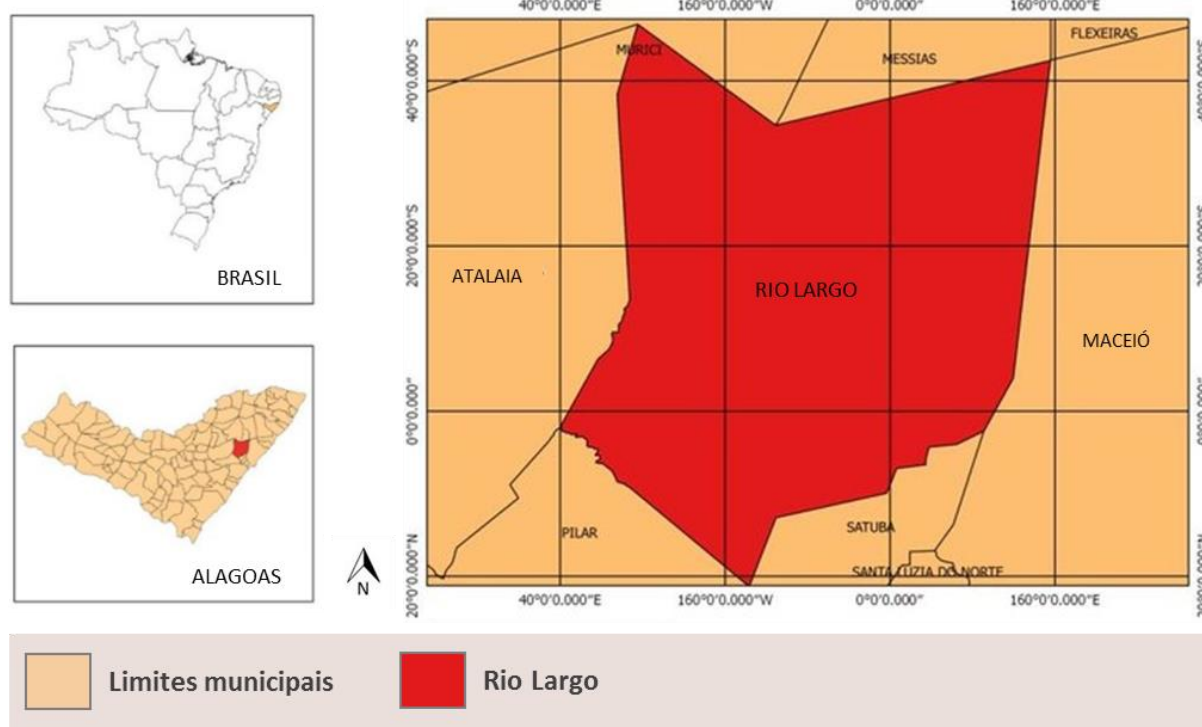
No segundo ciclo, “Arquitetura como paisagem: os engenhos de Rio Largo, Alagoas”, deu-se continuidade aos estudos sobre a temática dos engenhos, tendo como objeto de estudo a cidade de Rio Largo, recorte definido no ciclo anterior, focado

na trajetória urbana do município, para compreender suas relações com a produção do açúcar.

Devido à escassez de informações, ao esforço nas tentativas de compreender o legado do engenho na história de Rio Largo, bem como, a impossibilidade de autorização de acesso aos seus remanescentes arquitetônicos, surgiu a necessidade de ampliar o universo de conhecimento sobre o processo de formação urbana do município, entendendo o papel da indústria têxtil, representada pela Companhia de Fiação e Tecido (CAFT) na formação urbana de Rio Largo e propor diretrizes que requalifiquem a área que abrigou em primeiro momento o Engenho Cachoeira do Regente e posteriormente a Fábrica Cachoeira.

Historicamente reconhecido como o terceiro município mais antigo da Microrregião de Maceió, localiza-se próximo e acessível à Capital do Estado de Alagoas, Maceió, perfazendo uma área física de 306km<sup>2</sup> e contando com aproximadamente 70 mil habitantes residentes. A atividade têxtil rio-larguense foi desativada no século XX e na paisagem de patrimônio industrial veem-se nos dias atuais, edificações residências próprias ou alugadas, muitas apenas parcialmente ocupadas, e unidades com usos improvisados ou já em arruinamento pelo abandono total de décadas. (CASTRO e FERRARE, 2014, p.3-4)

Figura 01: Mapa de localização do município de Rio Largo-AL.



Fonte: Geomorfos, 2016.

Sabe-se que Rio Largo pertencia inicialmente ao território de Santa Luzia, que nos tempos coloniais e mesmo algumas décadas depois, foi o mais importante povoado das margens da Lagoa do Norte e do rio Mundaú, sendo o foco inicial de colonização do norte de Alagoas. Rio Largo se destaca na história de Alagoas quando em seu território é implantada a estrada de ferro e duas fábricas de fiação e tecidos, sendo esses, elementos primordiais para seu progresso, que fez a então vila de Rio Largo prosperar, ao ponto de superar a Vila Sede. (DIÉGUES, 1980, p.69).

A indústria têxtil possui grande importância histórica e urbanística na cidade de Rio Largo, uma vez que foi responsável pelo início de sua urbanização e possui um núcleo edificado de valor patrimonial. Contudo, a ausência de manutenção do complexo que forma a antiga Fábrica Cachoeira e a falta de ações que fortaleçam a relação de identidade e pertencimento socioespacial, contribuíram para o abandono.

O esvaziamento urbano dessa área acentuou-se depois da enchente que ocorreu em 2010, pois causou a destruição parcial de remanescentes fabris e perda total de parte das casas pertencentes a vila operária, fatos que consolidaram a formação de um vazio urbano, ocioso, degradado e vilipendiado.

Para atribuir valores patrimoniais ao espaço que foi construído pela indústria é preciso dar importância aos fatores econômicos, ambientais, sociais, culturais, entre outros. Bem como, analisar o motivo da escolha do local de implantação, quais mudanças foram feitas no território e quais os impactos que causaram na sociedade. Em Rio Largo, grande parte do patrimônio industrial está em situação de abandono, gerando vazios urbanos, desvalorizados enquanto bem histórico. (IBÁÑEZ, 1998 apud Rodrigues, 2014).

O legado histórico, arquitetônico e urbanista deixado pela indústria têxtil em Rio Largo não são reconhecidos como patrimônio pelas entidades de preservação cultural municipal, estadual e federal. Há inúmeros estudos que indicam os valores patrimoniais atribuídos a CAFT e a necessidade da salvaguarda desse patrimônio cultural, mas escassas são as tentativas de reintegração desse sítio industrial à urbanidade, respeitando sua integridade e seus valores culturais. Um dos principais motivos são os conflitos entre a prática da gestão do patrimônio industrial e a teoria do campo da conservação.

Sendo assim, as diretrizes urbanísticas e construtivas que serão propostas neste trabalho buscam promover o resgate de memórias do legado têxtil na cidade e a reinserção urbana desse complexo no contexto atual, envolvendo aspectos urbanísticos, ambientais, sociais e econômicos, a fim de promover a apropriação socioespacial e fortalecer o pertencimento, bem como, suprir a necessidade urbanas de equipamentos voltados a cultura e ao lazer.

## **1.2 OBJETIVO GERAL**

Propor diretrizes para a requalificação da antiga Fábrica Cachoeira da cidade de Rio Largo/Alagoas que possibilitem o resgate de memórias do legado têxtil na cidade e a reinserção urbana desse complexo no contexto atual, a fim de contribuir para a apropriação socioespacial e fortalecer o pertencimento, bem como, suprir a necessidade urbanas de equipamentos voltados à cultura, recreação e ao comércio local.

## **1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Realizar um estudo sobre a história da cidade de Rio Largo e as fábricas de tecidos, buscando compreender a evolução territorial rio-larguense e a relação da indústria têxtil na formação urbana da cidade;
- Analisar o papel da indústria têxtil no processo de formação do núcleo urbano da cidade de Rio Largo e apresentar o patrimônio arquitetônico e urbano, bem como, sua disposição espacial e seu valor afetivo para a população rio-larguense;
- Avaliar o contexto urbano atual e o núcleo edificado da antiga Fábrica Cachoeira a fim de compreender a dinâmica urbana, as necessidades da população e os meios de reinserção no contexto atual.

## Els de Alagona (Biel) :

La fabrique « Cachera » (Tissot) colon

Fabrien de tendons « Cachera »

Die Fabrik « Cachera » (Bumaollenburg)





# 2

## **Território**

Este capítulo irá abordar a origem, formação e evolução do território rio-larguense. Busca-se aqui entender o papel da indústria têxtil na formação urbana da cidade, tendo como área de estudo a Fábrica de Tecidos Cachoeira, localizada em Rio Largo – AL. Para compreender como esse território se consolidou foi preciso fazer uma síntese, do início de sua colonização até os dias atuais.

## **2.1 EIXOS DO DESENHO URBANO DO TERRITÓRIO DE RIO LARGO-AL**

Dividido em cinco eixos de ocupação e expansão (figura 02), responsáveis pelo desenho urbano da cidade de Rio Largo, apresenta-se inicialmente a origem do território rio-larguense, entre os séculos XVII e XVIII, através da implantação dos engenhos de cana-de-açúcar, quando este fazia parte de Santa Luzia do Norte.

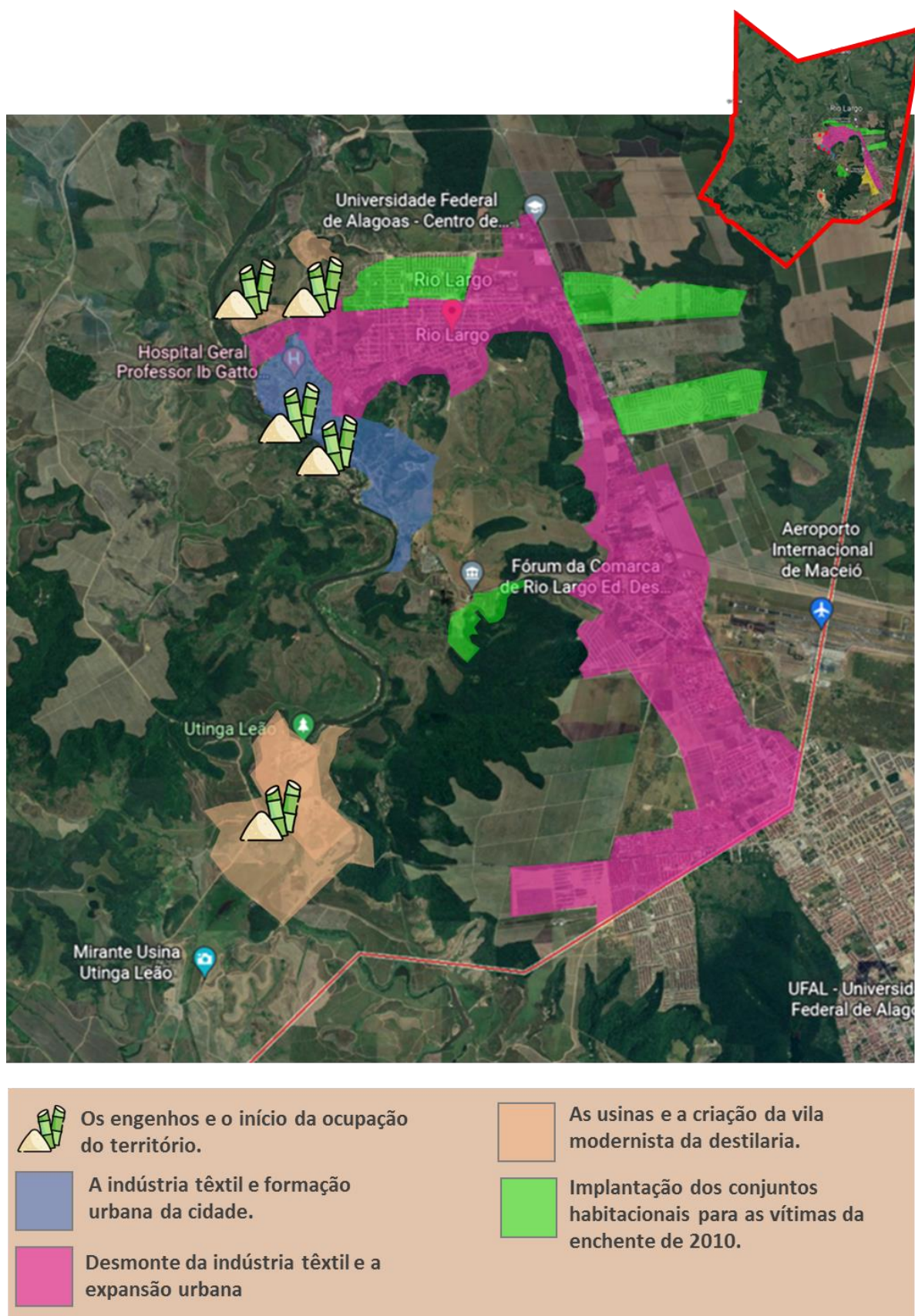
A partir de 1883, acontece o desmonte de alguns engenhos e a instalação da estrada de ferro, surgem as fábricas de tecidos e com elas, o início da formação urbana e a elevação da vila de Rio Largo à categoria de cidade. (ENCICLOPEDIA DOS MUNICIPIOS BRASILEIROS, pag. 156).

No período têxtil, entre 1894 e 1961, houve também a estruturação de duas usinas de cana de açúcar e a Destilaria Central do Alcool, sendo a Usina Utinga Leão destaque expressivo na economia alagoana. Porém, conforme o mapa de expansão da malha urbana (figura 01), ela foi implantada na zona rural e não teve expansão e equipamentos necessários para se estruturar enquanto zona urbana da cidade, sendo a indústria têxtil a responsável por essa estruturação.

O desmonte da indústria têxtil deu início ao processo de descentralização e expansão da malha urbana, esse processo foi acelerado através da enchente de 2010, que causou a destruição parcial de alguns bairros, sendo o bairro Gustavo Paiva, mais conhecido como Cachoeira, o mais atingido, uma vez que se encontra no nível mais baixo do relevo da cidade.

A destruição causada pelas águas do Rio Mundaú provocou o esvaziamento e abandono parcial do bairro. A partir de 2013, os conjuntos habitacionais: Bosque dos Palmares, Barnabé, Antônio Lins e Edson Novais, foram construídos para abrigar as vítimas da enchente de 2010. Os conjuntos foram implantados nas periferias e contribuíram com a expansão da malha urbana da cidade de Rio Largo.

Figura 02 – Mapa de expansão da malha urbana de Rio Largo – AL.

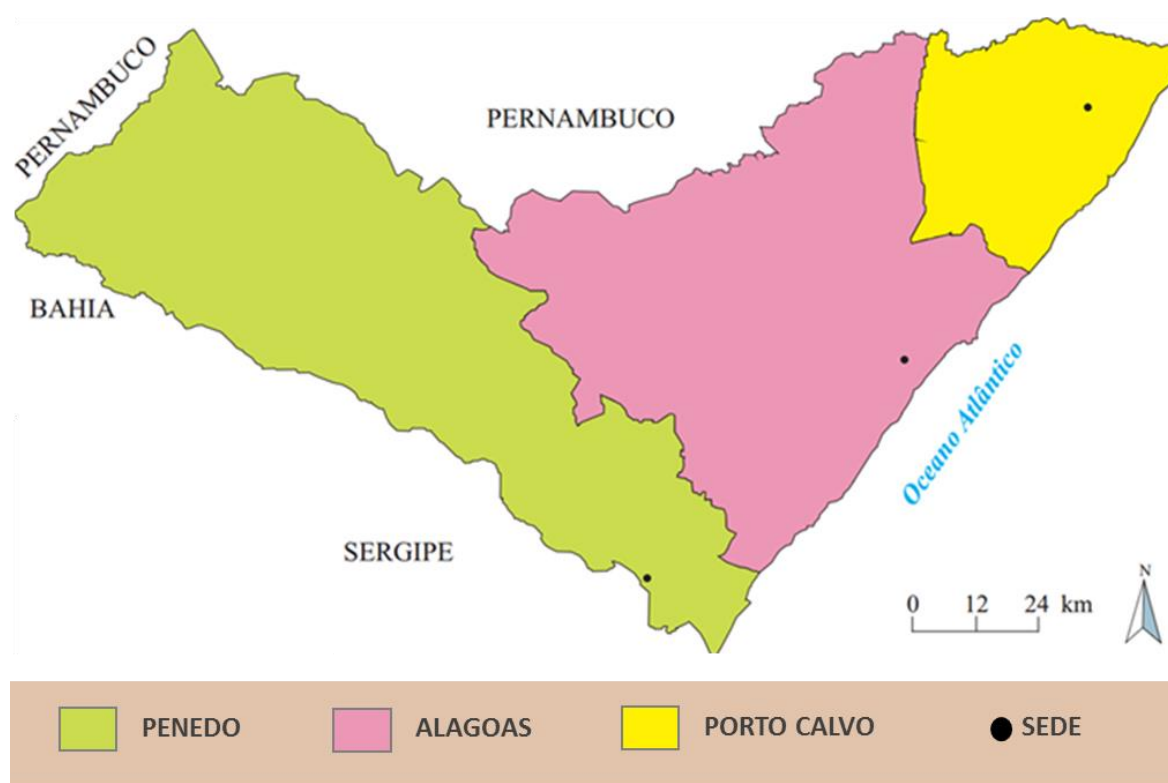


Fonte: Google Earth, adaptado pela autora, 2022.

### 2.1.1 OS ENGENHOS DE AÇÚCAR E O INÍCIO DA OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

A ocupação do território que hoje compõe o estado de Alagoas, segundo Diégues Júnior (2006), aconteceu a partir de três polos de povoamento (figura 03), sendo ao norte o primeiro, chamado de Porto Calvo, depois em torno das duas grandes lagoas, a Lagoa do Norte e a do Sul, recebendo o nome de Alagoas, e o terceiro, mais ao sul do território, tendo Penedo como centro.

Figura 03 – Polos de povoamento do atual estado de Alagoas.



Fonte: Prof. Dr. Roberto Silva de Souza, adaptado pela autora, 2022.

Neste contexto, em que se inicia o processo de povoamento em torno da Lagoa do Norte surge o povoado de Santa Luzia do Norte, no qual estava localizado o território que hoje é o município de Rio Largo. Nesse e em outros povoados de Alagoas, onde as condições geográficas e climáticas eram favoráveis ao empreendimento agrícola, os engenhos foram os principais e mais expressivos agentes impulsionadores da formação política, econômica, religiosa, cultural e social. (TENÓRIO; DANTAS, 2008, pag. 20.)

Segundo Diégues (1980, p.69), Miguel Gonçalves Vieira, provedor da fazenda Del-Rei, concedeu as terras da Lagoa do Norte (Alagoas - atual cidade de Marechal Deodoro), sob condição de “levantar engenho de açúcar e fazer vida”. Nessas terras surgiu o povoado de Santa Luzia do Norte, que só foi elevado à categoria de vila em 1830. De acordo com Diegues (1980), Santa Luzia foi nos tempos coloniais e mesmo alguns anos depois, o mais importante povoado das margens da Lagoa do Norte e do rio Mundaú, sendo o foco inicial de colonização do norte de Alagoas.

Entre os principais motivos que justificam a relação entre a ocupação do território alagoano e os recursos hídricos pode-se destacar a importância da água na construção dos engenhos, na irrigação da cana-de-açúcar, no transporte, no abastecimento e na movimentação das rodas das moendas. Já a vegetação, fornecia toras de madeira para alimentar as fornalhas, e tinham papel importante nas construções dos engenhos.

Raros são os registros iconográficos da época de início de povoação da área em que está localizada a cidade de Rio Largo. Consta no livro Bangüê, de Diegues Júnior (2006, p.80), que entre os séculos XVII e XVIII existiam, por meio de concessão de terras, os seguintes engenhos: Engenho Cachoeira do Regente, Engenho Rio Largo – área em que após o desmonte, foram implantadas as Fábricas Cachoeira e Progresso - e o Engenho Utinga, área em que está localizada a Usina Utinga Leão.

Dizem que no começo o engenho pertencia a descendentes dos Calheiros de Melo, sendo fracionado por herança e reconstruído posteriormente em diversas compras realizadas por Felipe Ângelo de Brito. Foi depois vendido a D. Rosa Lima Lins, também descendente dos Calheiros de Melo. Nos fins do século XIX, duas Companhias (hoje fundidas numa só – Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos) compraram terras do Engenho Rio Largo e Engenho Cachoeira do Regente, limítrofe, e montaram duas fábricas para a industrialização de fibras têxteis. (ENCICLOPEDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, PAG. 156).

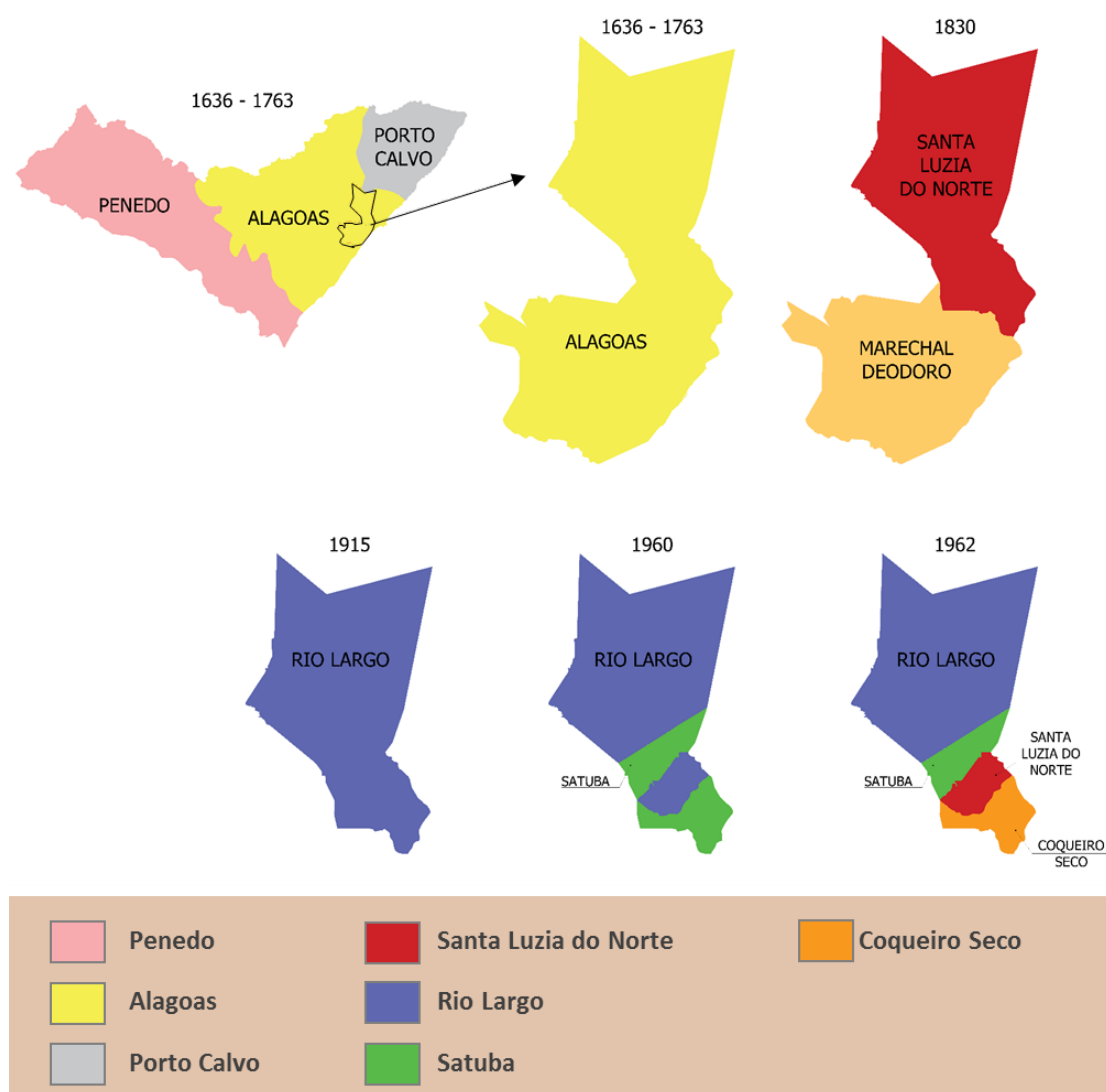
O povoamento do território rio-larguense, assim como em grande parte de Alagoas, acompanhou o curso d'água e se consolidou às margens do Rio Mundaú. O relevo também foi um fator importante na ocupação, pois, conforme o trabalho de Rodrigues (2014), essa área faz parte da unidade de Tabuleiro Costeiros, com encostas abruptas e as encostas suaves que favoreceram a ocupação.

Santa Luzia do Norte estava até o ano de 1883 entre as principais rotas de circulação do capital de Alagoas, porém, esse cenário mudou completamente após a construção da estrada de ferro. A implantação ocasionou o declínio do comércio nas

áreas não favorecidas por sua passagem, como foi o caso de Santa Luzia. Rio Largo por sua vez, estava localizada às margens da ferrovia, pouco distante da capital, fato esse que fez com que a então vila de Rio Largo prosperasse ao ponto de superar a Vila Sede, Santa Luzia.

Através de consultas à “Enciclopédia dos Municípios Alagoanos” e ao site do IBGE, foi possível espacializar (figura 04) a formação administrativa e a divisão territorial de Rio Largo e assim compreender como a cidade se constituiu.

Figura 04: Esquema da divisão territorial de Rio Largo - AL.



Fonte: Autora, 2022.

Em 1830, Santa Luzia se desmembrou de Alagoas (atual Marechal Deodoro) e foi elevada à categoria de Vila. Em 1915 foi elevada a condição de cidade, porém, nesse mesmo ano transferiu sua sede de Santa Luzia do Norte para Rio Largo.



Em 1960, Satuba foi elevado à categoria de município e se desmembrou de Rio Largo. E dois anos depois, foi a vez de Santa Luzia se desmembrar de Rio Largo, sendo em 1962 elevado à categoria de município. Por fim, Coqueiro Seco, que constava como parte da cidade de Rio Largo, em 1960, passou a pertencer ao novo município de Satuba e só em 1962 foi desmembrado de Satuba, sendo elevado à categoria de município.

O início da formação do território rio-larguense está associado aos engenhos de modo que o nome da cidade é o mesmo de um antigo engenho de açúcar existente no local em que o rio Mundaú apresenta sua maior largura. Segundo Castro (2014, p. 18) “[...] o Engenho Rio Largo, instaurado as suas margens mais largas, engenho que dinamizou a formação do povoado local de Santa Luzia do Norte”. O engenho está representado também na bandeira do município, que tem em seu brasão a representação da cana de açúcar e da roda da moenda do engenho (figura 05).

Figura 05: Bandeira da cidade de Rio Largo.



Fonte: IBGE 2020.

Sabendo que para compreender a cultura e a história de um determinado povo, faz-se necessário conhecer além do patrimônio edificado, é de suma importância que o patrimônio imaterial também seja salvaguardado, uma vez que ele compõe a memória e a identidade cultural de seu povo (UNESCO, 2017). E assim como os bens edificados, os bens culturais imateriais do município também passaram, ao longo dos anos, pelo descaso e estão ameaçados a deixarem de existir ou de serem lembrados.

Em Rio Largo, muitas manifestações, práticas e saberes compõem o conjunto de bens imateriais que foram herdados do engenho, como exemplo, as festas contadas em tons de nostalgia pelos habitantes mais antigos, como o Pastoril, Reisado e o Guerreiro (figura 06, 07, 08).



Figura 06: Reisado no Natal de 1946 em Utinga Leão.



Fonte: José Medeiros, 1947.

Figura 07: Reisado no Natal de 1946 em Utinga Leão.



Fonte: José Medeiros, 1947

Figuras 08: Guerreiro na festa de natal nos anos 1980 em Utinga, Rio Largo/AL.



Fonte: Ailton Cruz, 2018.

### 2.1.2 INDÚSTRIA TÊXTIL E A FORMAÇÃO URBANA DA CIDADE

Na Europa, Estados Unidos e América Latina, o período entre os séculos XVII e XVIII foi fortemente marcado pela industrialização. No Brasil, as indústrias só assumiram expressivas proporções em meados do século XIX, em decorrência da revolução industrial. (MATHIAS, 1988, p. 64 apud CASTRO, 2014, p. 24), nesse cenário, deu-se a implantação das fábricas de fiação e tecidos.

A emergência da grande indústria trouxe consigo um forte esforço de reorganização do trabalho e principalmente do controle dos trabalhadores em certas circunstâncias de seu cotidiano. A partir da segunda metade do século XIX, difundiu-se largamente pelo Brasil a prática da criação, por empresas, de vilas operárias em cidades e de núcleos fabris em localidades rurais (VIANNA, 2017).

De acordo com Correia 2001, (apud Castro, 2014), a partir da segunda metade do século XIX, a prática da construção de moradias para abrigar os operários em cidades ou localidades rurais foi amplamente difundida no Brasil. Desta prática originou-se as comunidades habitadas principalmente por empregados de uma única empresa. Que por consequência, detinham com frequência o controle sobre os equipamentos e serviços coletivos. No território nacional, esses complexos urbanos estavam ligados sobretudo as indústrias de tecidos, papeis, mineração, açúcar e frigoríficos.

Dentre os principais fatores responsáveis pela instauração e sucesso da indústria têxtil no Brasil, estão a matéria prima do algodão, sua busca no mercado externo e o estímulo à imigração de mão de obra especializada. Na tentativa de exemplificar como se apresentava a infraestrutura física e social formada pela indústria, a arquiteta Vianna descreve a disposição espacial desses complexos:

A arquitetura destes espaços de morar operário recuperava a ideia de “minicidade”, cujo programa era definido em função das características particulares do empreendimento. [...] As empresas ofereciam serviços e equipamentos necessários à vida dos moradores – como escolas, igreja, mercado e área de lazer, de modo que não houvesse dependência em relação às cidades vizinhas (VIANNA, 2012, p. 115 – 116).

Em Alagoas, mesmo com o domínio econômico da cana de açúcar, em meados do século XIX, parte dos investimentos industriais foram direcionados para a

fabricação de tecidos. O algodão já era plantado na província desde o século XVII, mas devido à crise nos Estados Unidos, que era na época o principal exportador de algodão para a Inglaterra e apresentou problemas no abastecimento do mercado europeu, Alagoas, juntamente com outros estados brasileiros, ganharam destaque no setor têxtil.

O setor se desenvolveu em Alagoas, entre os séculos XIX e XX, e contou com o total de treze unidades fábricas têxteis implantadas em seu território (figura 09).

Figura 09 - Espacialização das fábricas têxteis no território alagoano em ordem de implantação.



Fonte: Rodrigues, 2014, adaptado pela autora, 2022.

De acordo com as informações coletadas por Castro (2014, p.36), dentre todas as unidades têxteis que foram instauradas em Alagoas, se destacaram, ainda sob o governo imperial, a fábrica Carmem e a Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos.

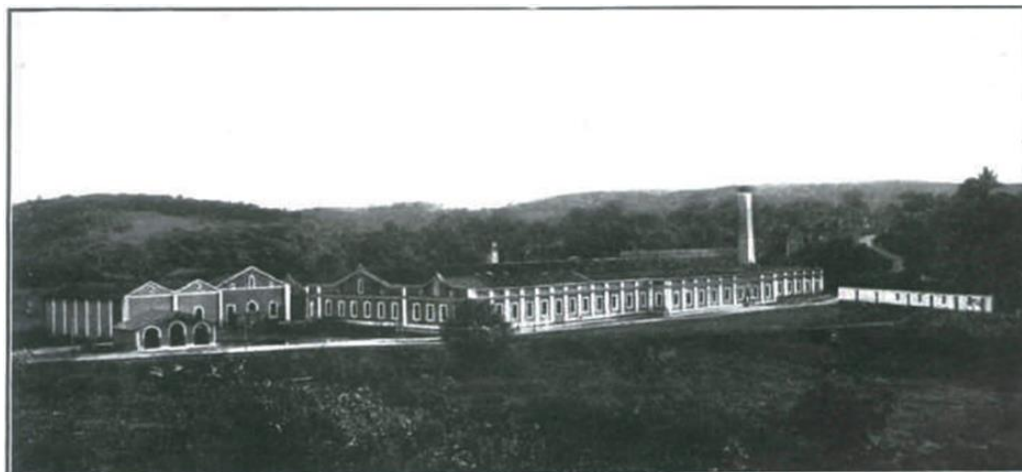
No período republicano, destacaram-se a Companhia Pilarense de Fiação e Tecidos e a Companhia Progresso Alagoano. Essas tinham em comum a proximidade com a Capital e com o porto, fatores que favoreciam o comércio, e foram responsáveis pelas "contações de promissor parque têxtil" que o período alagoano recebeu.

A indústria têxtil foi responsável por ampliar o mercado interno e externo em alagoas e desenvolveu um "sistema de empresas 'autossustentáveis', das quais o organismo administrativo dinamizou um formato próprio para a dinâmica do estado". (CASTRO, 2014, p. 37). A disposição urbana e arquitetônica precisava permitir que esse organismo atuasse efetivamente em um sistema espacial, através do controle de todas as etapas de produção e da dinâmica da vida local.

Nesse cenário de investimentos direcionados para a indústria e o destaque alagoano na exportação de algodão, surge em Maceió a Cia União Mercantil, primeira indústria têxtil de Alagoas, no ano de 1857. A segunda indústria têxtil de Alagoas, a Fábrica Cachoeira, foi inaugurada em 1888, na vila de Rio Largo (figura 10).

A Fábrica aproveitava-se dos benefícios da energia hidráulica gerada através das quedas da cachoeira do rio mundaú e da estrada de ferro, que contribuiu para o transporte da matéria prima e o envio da produção. A fábrica foi instalada às margens do Rio Mundaú, na cota mais baixa e acachoeirada da vila, na área em que funcionou o antigo engenho Cachoeira do Regente. (RODRIGUES, 2017, p. 68).

Figura 10– Vista geral da Fábrica Cachoeira.



Fonte: Marroquim, 1922.

Devido ao bom rendimento econômico da indústria têxtil em Rio Largo, em 1892 foi implantada na região de cota mais alta e na área em que funcionava o antigo Engenho Rio Largo, a segunda fábrica da vila, a Fábrica Progresso (figura 11).

Figura 11 – Vista geral da Fábrica Progresso.



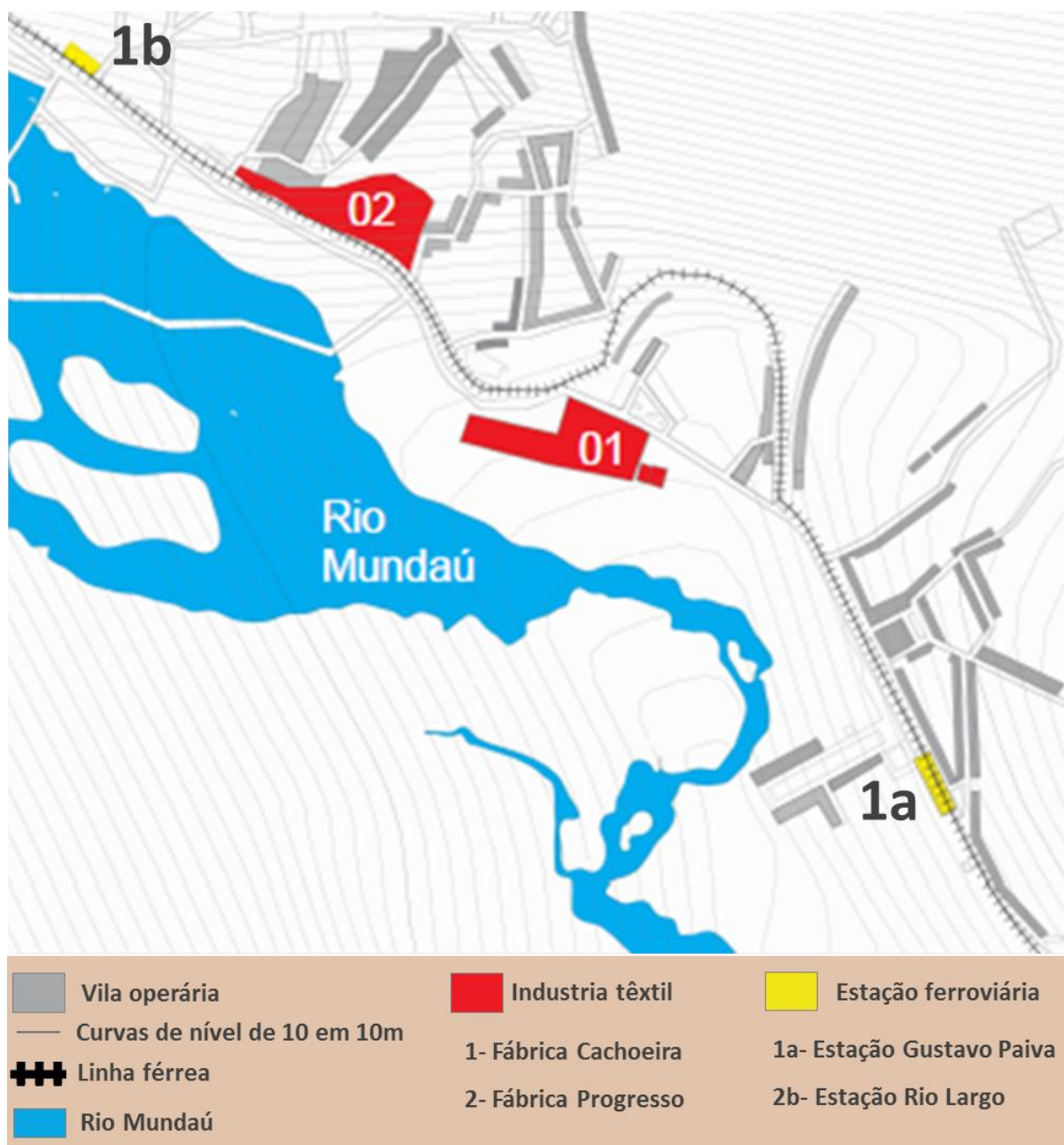
Fonte: Marroquim, 1922.

Através do desenvolvimento decorrente do complexo industrial, Rio Largo foi elevado à categoria de cidade, por meio da lei 696, em 13 de julho de 1915. Vale destacar que os engenhos foram o foco inicial de ocupação, mas foram as fábricas de tecidos que possibilitaram a vida urbana deste território, pois, o núcleo urbano se estruturou através das necessidades da produção têxtil.

A princípio, as duas fábricas funcionavam como empresas independentes, mas, ao longo dos anos, o aumento de capital e a fusão de vários sócios contribuíram para a união das duas fábricas em 1924, dando origem à Companhia Alagoana de Fiação e Tecido (CAFT). Através da figura 12, é possível identificar o alinhamento das fábricas entre o curso d'água do rio e a linha férrea e a proximidade com as estações ferroviárias. Segundo Mendonça (2012, p. 462), o trem foi o símbolo mais expressivo da revolução tecnológica, pois mudou o mundo e instalou o ciclo industrial e comercial no Brasil.



Figura 12- Relação das indústrias têxteis com as estações ferroviárias.



Fonte: Rodrigues, 2014.

Rodrigues (2017, p. 69) destaca que as Fábricas de Tecidos de Rio Largo foram as primeiras indústrias têxteis implantadas no interior de Alagoas, e as únicas que foram beneficiadas pela estrada de ferro, fora dos limites da capital. Em Rio Largo, duas estações férreas foram responsáveis pela comunicação fabril. Próxima à estação férrea de Gustavo Paiva (figura 13), na cota mais baixa do relevo, foi alocada a Fábrica Cachoeira, que processava a tecelagem e os acabamentos. E mais próxima à estação



Férrea Central de Rio Largo (figura 14), no relevo mais alto, foi locada a Fábrica Progresso, voltada para a fiação. (RODRIGUES, 2017, p. 70).

Figura 13 - Estação Gustavo Paiva, em Cachoeira, na década de 1950.



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>1</sup>.

Figura 14 - Estação central de Rio Largo foi inaugurada em 02 de dezembro de 1884.



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/ChjoT-jNJo1/>> Acesso em jun. 2022.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CCZUizCDNeI/>> Acesso em jun. 2022.

O complexo fabril se comportava como um sistema de ‘cidade e fábrica’, em síntese, “era uma vila operária (...) com uma organização espacial estruturada entre moradia, mercado, cultura e outros suportes”. (CASTRO, 2014, p. 85). A autora destaca o papel da indústria têxtil na formação e estruturação urbana e social na cidade de Rio Largo:

A instauração das fábricas foi determinante para a vida em sociedade dos rio-larguenses. A estrutura que tinha nas unidades de produção, seu ponto focal, refletiu nas casas, na escola no departamento de saúde, nas praças e festas, entre outros, extensões representativas do controle da organização. (CASTRO, 2014, p. 85)

O início dessa organização fabril, em Rio Largo, se deu sob administração do Comendador Teixeira Bastos e após seu falecimento, Gustavo Paiva, seu genro, assumiu o comando. O comendador Gustavo Paiva (figura 15) foi responsável por ampliar as edificações do complexo e construir equipamentos urbanos de apoio à vida social e ao lazer da classe operária. Entre eles estão a Igreja Sagrado Coração de Jesus, departamento de saúde, cassino, grupo escolar, restaurante, padaria e cooperativa.

Figura 15: Gustavo Paiva em seu escritório.



Fonte: Blog História de Alagoas<sup>3</sup>.

“A imprensa alagoana se referia a Rio Largo, na primeira metade do século XX, como um dos polos industriais mais importantes de Alagoas (figura 16), destacando a figura do Comendador Gustavo Paiva e suas políticas assistencialistas.” (RODRIGUES, 2017, p. 83). Gustavo Paiva, recebeu de seus operários o título de

---

<sup>3</sup> Disponível em: < <https://www.historiadealagoas.com.br/gustavo-paiva-o-comendador-dos-operarios-de-rio-largo.html> > Acesso em mai. 2022.

Comendador do Povo. Era “à frente das empresas e do seu tempo” (TICIANELI, 2015), e se diferenciava dos tradicionais empresários de liderança atrasada e com traços escravistas.

Figura 16: Capa do Jornal de Alagoas, de 1951.



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>4</sup>.

Figura 17: Capa do Jornal de Alagoas noticiando o falecimento do Comendador Gustavo Paiva.



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CCZUizCDNeI/>> Acesso em jun. 2022.

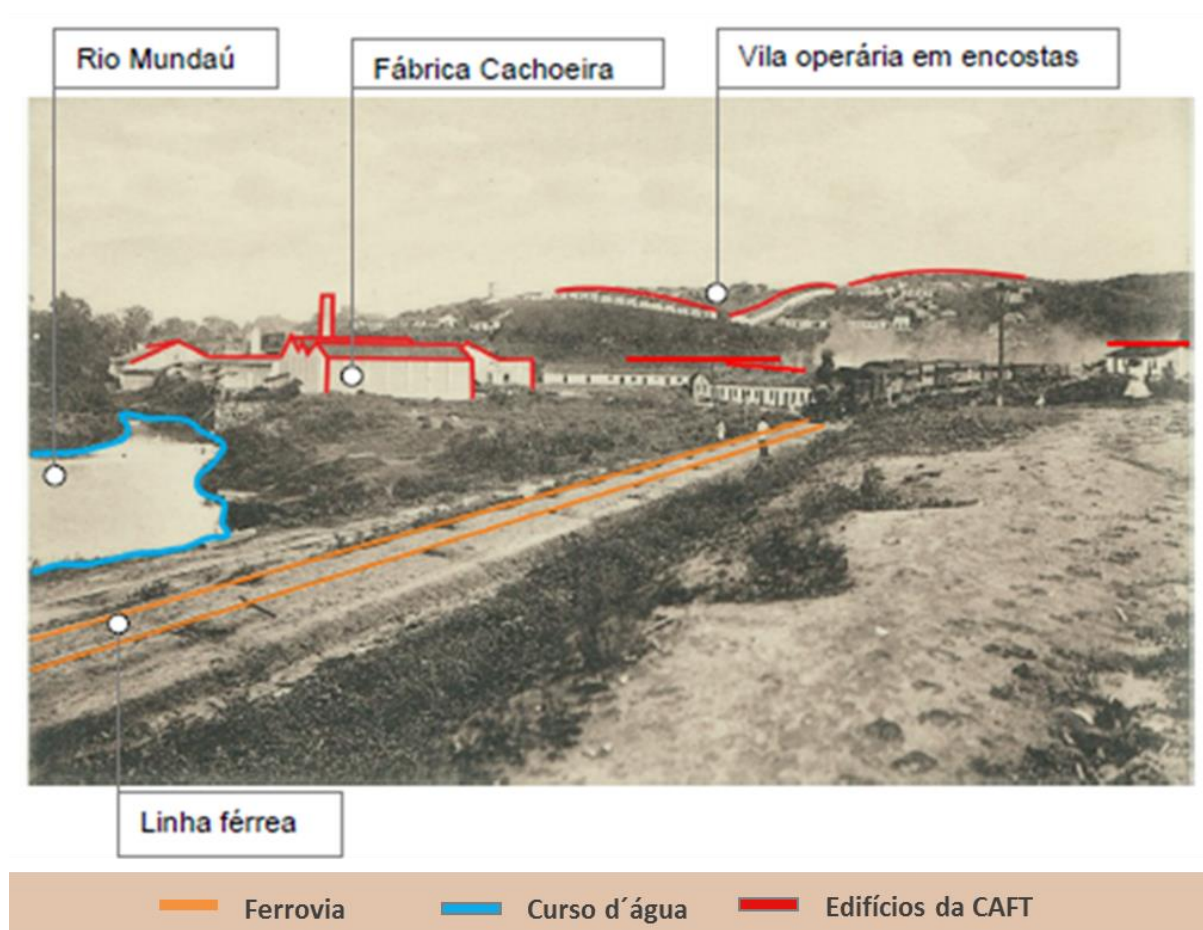
<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CG7nupvljM6/>> Acesso em set. 2022.



Em decorrência do desenvolvimento industrial, vilas operárias foram construídas em torno das fábricas e das usinas, expandindo assim, a área urbana da cidade. A indústria ditou a ordem e estruturação espacial do território em que foi implantada, pois, para atender as necessidades da produção, estruturou-se o núcleo urbano. Assim, devido a essa política assistencialista adotada sobretudo na gestão de Gustavo Paiva, a CAFT se consolidou como 'Vila Operária'.

As fábricas de Rio Largo foram implantadas em locais privilegiados de estruturas urbanas e recursos naturais, na região mais plana, direcionando a ocupação das áreas de relevo acidentado pelo núcleo urbano. “Essa característica é verificada à medida que é construída a vila operária da empresa” Castro (2014). As moradias, os edifícios fabris e os equipamentos deram a indústria têxtil uma dimensão urbana, sendo a indústria, responsável por desenhar o espaço urbano de Rio Largo (figura 18).

Figura 18 - Paisagem urbano-industrial da CAFT no início do século XX.



Fonte: Rodrigues, 2014.

Segundo Paiva Filho (2013), em 1892 haviam sido construídas oitenta e quatro habitações, e entre 1892-1902, a quantidade já passava de quatrocentas moradias. Marroquim (1922) ressalta que as moradias que formam a Vila Operária não expressam valor arquitetônico, mas o conjunto de habitação e ambiente natural possui valor de paisagem. “A partir delas [moradias], a indústria têxtil adquire sua dimensão urbana não apenas como influência, mas como proprietária do espaço”. (RODRIGUES, 2017, p. 72)

A consolidação da vila operária fez com que a CAFT passasse a constituir um sítio industrial, sendo os edifícios industriais e os de entorno, relacionados à produção têxtil. “O espaço urbano de Rio Largo passou a ser desenhado pela indústria, que foi colonizadora e indutora da urbanização do lugar” (RODRIGUES, 2017, p. 73). Assim, o ambiente natural e o cultural, também eram importantes para as atividades fabris. Como resultado de todo o progresso, o mercado consumidor fez desenvolver o comércio local no município, que atraía não só os moradores, como também visitantes de cidades vizinhas.

Segundo Castro (2014), a disposição urbana e arquitetônica implantada no complexo fabril permitia que o organismo administrativo atuasse em um sistema espacial, controlando todas as etapas de produção, bem como, a dinâmica da vida local de seus operários. Havia um controle têxtil no âmbito econômico e social, em que “o espaço e o meio que geria a dinâmica têxtil sucediam-se sobre eixos de controle e dominância aos contextos do trabalho fabril principalmente.”(CASTRO, 2014, p. 182).

Castro (2014) constata ainda que em relação ao controle geral, a cidade-fábrica tinha em suas unidades fabris profissionais que garantiam a manutenção e a regulação do poder do meio socioespacial, numa hierarquia ascendente, indo de operários, fiscais, contramestre até mestres. As moradias também seguiam esta mesma hierarquia refletida sobre o poder disciplinar como um instrumento de controle e domínio espacial. Em que a regulação do poder determinava o lugar de cada um no meio socioespacial (CASTRO, 2014, p. 183).

Das duas unidades fabris que formavam a CAFT, a Fábrica Cachoeira foi a primeira a encerrar suas atividades, no ano de 1980. Dentre os fatores citados acima por Castro e Xavier, destaca-se a enchente do Rio Mundaú que atingiu a cidade em 1949 e danificou parte do maquinário da fábrica. (RODRIGUES, 2017, p. 86). Segundo

Paiva (2010, p. 18), outro fator determinante para o declínio da Fábrica Cachoeira foi a praga do 'bicudo', que atingiu as plantações alagoanas somado ao contexto em que se encontrava a economia brasileira.

[...] um descontentamento transcorreu por parte dos funcionários, pelo pouco que ganhavam e as jornadas de trabalho que costumavam chegar a 16 horas diárias seguidas, o que gerou greves na classe operária, entre outros problemas de ordem administrativa e econômica. Tais problemas contribuíram de forma relevante para o declínio do complexo fabril, somando-se a esses o falecimento do Comendador Gustavo Paiva em 1943. Outros fatores incluem o período pós-guerra que mudou os rumos do mercado, as enchentes que alagavam a parte baixa da 'mini-cidade', as secas em contrastes às enchentes e as pragas – como a praga do bicudo que 'vitimou' as plantações o que levou a fábrica a ter que importar algodão de outros estados (CASTRO; XAVIER, 1997, P. 07 apud CASTRO, 2014, p. 86).

Após o encerramento das atividades, parte dos funcionários foram remanejados e passaram a trabalhar na Fábrica Progresso, e os que já estavam se aposentando receberam a casa que moravam da vila operária como indenização. (RODRIGUES, 2017, p. 86). Porém, em 1980, a Fábrica Progresso também encerrou suas atividades, o que causou um aumento do número de desempregados e fez com que os ex-funcionários procurassem oportunidades em Maceió e nas cidades vizinhas. (CASTRO, 2014, p. 86). “Essa realidade transformou a “cidade-fábrica’ em ‘cidade-dormitório’ (PAIVA, 2010, p. 57)

A dinâmica da cidade mudou com o desmonte da Fábrica Progresso que anunciou o fim da produção industrial têxtil em Rio Largo. O ritmo da cidade passou a ser outro, as ruas que antes eram ocupadas por operários após o som do apito foi progressivamente se esvaziando. (MATOS et al, 2009).

Nesse contexto de desmonte da produção fabril e esvaziamento do sítio industrial, destaca-se que entre o início do declínio com o fechamento da Fábrica Cachoeira e o desmonte total com o encerramento das atividades da Fábrica progresso, houve um período de treze anos, “[...] o que demonstra que o desmonte da CAFT não foi abrupto, mas progressivo (RODRIGUES, 2017, p. 88). E também de forma progressiva, iniciou-se o processo de descentralização e expansão da malha urbana formada pela indústria têxtil.



### 2.1.3 AS USINAS E A CRIAÇÃO DA VILA MODERNISTA DA DESTILARIA

No período têxtil houve a estruturação de duas usinas de cana de açúcar, que estão em funcionamento até os dias atuais, são elas: Usina Utinga Leão (figura 19), fundada em 1894, no local em que funcionou o engenho de cana de açúcar de mesmo nome, e a Usina Santa Clotilde, fundada em 1952, na fazenda em que funcionou o Engenho Pau Amarelo.

A Usina Santa Clotilde fica próxima ao centro de Rio Largo (figura 20) e foi implantada no período em que o núcleo urbano de Rio Largo já estava consolidado. Já a Usina Utinga Leão, se destacou das demais usinas do estado e de acordo com Lessa (2013, p.123), a Usina Leão era, até 1925, a “maior empresa açucareira do Estado até a ascensão da usina Coruripe”. O autor afirma ainda, que existia no território de Rio Largo uma divisão econômica e política entre a Usina e a Indústria Têxtil:

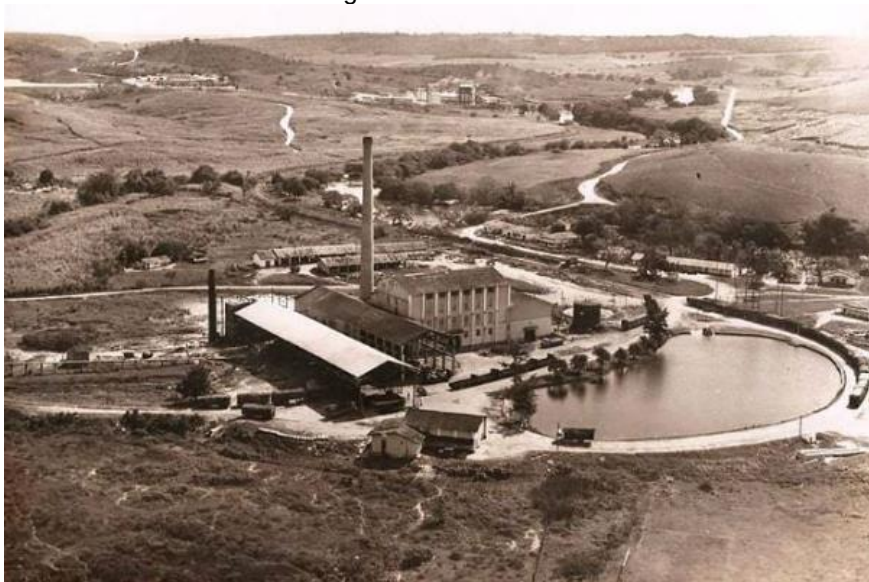
A Usina Utinga Leão ou Central Leão no curso de sua história teve expressividade econômica diante das demais usinas alagoanas. Em seu ano de fundação, nos limites da então vila de Rio Largo, a Fábrica Cachoeira já operava e a Fábrica Progresso iniciava suas atividades. Lessa (2013) atenta para a existência de uma divisão de poder econômico e político no território de Rio Largo entre a Usina e as fábricas têxteis. (RODRIGUES, 2017, p. 91).

Figura 19: Usina Utinga Leão em 1921.



Fonte: Terra das Alagoas, 1922.

Figura 20: Vista aérea da Usina Santa Clotilde.



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>6</sup>.

A Usina Utinga Leão foi implantada na zona mais afastada do centro da cidade (figura 22), sendo um foco de urbanização isolada na área rural rio-larguense, “[...] oferecia serviço médico e dentário. Tinha farmácia, ambulatórios e salas de operações. Havia ainda uma creche, uma vila operária e amplo estádio de futebol.” (TICIANELI, 2022). (figura 21).

Figura 21: Escola para filhos dos operários na Usina Leão Utinga.



Fonte: TICIANELI, 2022.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-KycMbZw-/>> Acesso em out. 2022.

Apesar de sua expressividade econômica e do destaque entre as usinas alagoanas, da sua estrutura industrial, vila operária e equipamentos urbanos, a usina não foi a responsável pela estruturação de Rio Largo como cidade. A origem do núcleo urbano de Rio Largo é atribuída a CAFT, pois sua vila operária foi responsável por formar outras aglomerações urbanas no território rio-larguense. (RODRIGUES, 2017, p. 92).

Figura 22: Relação entre a localização do centro e das usinas e destilaria.



Fonte: Google Earth, adaptado pela autora, 2022.

Tratando-se agora do foco de expansão urbana no sul do território de Rio Largo, destaca-se a Destilaria do Álcool, construída na década de 1940 e inaugurada em 22 de janeiro de 1961, pelo Instituto do Açúcar e Álcool – IAA. A destilaria foi implantada a quatro quilômetros de distância da área central e urbana da cidade, isolada espacialmente e teve um curto período de funcionamento, encerrando duas atividades em 1975. (OLIVEIRA, 2018, P. 26).



O projeto da Destilaria contava com moradias e equipamentos responsáveis por garantir a autossuficiência dos trabalhadores (figura 23, 24), entre eles cita-se os clubes, cinema, escola, creche, posto de saúde e o comércio. (OLIVEIRA, 2018, P. 177).

Figura 23: Antigo Ambulatório.



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Figura 24: Antigo escritório administrativo.



Fonte: Acervo da autora, 2022.

De acordo com Nascimento (2011, p. 200), “Junto aos prédios da Destilaria, foi erigida a Vila Residencial da Destilaria Central de Alagoas, que contava com quarenta casas destinada os operários – a Vila Operária – e 10 casas para funcionários mais qualificados e de cargos administrativos – a Vila dos Funcionários”.

O município está em fase de instrução no processo de tombamento da Destilaria Central de Alagoas e sua Vila Residencial. O processo foi solicitado pelo então superintendente do IPHAN/AL, Mário Aloísio Barreto Melo, através do

Memorando nº. 587/2009 GAB IPHAN/AL, enviado ao GPROT em dezembro de 2009, no qual se expôs a motivação para tal pedido:

Motiva-se o presente, pelo fato de a vila possuir conjunto considerável e ainda original de edifícios modernistas implantados seguindo uma proposta urbana bem definida com zoneamento típico de uma vila industrial, porém, sob o envoltório do pensamento Moderno, sendo exemplar raro e singular à história da arquitetura brasileira. (IPHAN, 2019).

Assim como a Usina Leão, a Destilaria também não foi responsável pela estruturação do núcleo urbano de Rio Largo, uma vez que se instalou de forma isolada do contexto citadino. Nesse ponto, mesmo sem diminuir a importância desse complexo, Rodrigues (2017 p. 135-136) questiona o fato de que existe apenas um estudo e proposta de tombamento realizado pelo IPHAN. A cidade possui “um dos maiores sítios industriais têxteis alagoanos” que também necessita de salvaguarda.

No documento de Instrução de Tombamento (MATOS et al, 2009) da DEC, o complexo das antigas fábricas de fiação e tecidos de Rio Largo é apenas citado, não mencionam os valores patrimoniais do conjunto, pois não era o foco do estudo. Ainda assim, segundo Rodrigues (2017 p.136), se os estudos fossem ampliados, seria identificado que além dos modelos urbanos industriais isolados do contexto citadino (como o caso da vila operária DEC), existe o modelo urbano industrial (sítio da antiga CAFT) “[...] que, ao mesmo tempo em que adentra sobre a cidade, e constitui o próprio contexto urbano de Rio Largo”. Ambos os modelos precisam do tombamento do conjunto edificado e salvaguarda de seus patrimônios culturais.

#### **2.1.4 ENCHENTES E A EXPANSÃO DA ÁREA URBANA PARA AS PERIFERIAS.**

As inundações tornaram-se mais recorrentes após a década de 1970 em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Segundo Monte (2013), o aumento da ocorrência das enchentes deve-se ao crescimento das cidades e o adensamento populacional urbano. Este processo faz parte da história de Rio Largo, uma vez que a cidade se desenvolveu às margens do Rio Mundaú, com alta densidade populacional herdada da implantação da indústria têxtil e da vila operária.

Em decorrência dos constantes transbordamentos do Mundaú e das destruições causadas pela força da água, iniciou-se gradativamente o processo de esvaziamento das margens, acelerado pela enchente de 2010. De acordo com Monte



(2013), na bacia hidrográfica do mundaú ocorreram grandes inundações nos municípios ribeirinhos, em que algumas provocaram fortes prejuízos e catástrofes.

Através de registros históricos, técnicos e jornalísticos, foi identificada a ocorrência de sete grandes enchentes nos últimos cem anos (cheia de 1914, 1941, 1969, 1988, 1989 2000 e 2010). Esses fenômenos naturais "afetaram significativamente a estrutura econômica, física e social das cidades ribeirinhas do rio Mundaú." (MONTE, 2013, p. 15). Sendo a cheia de 1969 responsável pelo maior número de mortes, pois ocorreu durante a noite.

Após acontecer inundações por dois anos seguidos na bacia do rio Mundaú, em 1988 e 1989, o Governo do estado de Alagoas, juntamente com o Governo Federal, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e Organização dos Estados Americanos (OEA), lançou em 1990 um relatório com medidas mitigadoras de inundações. Entre as medidas, destaca-se o aumento da capacidade da drenagem de água, reservatórios para a contenção de enchentes, reflorestamento da bacia hidrográfica, obras nas calhas dos rios e implantação de um sistema de alerta e prevenção contra enchentes. Porém, tais medidas nunca foram efetivamente colocadas em prática, sendo implantadas ações paliativas que não evitam a ocorrência de novos desastres. (MONTE, 2013, p. 16).

A enchente de 2010 é marcada pelas maiores mudanças socioespaciais decorrentes da destruição que atingiu a cidade (figura 25). Ela foi responsável pela perda histórico patrimonial de parcelas físicas e urbano-arquitetônicas das unidades fabris. Causou a destruição parcial de remanescentes fabris e em alguns casos, a perda total de casas pertencentes a vila operária, fato que retirou grande parcela da população residente nas casas da vila operário da cachoeira e gerou a expansão da malha urbana da cidade para as periferias de seu território.

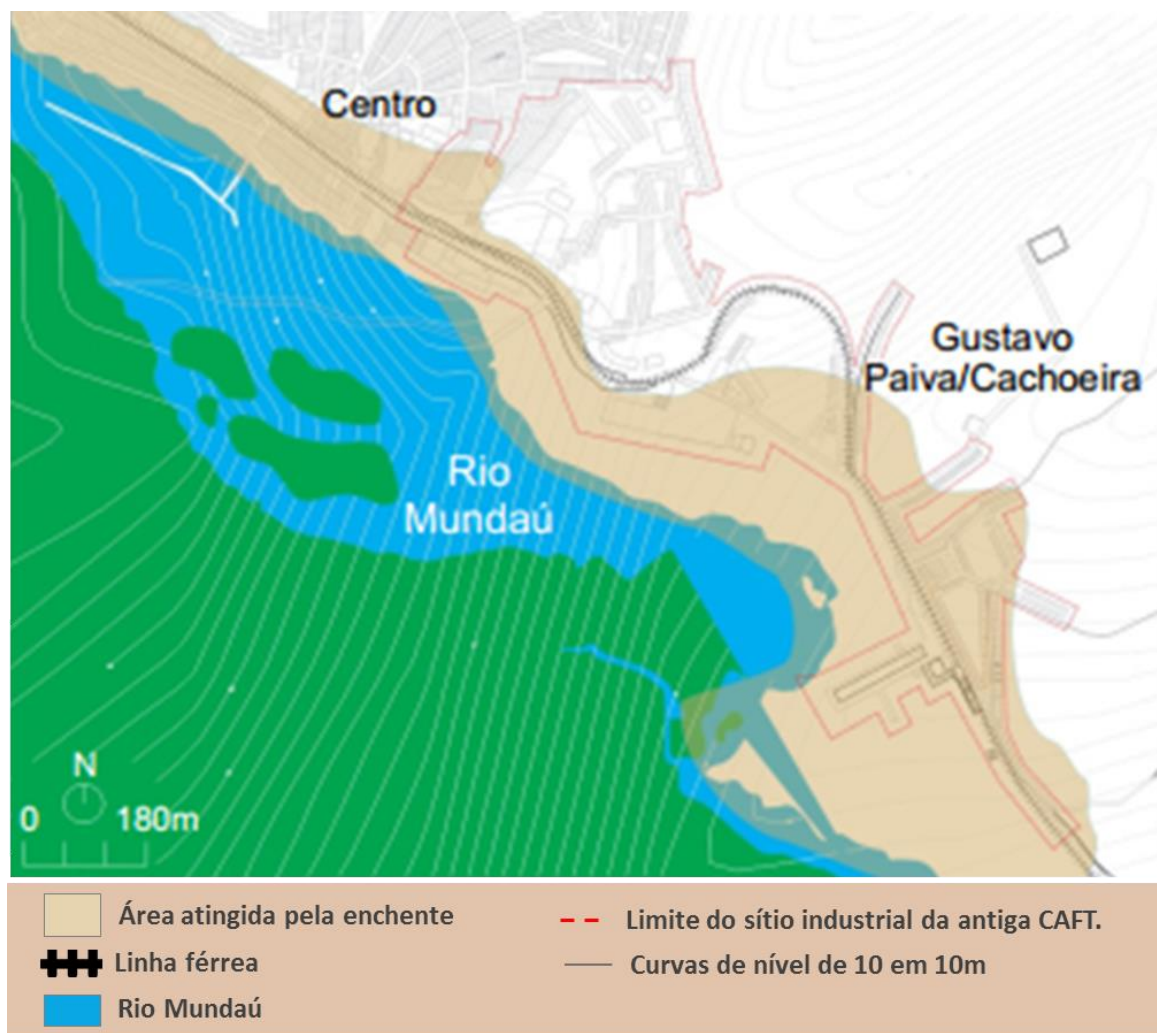
Após trinta anos da falência e processo de desmonte da CAFT, outro evento histórico atinge a cidade de Rio Largo e vitimiza a população e parte significativa dos exemplares da industrialização deixados pelo setor têxtil: a Enchente de 2010, decorrente das inundações das bacias Mundaú e Paraíba. (SOUZA, 2011).

Segundo Souza (2011 apud RODRIGUES, 2017), entre os prováveis fatores que causaram a enchente de 2010, pode-se destacar: o rompimento de barragens em Pernambuco; a ocupação urbana e a descaracterização ambiental; e o excesso de chuvas. Sendo o alto índice pluviométrico o fator principal. A força da água devastou

idades ribeirinhas pernambucanas e alagoanas, banhadas pela bacia do rio Mundaú, sendo Rio Largo umas das cidades mais afetadas.

[...] Havia uma movimentação de cidade de interior até a data da enchente. Hoje as casas fechadas ou abandonadas aparentam cidades fantasmas, onde o tempo passou e Cachoeira foi esquecida, mas, não resta dúvida, de alguma forma terá que renascer. Hoje, além de testemunho de tempos que se foram, no que diz respeito ao têxtil, Cachoeira indica um lugar de tragédia, onde muita gente e muito sonho se afogaram (CASTRO; ALMEIDA, 2010, grifo nosso).

Figura 25: Espacialização da área atingida pela enchente de 2010 em Rio Largo/AL.



Fonte: Rodrigues, 2014. Adaptado pela autora, 2022.

A destruição causada pela violência da água não impactou apenas a estrutura física da cidade, mas, causou impacto na vida das pessoas que presenciaram e foram vítimas da catástrofe de 2010 (figura 26). “A perda súbita da moradia, que, mesmo pertencente a um conjunto fruto da reprodução de um modelo arquitetônico, tinha a

identidade do morador em seu interior, em objetos de uso e recordação que foram carregados pelo Rio Mundaú.” (CASTRO; ALMEIDA, 2010).

Figura 26: Destruição causada pela enchente de 2010 em Rio Largo/AL.



Fonte: Antônio Cruz, 2010.

A Enchente de 2010 ficou impressa nos vestígios materiais da indústria têxtil de Rio Largo. Parcela das casas que compõem a antiga vila operária transformaram-se em restos de construção, possuem em suas fachadas marcas do nível que o Rio Mundaú atingiu, ou foram condenadas como área de risco pela Defesa Civil e tiveram seus vãos isolados. Este evento se somou à paisagem da falência da CAFT e atribui à área da antiga Fábrica Cachoeira um caráter específico, com espaços desocupados, e com dinâmica divergente daquela do Centro da cidade. (RODRIGUES, 2017, p. 91)

Toda a área da CAFT foi atingida pela enchente, porém, o sítio da Fábrica Cachoeira, localizado na cota mais baixa do relevo, foi o mais atingido. Muitas moradias foram destruídas ou tiveram sua estrutura comprometida, os trilhos foram contorcidos e saíram do eixo (figura 27).

Figura 27: Destruição causada pela enchente de 2010 em Rio Largo/AL



Fonte: Arapiraca Notícias, 2015.



Dentre os marcos históricos que foram destruídos pela enchente, pode-se destacar a ponte ferroviária que foi construída no século XIX pelos ingleses da Great Western (figura 28), que fazia a ligação entre a Fazenda Riachão e o bairro Lourenço de Albuquerque foi completamente arrastada pelas águas do rio Mundaú. Como também, o Calçadão da rua do Comércio (figura 29), área de lazer e entretenimento da população e todo o povoado de casas situadas na Ilha Angelita (figura 30).

Figura 28: Ponte ferroviária.



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>7</sup>.

Figura 29: Calçadão da rua do Comércio que foi destruído pela enchente de 2010, Rio Largo/AL.



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/Bylsab-l9LW/>> Acesso em jun. 2022.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CIVQx8UhlMX/>> Acesso em jun. 2022.

Figura 30: Destruição causada pela enchente de 2010 na Ilha Angelita, Rio Largo/AL.



Fonte: Youtube, 2010.

O eixo de expansão mais recente se deu como consequência da enchente de 2010, que devastou a região central e adjacente do município, e deixou quase 300 famílias desabrigadas. Conjuntos habitacionais foram construídos (figura 31, 32, 33, 34, 35), formando novos bairros localizados nas periferias da cidade. Pode-se dizer que a evolução urbana nem sempre representa constantes saldos positivos.

Figura 31: Conjunto Habitacional Antônio Lins.



Fonte: Aqui Acontece, 2013.

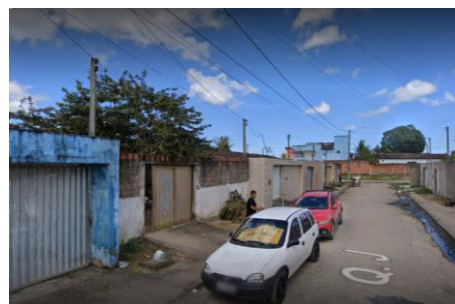
Figura 32: Conjunto Habitacional Jarbas Oiticica.



Fonte: Secretaria de Estado da Segurança Pública, 2017.



Figura 33: Conjunto Habitacional Bosque dos Palmares.



Fonte: Google Maps, 2022.

Figura 34: Conjunto Habitacional Barnabé.



Fonte: Solidez Engenharia, 2013.

Figura 35: Conjunto Habitacional Edson Novais.



Fonte: G1 Globo, 2018.

No início de julho de 2022, Rio Largo foi novamente devastada pela cheia do Rio Mundaú. A defesa civil informa que choveu em um dia o estimado para o mês inteiro. O volume elevado da chuva causou estragos semelhantes aos da enchente de 2010. Mais uma vez, o bairro Gustavo Paiva foi o mais atingido, devido ao fato de estar situado no nível mais baixo do relevo. E também houve pela segunda vez consecutiva o afundamento de parte da via de ligação entre o centro e o bairro Gustavo Paiva (figura 36), interrompendo a passagem de veículos e o serviço de transporte ferroviário. (g1 AL, 2022)

Figura 36: Cratera aberta pela força da água.



Fonte: G1 AL, 2022.

Conforme análise, pode-se afirmar que a indústria têxtil e as enchentes foram grandes agentes de transformação do território rio-larguense, porém, as enchentes são cíclicas e estão presentes ao longo de toda a história de Rio Largo e dos municípios ribeirinhos banhados pelo Mundaú. Destaca-se que a ocorrência inicia com intervalos de aproximadamente de trinta anos, seguidos pela ocorrência em dois anos consecutivos e as três últimas enchentes possuem um intervalo médio de dez anos.

Ainda assim, de forma persistente, o patrimônio industrial e seu legado resistem em meio às ruínas de seus remanescentes arquitetônicos e urbanísticos, bem como, através da memória dos que viveram a fábrica e do vasto acervo documental e iconográfico da época.



# 3

## MEMÓRIA

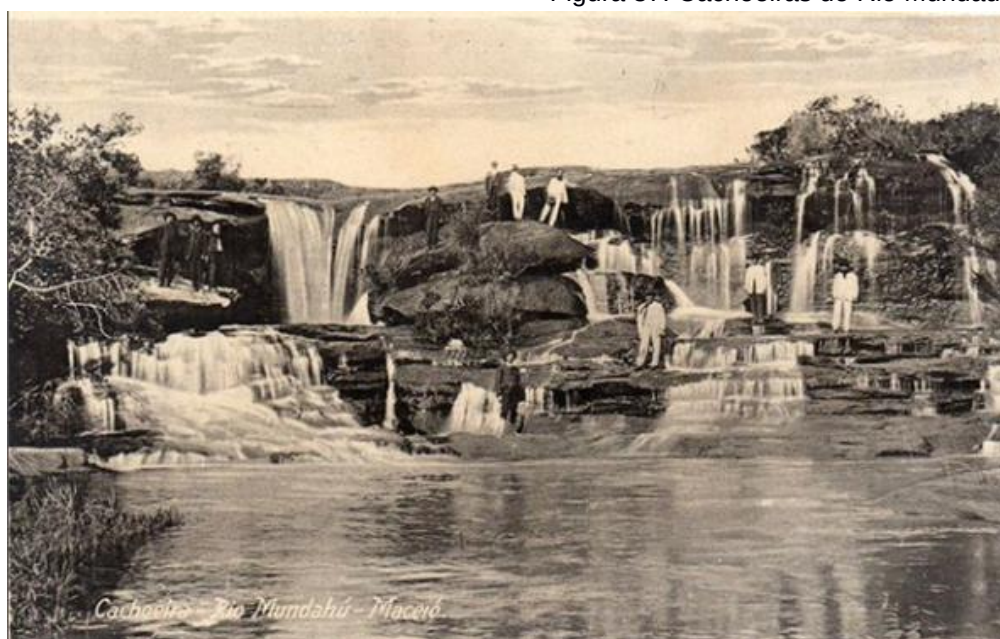
Buscando dar continuidade a narrativa do processo de formação do núcleo urbano da cidade, depois dos estudos sobre a formação territorial rio-larguense, esse capítulo é destinado a analisar o papel da indústria têxtil na formação urbana da cidade de Rio Largo e apresentar o patrimônio arquitetônico e urbano, bem como, sua disposição espacial e seu valor afetivo para a população rio-larguense.



### 3.1 FÁBRICA CACHOEIRA: PAPEL DA INDÚSTRIA TÊXTIL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO NÚCLEO URBANO DA CIDADE DE RIO LARGO

As margens do Rio Mundaú, no trecho de encachoeiramento<sup>9</sup> (figura 37), “delimita a maior área de concentração de uma arquitetura específica característica do século XIX, compondo um arranjo físico da indústria têxtil.” (CASTRO, 2014, p. 60). Nesta localidade estão inseridos exemplares remanescentes do período têxtil que se destacam na paisagem atual e que possuem uma expressiva tipologia arquitetônica da época. “[...] o que se deu nesta área foi a inserção de uma cidade a um complexo fabril – tendência comum ao Brasil da República Velha.” (CASTRO, 2014, p. 60).

Figura 37: Cachoeiras do Rio Mundaú.



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>10</sup>.

A característica principal dos edifícios e sítios voltados à produção, segundo pontuou Rahola, 2007 (apud Rodrigues, 2014), é a sua funcionalidade. Com o objetivo de atingir o melhor desempenho das atividades produtivas, era levado em consideração o fluxo de pessoas, de máquinas e materiais. E em Rio Largo, assim como em grande parte das indústrias brasileiras, esses também foram os princípios norteadores das fábricas e dos equipamentos necessários para promover a autossustentabilidade do complexo fabril e sua independência das cidades vizinhas.

<sup>9</sup> Treco mais largo do Rio Mundaú em que há um desnível brusco e causa uma grande queda de volume de água e dá origem a cachoeiras.

<sup>10</sup> Disponível em: < [https://www.instagram.com/p/CUPaf1\\_NGf0/](https://www.instagram.com/p/CUPaf1_NGf0/)> Acesso em jun. 2022.



[...] de acordo com o que foi verificado na composição urbana de Rio Largo, o edifício fabril situa-se na área privilegiada em infraestrutura e ocupa a região mais plana do lugar, isso condicionou ao núcleo urbano ocupar as áreas de relevo acidentado. Essa característica é verificada à medida que é construída a vila operária da empresa (RODRIGUES, 2017, p. 72)

Em seu trabalho, Rodrigues sintetiza os valores e atributos que o sítio industrial da CAFT apresenta:

Tabela 01: Síntese de valores e atributos do sítio da antiga CAFT

| VALOR                    | ATRIBUTO                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|--------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Valor de origem</b>   | - Traçado urbano: construiu o primeiro parcelamento do solo com características que possibilitassem uma dinâmica urbana.                                                                                                                                                                                         |
| <b>Valor econômico</b>   | - Rio Mundaú e linha férrea: possibilitaram a implantação da CAFT no sítio.<br>- Edifícios industriais e equipamentos urbanos que indiretamente estavam relacionados com a produção fabril no período têxtil;<br>- Edifícios da antiga CAFT que estão em reuso sob a administração dos herdeiros da antiga CAFT. |
| <b>Valor de paisagem</b> | - Rio Mundaú, linha férrea, relevo, vegetação;<br>- Configuração espacial dos edifícios industriais, equipamentos urbanos e vilas operárias;<br>- Linearidade da distribuição dos equipamentos;<br>- Relação entre ambiente natural e cultural;<br>- Ruínas industriais.                                         |
| <b>Valor de conjunto</b> | - Grupos de moradias de mesmo modelo arquitetônico;<br>- Relação intrínseca entre os edifícios de produção, equipamentos urbanos e moradias.                                                                                                                                                                     |
| <b>Valor urbanístico</b> | - Traçado urbano;<br>- Distribuição dos equipamentos urbanos, edifícios industriais e moradias dos operários;<br>- Distribuição dos modelos arquitetônicos no espaço;<br>- Apropriação e relação com o ambiente natural;                                                                                         |

|                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-----------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                             | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Rebatimento da hierarquização no ambiente fabril para o espaço urbano;</li> <li>- Modelo urbano fundando numa ideologia industrial.</li> </ul>                                                                                                                                                                |
| <b>Valor tecnológico</b>                                                    | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Rede de transporte: sistema ferroviário;</li> <li>- Sistemas estruturais: barragem, muro de contenção e aqueduto.</li> </ul>                                                                                                                                                                                  |
| <b>Valor arquitetônico</b>                                                  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Edifícios industriais; equipamentos urbanos construídos pela CAFT; palacete dos proprietários; moradias da vila operária que seguem estilos arquitetônicos que estavam em voga no período de construção.</li> <li>- Estilos: neoclássico, eclético, neocolonial, art déco e moderno.</li> </ul>               |
| <b>Valor ideológico</b><br>[do período têxtil com reflexos nos dias atuais] | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conformação espacial de disciplina e vigilância;</li> <li>- Educação dos operários (por meio do Grupo Escolar Gustavo Paiva), propagação da fé católica (Igreja Sagrado Coração de Jesus), controle das atividades e da vida privada dos operários</li> </ul>                                                 |
| <b>Valor sociocultural</b><br>[do período têxtil]                           | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Assistências: saúde (Departamento de Saúde), educação (Grupo Escolar Gustavo Paiva), cultura e lazer (Cine Teatro Guarany, Cassino), orientação religiosa (Igreja Sagrado Coração), socialização (Restaurante Operário), esporte (futebol), festividades.</li> </ul>                                          |
| <b>Valor Afetivo</b>                                                        | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Rememoração dos atributos que construíam dos valores socioculturais do período têxtil;</li> <li>- Ruínas e edifícios íntegros abandonados;</li> <li>- Dinâmica urbana do período têxtil;</li> <li>- Oferta de emprego e festividades de outrora;</li> <li>- Marcas deixadas pela Enchente de 2010.</li> </ul> |
| <b>Valor Comemorativo</b><br>[no período têxtil]                            | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Praça 15 de Outubro.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Valor de uso</b>                                                         | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Moradias da antiga vila operária ocupadas;</li> <li>- Igreja Sagrado Coração de Jesus; Casa da gerência; Palacete; antiga Fábrica Progresso (considerando seu desmembramento); antigo Cine Teatro Guarany;</li> </ul>                                                                                         |

|                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                              | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ruínas da antiga Fábrica Cachoeira – conflito com o valor de antiguidade;</li> <li>- Trem;</li> <li>- Estações Ferroviárias.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Valor de Antiguidade</b>                                                                                                                  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ruínas da antiga Fábrica Cachoeira – conflito com o valor de uso;</li> <li>- Ruínas do antigo edifício administrativo e almoxarifado;</li> <li>- Ruínas do antigo Departamento de Saúde;</li> <li>- Ruínas do antigo Grupo Escolar Gustavo Paiva;</li> <li>- Ruínas do antigo Restaurante Operário;</li> <li>- Novas ruínas de moradias atingidas pela Enchente de 2010.</li> </ul> |
| <b>Valor de Novidade</b><br>[Edifícios que tem a manutenção de sua unidade estilística por meio de intervenção de restauração (RIEGL, 2014)] | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Palacete;</li> <li>- Praça 15 de Outubro;</li> <li>- Igreja Sagrado Coração de Jesus;</li> <li>- Área do Shopping Fábrica Progresso;</li> <li>- Veículo Leve Sobre Trilhos (VLT) – atualização do ritmo do trem.</li> </ul>                                                                                                                                                         |
| <b>Valor Histórico e Documental</b>                                                                                                          | <ul style="list-style-type: none"> <li>- O sítio representa quatro temporalidades:               <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Apogeu industrial têxtil;</li> <li>2) Falência e desmonte da CAFT;</li> <li>3) Enchente de 2010;</li> <li>4) Reinserção de parte das instalações fabris à urbanidade.</li> </ol> </li> </ul>                                                                                      |

Fonte: Rodrigues, 2014.

A Fábrica Cachoeira e a Fábrica Progresso foram implantadas nas áreas planas do relevo, seguindo o alinhamento da linha férrea e do rio Mundaú, em seu trecho mais largo e encachoeirado que favorecia a captação da energia necessária para a alimentação dos maquinários. Os equipamentos urbanos também foram implantados nas parcelas planas e seguindo o mesmo alinhamento das fábricas.

Parte da vila operária ocupou esse mesmo curso e de acordo com seu crescimento, foram ocupando as parcelas de aclives acidentados, distribuídas no entorno próximo do complexo, alinhadas lado-a-lado e em sua maioria geminadas.

Segundo Castro (2014, p.60), "Esse arranjo arquitetônico de traçado urbanizador implantado pela indústria têxtil representava o desenvolvimento de um simulacro de vida urbana em torno do Rio Mundaú."

A fluidez com que os remanescentes da CAFT se apresentam no espaço citadino permite uma leitura contínua da cidade. Não há limites físicos perceptíveis entre o território da cidade aberta e o pertencente aos herdeiros da antiga indústria têxtil, que ainda estão sob tutela de parcela dos remanescentes da CAFT. O antigo sítio industrial não está apenas inserido no contexto citadino, ele representa o prolongamento do espaço fabril à cidade e é a partir dele que resultará a continuidade espacial (RODRIGUES, 2017, p. 92).

Como foi mencionado no capítulo anterior, a indústria têxtil foi responsável pela origem do núcleo urbano e a elevação da vila de Rio Largo à categoria de cidade, e através dela, a cidade expandiu sua malha urbana, "[...] e cresceu para além do percurso linear definido pelo sítio industrial da CAFT. (RODRIGUES, 2017, p. 94).

A via que interligava os elementos do sítio e que, segundo Castro (2015), direcionava e facilitava o sistema de produção por meio da relação entre a fábrica e o operário, manteve-se como principal eixo de ligação e acesso ao núcleo urbano da cidade, sendo incorporada por esta como Av. Comendador Luiz Jardim, na parte baixa da cidade, e Av. Getúlio Vargas, na parte alta. Consiste numa rodovia estatal denominada AL-210, pelo estado de Alagoas. (RODRIGUES, 2017, p. 94).

Ao analisar o mapa com a espacialização (figura 38) da distribuição dos equipamentos implantados pela indústria têxtil em Rio Largo, é possível identificar que as instalações das principais atividades urbanas seguem um curso linear, alinhadas paralelamente, com a linha férrea e o rio Mundaú, "talvez mantendo uma lógica de eixo e disposição física." (CASTRO, 2014, p. 56).

Para Rodrigues, "A paisagem urbana de Rio Largo foi condicionada pela indústria têxtil". (RODRIGUES, 2017, p. 94). Sendo o rio e a linha férrea os elementos norteadores para a espacialidade linear adotada pela CAFT. Esses elementos, além de indispensáveis na produção e distribuição têxtil, "são estruturadores e mostram-se direcionadores do desenvolvimento do lugar. Tais elementos configuram e dão forma urbana a Rio Largo representando, sobretudo, um valor urbanístico." (RODRIGUES, 2017, p. 84).

Seguindo esse mesmo alinhamento, se instaurou a maior parte comercial da cidade, sendo nessa área, até os dias atuais, o centro comercial e histórico do município. Essa localidade abrigou no período têxtil as fábricas, o restaurante, o grupo

escolar, as estações, a oficina, o setor administrativo e outros, e hoje, além da ruína desses edifícios, abriga os serviços, a feira livre, bancos, edifícios da administração pública e outros. " As demais funções urbanas passaram a ocupar as encostas suaves posteriores a esse percurso, ocupação iniciada pelas vilas operárias da CAFT".(RODRIGUES, 2017, p. 82)

A formação socioeconômica de Rio Largo demonstra uma dependência em todos os aspectos da vida do operário pela instituição fabril. Desde suas necessidades de saúde, trabalho, moradia e educação, até o próprio lazer. Aos poucos cada um desses equipamentos condicionava a expansão urbana da cidade, atraindo outros serviços, desenhando um espaço urbano que tinha como núcleo fundador uma ideologia industrial do final do século XIX. (RODRIGUES, 2017, p. 83)

Ainda conforme a análise do mapa de espacialização (figura 38), existe na parte alta da cidade, uma concentração da maior parte dos equipamentos urbanos na cota mais alta do relevo da cidade, próximos a Fábrica Processo, localidade do centro comercial atual. Para Castro, umas das justificativas para tal concentração está no fato que a área mais baixa, onde está inserida a Fábrica Cachoeira, era a mais atingida pelas enchentes. A autora pontua ainda, como possibilidade dessa concentração a proximidade da área com a Casa Grande do Gustavo Paiva, uma vez que favorecia a vigilância e controle das atividades dos operários.

Rodrigues (2017, p. 85) reforça o fato da implantação ter levado em consideração a geomorfologia do sítio, sendo escolhida a área mais plana e mais alta do relevo, bem como, a adoção de um zoneamento funcional voltado às atividades fabris e urbanas, e o embelezamento, já que essa área é um dos principais acessos para a cidade e os edifícios se destacavam das demais edificações que eram voltadas para moradia dos operários e ficavam por trás dos imponentes prédios fabris, representantes dos estilos arquitetônicos do período têxtil.

A história da vida urbana rio-larguense está intrinsicamente relacionada à implantação e desenvoltura econômica da indústria têxtil. Seu ambiente citadino ainda possui reflexos desse passado. Rio Largo é, em parte, resultado das consequências históricas da CAFT e seus habitantes e transeuntes as vivenciam por meio da pátina material e imaterial deixadas pela indústria. O valor histórico desse legado que tem origem no processo de industrialização dá indícios de que se constitui um patrimônio industrial. [...] Na CAFT são encontrados parte dos valores elencados para o patrimônio industrial pela Nizhny Tagil (ICOMOS, 2003): valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico. Esses valores são atribuídos aos remanescentes materiais. Além deles outros podem ser atribuídos ao antigo sítio industrial da CAFT como o valor econômico, valor ideológico, valor cultural, valor de



paisagem, valor de conjunto, valor urbanístico, valor de origem, valor afetivo etc. (RODRIGUES, 2017, p. 125)

Nas primeiras décadas do século XX, o algodão desfruta de uma prosperidade com proporções nunca antes alcançadas. “A indústria de fiação e tecelagem foi se consolidando [por volta de 1940] e constituindo-se num espaço econômico, ideológico e político bastante particular em relação aos antigos e novos espaços da sociedade alagoana.” (LESSA, 2008, p.03) Porém, a decadência do algodão em alagoas acarretou o desmonte das indústrias têxtil em rio Largo e ocasionou o declínio das estruturas desses complexos, agravada pelas enchentes, que provocou perdas significativas de seus maquinários e de partes de seu patrimônio arquitetônico e urbano.

O encerramento das atividades das fábricas de tecido deixou vestígios bem visíveis em Rio Largo, principalmente no bairro Gustavo Paiva, área em que está situada as Ruínas da Fábrica Cachoeira, assemelhando-se a um bairro fantasma, tal é o nível de abandono em que se encontra, acelerado pelas últimas enchentes. Houve a diminuição drástica da vitalidade e a área assumiu um aspecto físico-espacial de abandono e a maior parte de seus edifícios, do centro e de Gustavo Paiva, encontram-se em desuso e sem ações para a salvaguarda do legado têxtil da cidade.

### **3.2 ELEMENTOS URBANO-ARQUITETÔNICOS QUE CONDICIONARAM A PAISAGEM DE RIO LARGO**

A partir dessa problemática partiu-se para um levantamento iconográfico dos principais elementos urbano-arquitetônicos que condicionaram a paisagem de rio largo, no tempo áureo da indústria têxtil. Com o intuito de resgatar e registrar o legado arquitetônico e urbanístico, bem como, o valor afetivo desses patrimônios.

O número de elementos selecionados para os estudos nessa região indica a importância deles para a produção fabril da época e para a construção do núcleo urbano e a formação da cidade. Dentre os exemplares identificados previamente pelas fontes acima citadas e pelas derivas no meio digital, dezenove foram aprofundados neste trabalho, sendo determinante para a escolha, a quantidade de iconografias encontradas e a riqueza do ponto de vista investigativo.



Figura 38: Mapa com a espacialização da CAFT.

1. Estação Gustavo Paiva
2. Igreja Sagrado coração de Jesus
3. Vila Operária
4. Fábrica Cachoeira
5. Praça 15 de Outubro
6. Oficina (almoxarifado)
7. Edifício Administrativo
8. Casa Gerência
9. Departamento de Saúde
10. Casa Grande – Gustavo Paiva
11. Fábrica Progresso Alagoano
12. Restaurante
13. Grupo Escolar Gustavo Paiva
14. Cinema Guarany
15. Tipografia
16. Cassino
17. Piscina
18. Comércio de Rio Largo
19. Estação Central Rio Largo

--- Linha Férrea  
— Via de acesso  
— Rio Mundaú

Fonte: Google Earth, adaptado pela autora, 2022.



## 1. ESTAÇÃO GUSTAVO PAIVA

A estação ferroviária Gustavo Paiva foi inaugurada em 1884 entre a estação de Utinga e a estação Rio Largo. Devido a sua proximidade com a Fábrica Cachoeira, a estação tinha um papel importante no transporte de operários, insumos e escoamento da produção.

Figura 39 - Estação Gustavo Paiva, em Cachoeira, na década de 1950.



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>11</sup>.

## 2. IGREJA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

No período têxtil, a maior parte dos rio-larguenses eram católicos. Para somar com a orientação educacional proporcionado pelo complexo fabril, foi inaugurada em 1924 a igreja Sagrado Coração de Jesus, como instrumento da orientação religiosa. Localizada na cota abaixo do nível do rio, próxima a estação ferroviária de Gustavo Paiva e a Fábrica Cachoeira.

A obra foi finalizada seis anos após a implantação da Fábrica Cachoeira, mas seu projeto estava pronto em 1891, com referências da arquitetura neogótica. Do papel da igreja na memória coletiva destaca-se o fato do terreno do seu entorno ter abrigados diversas festas

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/ChjoT-jNJo1/>> Acesso em jun. 2022.

comemorativas, a igreja cumpriu a trágica missão de abrigar os moradores que foram atingidos pela enchente, visto que mesmo depois de passar por várias inundações, a construção preservou sua integridade. (RODRIGUES, 2017, p. 80)

Figura 40 e 41 – Igreja Sagrado Coração de Jesus.





COMENTÁRIOS FEITOS POR USUÁRIOS DO INSTAGRAM -  
@riolargoantigaoficial

Cnozinho: "Esse patrimônio histórico está abandonado. Uma vergonha."

nostra salute: "Essa igreja ainda está em funcionamento? Passo por ela quase todos os dias e só a vejo fechada, um patrimônio desses tem que ser mostrado mais."

Margarete3025: "Muito linda, tanto antes, quanto depois. Nessa igreja, onde fui batizada, crismada, fiz a primeira comunhão, meu filho também foi batizado, tudo são lembranças repletas de saudades"

Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>12</sup>

### 3. VILA OPERÁRIA

A vila operaria foi construída para abrigar os funcionários da CAFT e com o passar dos anos alcançou um grande sucesso e se multiplicou "gerando toda uma mística em torno da ordem urbana e social que incorporaram" (Correia, 1998, p. 10 apud Castro, 2014, p.32). De acordo com as pesquisas feitas por Castro e Xavier, o número de residências ultrapassou a quantidade de 800 unidades. E essas edificações residenciais eram divididas, no geral, em 4 modelos, de acordo com a finalidade que teriam. "Havia as casas dos operários, dos fiscais ou mestres, dos contramestres ou dos mestres e as casas dos gerentes, formando um arranjo arquitetônico." (CASTRO, 2014, p. 66)

<sup>12</sup> Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CF7QXWhFzTo/> > Acesso em jun. 2022.



Figura 42 e 43: A vila operária no bairro de Cachoeira, na década de 40.



COMENTÁRIOS FEITOS POR USUÁRIOS DO INSTAGRAM - @riolargoantigaoficial

[carem.ln](#): "Minha terraaaaaa❤"

[Correiaanadelia](#): "Meus avós moravam aí, nessa época minha mãe ainda era criança."

[Andreins76](#): "Minha amada comunidade!!"

[Henriqueandrea](#): "Brinquei mt pulando esses muros kkk"

[Hekelmanntorress](#): "COISA LINDAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA DE SE VER !!!"

[Carlstenes](#): "Conheci como rua dos bangalôs tive muitos amigos ai nessa rua nos anos 70"

Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>13</sup>

#### 4. FÁBRICA CACHOEIRA

"A Fábrica da Cachoeira, onde se processava toda a tecelagem e os acabamentos foi locada na parte baixa do povoado, dispondo de acesso pela proximidade à Estação Férrea de Gustavo Paiva. (CASTRO, 2014, p. 57)

<sup>13</sup> Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/B3UmJdNhJKI/> > Acesso em jun. 2022.

Localizada no Bairro Gustavo, conhecido pela grande parcela da população por Cachoeira, principal entrada da cidade, a Antiga Fábrica de Tecidos Cachoeira é um dos principais exemplares do patrimônio industrial na cidade de Rio Largo. A Fábrica foi inaugurada em 1888 e teve suas atividades encerradas em 1968.

De acordo com Rodrigue (2014), por conta de sua escala, a chaminé da Fábrica Cachoeira se configura como marco referencial para a cidade e faz uma composição com o ambiente natural, representado pelo rio e pela vegetação.

Figura 44: Operários retornando para suas casas após um dia de trabalho na Fábrica Cachoeira.



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/B3UmJdNhJKI/> > Acesso em jun. 2022.

## 5. PRAÇA 15 DE OUTUBRO; 6. EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO; 7. OFICINA E ALMOXARIFADO.

A Praça 15 de Outubro, que atualmente se chama Praça Francisco Tavares Granja, foi inaugurada em 1938, em comemoração aos cinquenta anos de implantação da Fábrica Cachoeira. O edifício administrativo à esquerda da imagem (figura 45) e a direita a oficina e almoxarifado.

Figura 45: Praça 15 de Outubro e edifícios de entorno.



COMENTÁRIOS FEITOS POR USUÁRIOS DO INSTAGRAM - @riolargoantigaoficial

jessykaa.Albuquerque: "Como era lindo, local que meus avos dizia que era ponto de encontro para os casais"

heleninha\_Alves: "Para mim é a parte mais bonita de Rio Largo sabia?!"

jessykaa.Albuquerque: "Que lindo vê essas fotos, minha avô já contou varias histórias ela trabalhou na fabrica de tecido."

soniaamaríaa20: "Minha linda Rio Largo esquecida bom tempo 🥺"

fatimajacinta: "Desse mesmo jeitinho. Lembro me como se fosse hj. Essa praça era um luxo só"

Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bw8D9FEny9v/>> Acesso em jun. 2022.



## 8. CASA GERÊNCIA

Segundo relato de antigos moradores da região, no prédio conhecido como Casa Gerência abrigou a primeira escola de Rio Largo e durante a década de 1920 foi a residência do Comendador Luiz Jardim, funcionário de alto escalão da companhia.

Figura 46: Fachada da antiga casa gerência.



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>16</sup>

## 9. DEPARTAMENTO DE SAÚDE

O Departamento de saúde, implantado próximo a casa grande de Gustavo Paiva, na parte alta da cidade, foi construído com o objetivo de evitar o deslocamento dos operários para capital e mantê-los dentro do espaço têxtil. (CASTRO, 2014, p. 70). O edifício do Departamento de Saúde apresenta predominantemente o estilo neocolonial e abrigava além dos laboratórios clínicos, uma creche de suporte para os filhos das operárias. (RODRIGUES, 2017, p. 81)

<sup>16</sup> Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CRJJOF\\_sQJL/](https://www.instagram.com/p/CRJJOF_sQJL/)> Acesso em jun. 2022.

Figura 49 e 50: Praça 15 de Outubro.



COMENTÁRIOS FEITOS POR USUÁRIOS DO INSTAGRAM - @riolargoantigaoficial

Maiacmakeup: "Imagem reflexiva ,um tempo que eu adoraria ter vivido. "

edilson estevao : "Ruínas a verdade só ficou a história "

renatacerqueira.adm: ":eu tava em dúvida entres os dois, mas era bonito viu? Pena q os donos não conseguiram conserva lo "

Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>17</sup>

## 10.CASA GRANDE – GUSTAVO PAIVA

O Casarão dos Paiva, disposto no ponto mais alto do complexo, em uma localização estratégica e com vista privilegiada das duas fabricas, de forma que fosse possível manter o controle do complexo e de seus operários através do olhar vigilante.

<sup>17</sup> Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CRJJOF\\_sQJL/](https://www.instagram.com/p/CRJJOF_sQJL/)> Acesso em jun. 2022.



(CASTRO, 2014, p. 180). Construído em 1916, em estilo eclético, “diferenciava-se de todo conjunto do complexo: possuía dois pavimentos, numerosos cômodos, recuos, localização imponente e acabamento primoroso.” (CASTRO, 2014, p. 67).

Figura 51: Casa Grande – Gustavo Paiva.



Fonte: Toni Cavalcante, 2011.

## 11. FÁBRICA PROGRESSO ALAGOANO

Fundada em 1892, após cinco anos da inauguração da Fábrica Cachoeira. Localizada mais alta do complexo têxtil, a Fábrica Progresso era responsável pela fiação. Sua construção compõe com o ambiente urbano e sua chaminé, de acordo com Rodrigues (2014), pode ser considerada como um marco referencial pela sua escala, pode ser visualizada em diversos pontos da cidade.

Figura 52: Fábrica Progresso Alagoano.



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no Instagram<sup>18</sup>

## 12.RESTAURANTE

O Restaurante Operário foi implantado próximo as duas Fábricas, ao lado do grupo escolar Gustavo Paiva. O edifício possui referencias da arquitetura neocolonial e abrigava o refeitório, frigorífico e padaria (CASTRO, 2014, p. 71).

---

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B7yYRh5FYU8/>> Acesso em jun. 2022.



Figura 53 e 54: Restaurante Operário



COMENTÁRIOS FEITOS POR USUÁRIOS DO INSTAGRAM - @riolargoantigaoficial

romisson Valentim: "Quantas belezas que hoje não existem mais."

maiacmakeup: "Eu sempre passo por esses prédios antigos e fico tentando imagina esse tempo áureo da nossa cidade, por que se acabou??? E por que não voltar? É tão triste ver que uma cidade de progresso, conhecida nacionalmente por seu império têxtil e economia local, se tornou uma cidade com tão pouca visibilidade, e a visibilidade que tem é sobre seus escândalos políticos, insegurança e problemas de infraestrutura. Lamentável."

romisson Valentim: "Quantas belezas que hoje não existem mais."

Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>19</sup>

### 13. GRUPO ESCOLAR GUSTAVO PAIVA

Primeira instituição voltada para a educação em Rio Largo. O Grupo Escolar Gustavo Paiva foi inaugurado em 1919. Através dessa instituição, a CAFT tinha o objetivo de formar mão de obra disciplinada e alinhadas com o interesse fabril. Era a CAFT que

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BwsATDeHOTo/>> Acesso em jun. 2022.

custeava todos os gastos que envolviam a educação. "O Grupo Escolar Gustavo Paiva (figura 41) foi implantado em frente à Fábrica Progresso, margeado aos fundos pelo Rio Mundaú, apresentava grandes salas e estrutura física, e encaminhava interessados a tocar na banda feminina" (CASTRO, 2014, p. 67).

Figura 55 e 56: Grupo Escolar Gustavo Paiva.



COMENTÁRIOS FEITOS POR USUÁRIOS DO INSTAGRAM - @riolargoantigaoficial

lietevasconcelos: "Com muito orgulho estudei nesse Colégio...fiz Pedagógico. Contabilidade 🍷🍷🍷🍷🍷🍷"

Cezarsezar: "Muito triste, infelizmente nossa memória histórica não é suficiente pra manter laços de pertencimento a essa cidade, por isso é tão importante a revitalização desses espaços. Quando teremos isso por aqui?"

maiacmakeup: "É triste de ver uma parte importante da história de rio largo se perdendo desse jeito. Um colégio que foi modelo para todas as escolas em sua época de Glória. Lamentável!"

Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>20</sup>

#### 14. CINE TEATRO GUARANY

Fundado e, 1942, o Cine Teatro foi mais um equipamento urbano destinado a difusão da cultura e lazer. O prédio possui referencias do estilo Art Decó (Figura 64)

<sup>20</sup> Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/B7dP1WYIsfL/> > Acesso em jun. 2022.



e era palco de apresentações e atividades culturais promovidas pelo Grupo Escolar Gustavo Paiva (RODRIGUES, 2017, p. 82).

Figura 57: Cine Teatro Guarany.



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>21</sup>

## 15. TIPOGRAFIA

Como um dos equipamentos de suporte ao dia-a-dia foi fundada a Tipografia. Localizada ao lado do Cine Teatro e do Grupo Escolar, reunia os estudantes, filhos dos operários, e abrigou a sede da revista periódica chamada de Nosso Jornal, meio em que era registrados os acontecimentos industriais e culturais da época.

---

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B5LDBpliGg/>> Acesso em jun. 2022.

Figura 58: Tipografia.

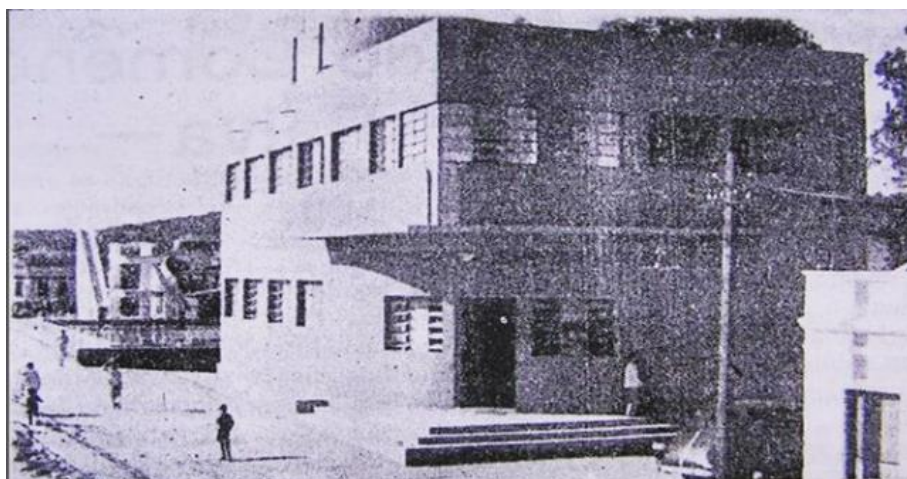


Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>22</sup>

## 16. CASSINO, 17. PISCINA

Construído em 1938, ao lado da Fábrica Progresso Alagoano, tinha a função de fornecer entretenimento, lazer e cultura para os operários. “O cassino foi nomeado como Grêmio Instrutivo e Literário Tavares Bastos” (CASTRO, 2014, p. 68). Existia, ao lado do Cassino, a Piscina com trampolim. Sendo, mais um equipamento urbano construído pela CAFT com a função de proporcionar lazer e entretenimento aos operários.

Figura 59: Cassino e trampolim da piscina aos fundos.



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B9kTAOnBuh3/>> Acesso em jun. 2022.

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CX-2eEHul3S/>> Acesso em jun. 2022.

## 18. COMÉRCIO DE RIO LARGO

A CAFT também estruturou em seu complexo urbanizado edificações e serviços que proporcionassem o abastecimento dos funcionários. Assim de desenvolveram o comércio local e a feira livre, em meio a linha férrea, a via de acesso e o curso do rio. (CASTRO, 2014, p. 71)

Figura 60: Centro Comercial de Rio Largo



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>24</sup>.

## 19. ESTAÇÃO CENTRAL RIO LARGO

Inaugurada em 1884, a Estação Central de Rio Largo foi implantada próxima a fábrica Progresso, e além de transportar operários, insumos e escoar a produção, a estação favorecia o comércio, devido a sua proximidade e a grande circulação de pessoas.

---

<sup>24</sup> Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/BwmmbBUnaLH/>> Acesso em jun. 2022.



Figura 61 - Estação central de Rio Largo.



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>25</sup>.

### 3.3 LEGADO CULTURAL E AFETIVO HERDADOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL

É importante destacar que através do complexo têxtil, muitas manifestações culturais foram consolidadas e tornaram-se marco no patrimônio imaterial de Rio Largo, herdado da CAFT. O complexo fabril se destacou no meio cultural através dos desfiles cívicos, das festividades comemorativas, do time de futebol e da Banda Feminina da Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos. A banda feminina se destacou no cenário nacional, era a primeira do País, uma novidade para época, apresentavam-se em todo o Brasil. Uma das apresentações mais marcantes foi na comemoração dos 400 anos da cidade de São Paulo (figura 63). Outras bandas na cidade foram criadas: Banda de Jazz, Orfeons, Fanfarra, Marcial.

O complexo têxtil foi destaque no estado por essa banda e pelo time de futebol, além do ensino gratuito primário aos filhos dos operários. O ensino da arte dos processos têxteis adveio de profissionais imigrantes contratados, que ensinaram o ofício aos funcionários locais. (CASTRO, 2014, p. 67)

---

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B3vAxtGl4m8/>> Acesso em jun. 2022.



Figura 62: Desfile Cívico na Rua da Festa, em Cachoeira, na década de 1960.



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>26</sup>.

Figura 63: Apresentação da banda feminina no aniversário de 200 anos de São Paulo.



Fonte: Correio da Manhã, 1954.

Ao dialogar com moradores mais antigos de Rio Largo, é unânime o tom de nostalgia da festa de Natal de Cachoeira. A festa ocorria no terreno localizado atrás da Igreja Sagrado Coração de Jesus. Na imagem (figura), compartilhada pelo perfil Rio Largo Antiga, na rede social Instagram, é possível visualizar a estrutura da festa que ocorreu em 1935, no período de prosperidade industrial, cultural e educacional do

<sup>26</sup> Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CiM3F4LrR8\\_/](https://www.instagram.com/p/CiM3F4LrR8_/)> Acesso em set. 2022.

complexo fabril. A festa contava com eventos musicais, apresentações culturais e o tradicional parque de diversões.

Figura 64: Festa Natalina de Cachoeira, década de 1930.



Fonte: Perfil do Rio Largo Antiga no instagram<sup>27</sup>.

O sítio da antiga CAFT é um exemplar que retrata a memória do trabalho operário em Alagoas. A materialidade do complexo representa um sistema urbano articulado em um modo de produção, bem como, um modelo de vida urbana centrado no trabalho industrial. Tudo isso, aliado aos valores ideológicos e socioculturais incorporados pela antiga CAFT, acrescenta o valor afetivo por parte da população rio-larguense que sofreu influências diretas ou indiretas do período de prosperidade da indústria têxtil. (RODRIGUES, 2017, p. 153).

Mesmo que ainda em estado de arruinamento, o espaço urbano e arquitetônico do complexo fabril da antiga CAFT tem representatividade perante as pessoas que fizeram parte do período de funcionamentos das fábricas e, talvez também, das pessoas que atualmente fazem uso desse espaço: "moram, vão à igreja, andam de trem, visitam amigos em cachoeira ou Rio Largo e também constroem uma memória da cidade fábrica não vivida, mas, rememorada vividamente pelos que ainda lá estão e a viveram e tiveram sua concepção de mundo por ela moldada." (CASTRO, 2014, p. 184).

---

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CJOkCJAHNjx/>> Acesso em set. 2022.



# 4

## DIAGNÓSTICO

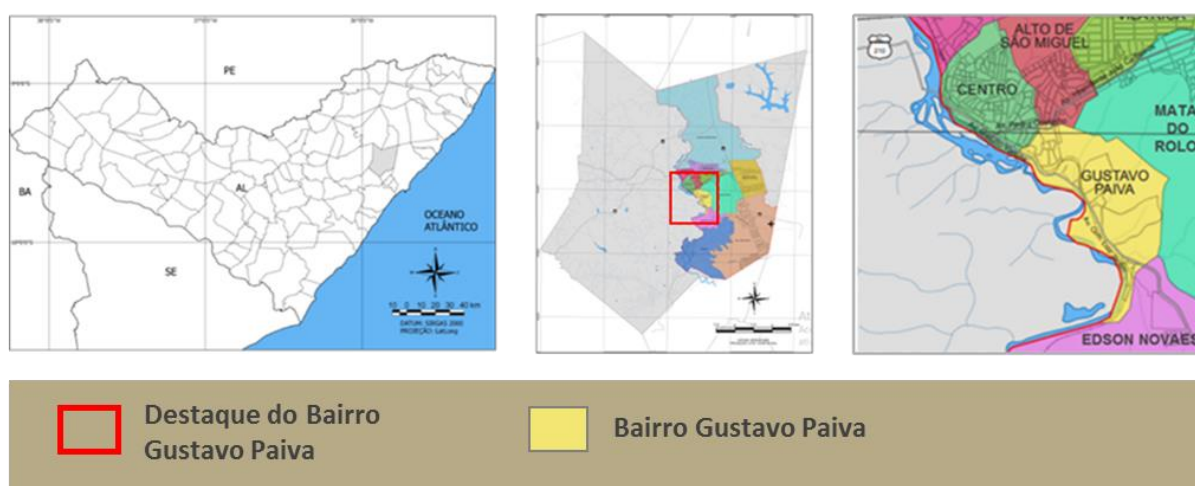
Neste capítulo, busca-se analisar a área de intervenção através de um diagnóstico do atual estado físico e das necessidades de melhorias para sua reinserção urbana. Procura-se identificar as principais características, condicionantes e carências espaciais. A delimitação dada nesse diagnóstico faz referência ao espaço de produção fabril da Fábrica Cachoeira. Através do entendimento construído nos capítulos anteriores, sabendo-se que a implantação da indústria têxtil foi a base da consolidação da cidade de Rio Largo, busca-se caracterizar o objeto de estudo enquanto patrimônio industrial.



#### 4.1 RECORTE

Após a percepção da formação e consolidação do território rio-larguense como um todo, dar-se início ao recorte de estudo que faz referência ao espaço de produção da Fábrica Cachoeira e da infraestrutura e equipamentos que fizeram parte da dinâmica fabril. O Bairro Gustavo Paiva (figura 65), local em que a Fábrica Cachoeira foi implantada, será a delimitação dada nesse diagnóstico e caracterização.

Figura 65 – mapa de localização da delimitação de estudo – Gustavo Paiva.



Fonte: Prefeitura de Rio Largo, adaptado pela autora, 2022

Rio Largo está localizada no leste do estado de Alagoas, distante aproximadamente 27 km de Maceió. Faz limite ao norte com os municípios Messias e Murici, ao sul com Pilar e Satuba, a Leste com Maceió e a oeste com Atalaia. O acesso ao município se dá pelas rodovias BR-104 e AL-210 e 101. (IBGE, 2010). O Bairro Gustavo Paiva (figura 70), região em que se implantou a Fábrica Cachoeira, faz divisa com o centro da cidade e é mais conhecido pela população como Cachoeira. Nesse trecho está a principal via de acesso e entrada para a cidade.

Segundo Castro (2015), quase 90% dessa localidade é propriedade dos herdeiros da indústria têxtil de Rio Largo. Para a autora, esse é um dos motivos que impediram a ocupação urbana concentrada nesta região. Outro motivo é a geomorfologia da região, que por estar na cota mais baixa do relevo da cidade, é mais suscetível a inundações. Fato que fez com que ocorresse um esvaziamento urbano

decorrente da enchente de 2010, pois foi a área mais atingida pelo transbordamento do Rio Mundaú.

A compreensão da dinâmica atual do entorno próximo do objeto de estudo, Bairro Gustavo Paiva, é fundamental para o processo seguinte de formulação das diretrizes para a requalificação das ruínas da fábrica ao contexto urbano atual. Nesse sentido, serão analisados: localização e acesso; elementos físicos e naturais; aspectos urbanos; demografia e perfil da população; elementos significativos da paisagem.

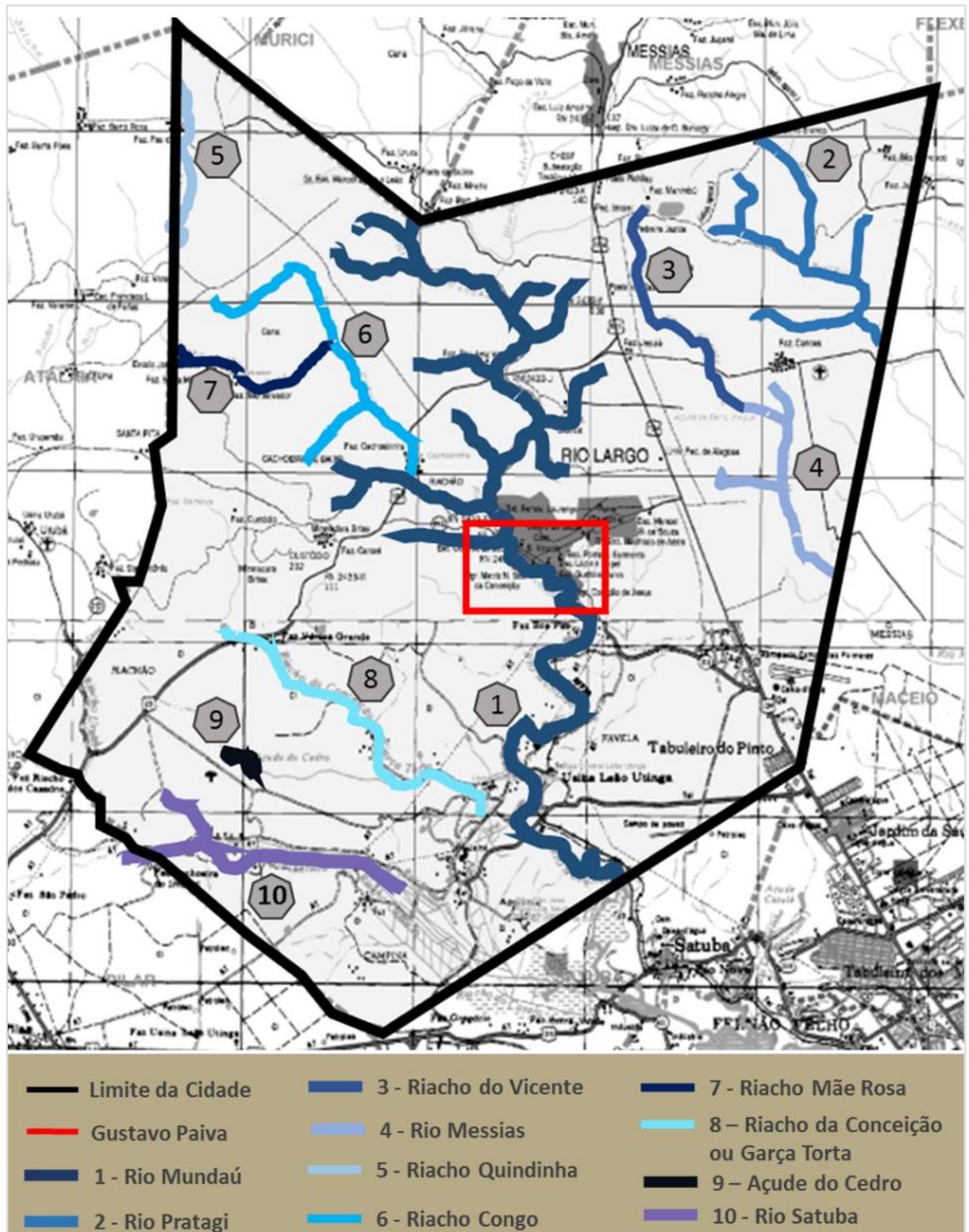
## **4.2 ELEMENTOS FÍSICOS NATURAIS**

Rio Largo está inserida na bacia hidrográfica do Rio Mundaú, que atravessa toda a extensão da cidade no sentido Norte-Sul. Os principais afluentes desse território são: ao Nordeste, o Rio Prata, o Riacho do Vicente e o Rio Messias; a Noroeste, os Riachos Quindinha, Congo e Mãe Rosa; a Sudoeste, o Riacho da Conceição ou Garça Torta, o Açude do Cedro e o Rio Satuba (figura 66). "São perceptíveis dois padrões de drenagem: do tipo retangular a W, e do tipo dendrítico a E. Todo esse sistema fluvial deságua no Oceano Atlântico" (MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA, 2005).

O município de Rio Largo é uma das últimas cidades ribeirinhas banhadas pelo rio Mundaú, tendo a parte urbana mais antiga situada sob a falha geológica Cachoeira do Meirim, que divide a formação de rochas cristalinas das sedimentares e causando um desnível acentuado em média de 13 m, além de estar assentada sob uma estreita planície de inundação. (MONTE, 2013, p. 31)

Conforme citado no primeiro capítulo, o relevo de Rio Largo faz parte da Unidade dos Tabuleiros Costeiros, composta de platôs de origem sedimentar que apresenta grau de entalhamento variável, ou seja, apresenta algumas áreas com vales estreitos e encostas abruptas, já outras, com vales abertos, encostas suaves e várzeas amplas. Essa unidade acompanha todo o litoral nordestino e apresenta uma altitude média entre 50 a 100 metros. (MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA, 2005).

Figura 66: Mapa com a Hidrografia (cursos d'água – riachos, orlas, córregos).

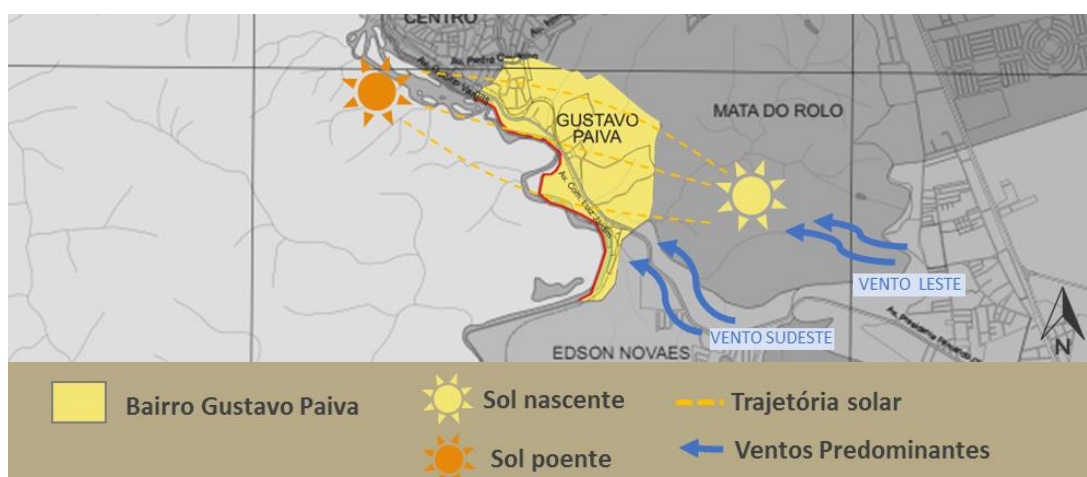


Fonte: IBGE (2015), adaptado pela autora, 2022.

Os solos dessa unidade geoambiental são representados pelos Latossolos e Podzólicos nos topos de chapadas e topos residuais; pelos Podzólicos com Fregipan, Podzólicos Plínticos e Podzóis nas pequenas depressões nos tabuleiros; pelos Podzólicos Concrecionários em áreas dissecadas e encostas e Gleissolos e Solos Aluviais nas áreas de várzeas. [...] O município de Rio Largo encontra-se inserido na Província Borborema, representada pelos litótipos do Complexo Nicolau/Campo Grande, Formação Muribeca-Membro Carmópolis, Grupo Barreiras e Depósitos de Pântanos e Mangues (Figura 3). O Complexo Nicolau/Campo Grande (Ang), é constituído por granulitos/kizingitos. A Formação Muribeca-Membro Carmópolis (K1mc), engloba conglomerados de leque fluvial. O Grupo Barreiras (ENb), está representado por arenitos e arenitos conglomeráticos com intercalações de siltitos e argilitos. Os Depósitos de Pântanos e Mangues (Qpm), são constituídos por areias, siltes e materiais orgânicos. (MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA, 2005). (figura 68)

De forma geral, os solos são profundos e possuem uma baixa fertilidade natural. Tem a *Floresta Subperenifólia* como vegetação predominante, com partes da Floresta Subcaducifólia e cerrado/floresta. O clima de Rio Largo é Tropical Chuvoso com verão seco e temperatura que varia entre 17°C a 33° C. O período chuvoso tem início no outono/inverno, indo de fevereiro até outubro e tem uma precipitação média anual em torno de 1.634,2 mm. (MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA, 2005). A direção predominante do vento em Rio Largo é do Leste, durante o ano inteiro e entre maio e setembro, soma-se a este, o vento predominante do Sudeste. (figura 67).

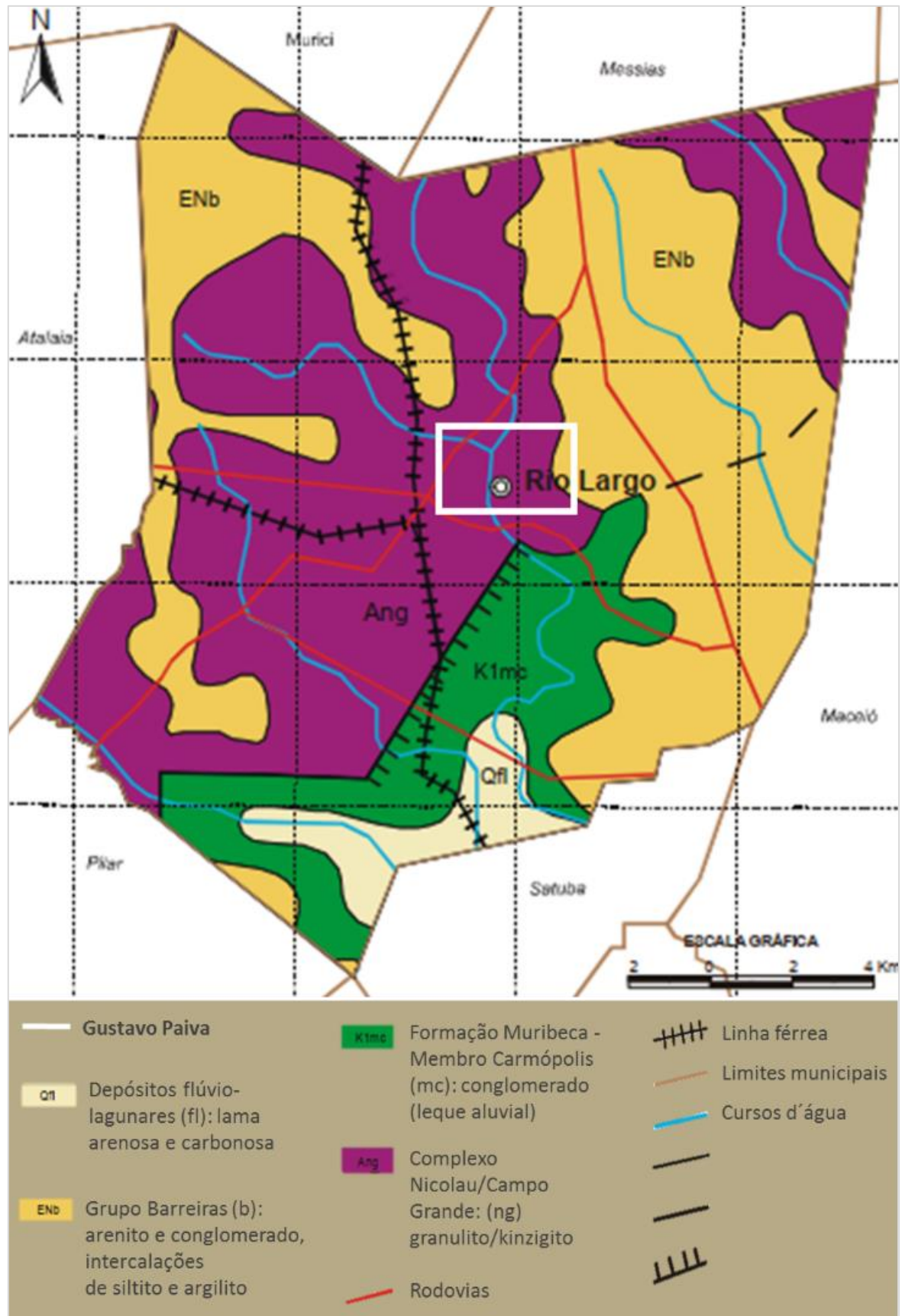
Figura 67: Análise bioclimática do bairro Gustavo Paiva – Rio Largo/AL.



Fonte: Prefeitura de Rio Largo. Adaptado pela autora, 2022.



Figura 68: Mapa Geológico com unidades litoestratigráficas.



Fonte: MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA (2005), adaptado pela autora, 2022.

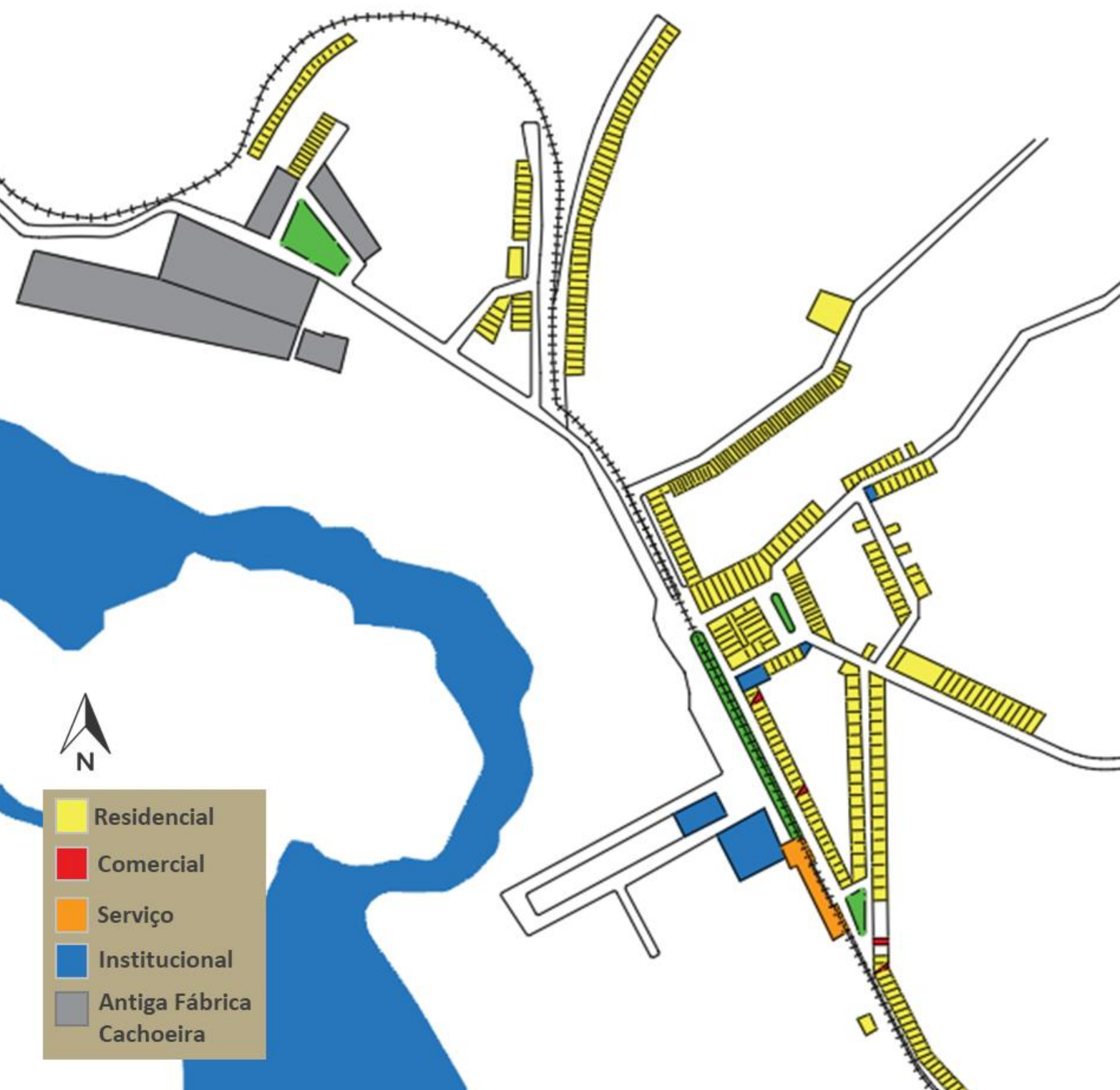
## 4.3 ASPECTOS URBANOS

### 4.3.1 USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

A ocupação do solo no bairro Gustavo Paiva é predominantemente residencial, conforme o mapa (figura 69), é a categoria mais expressiva e dominante entre as demais.

Figura 69: Mapa de uso e ocupação do solo de Rio Largo.

Fonte: Autora, 2022.



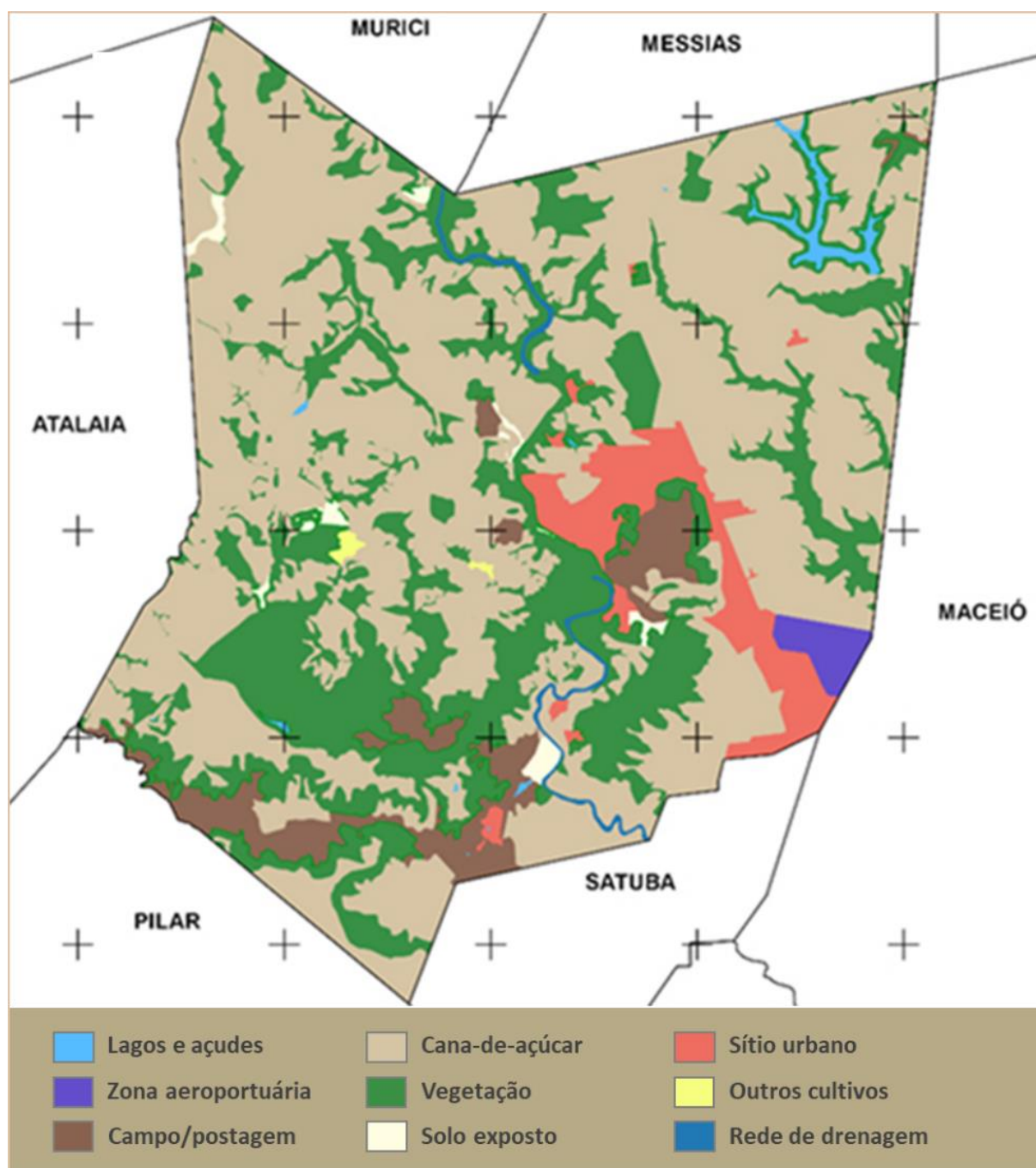
Devido à ausência de equipamentos para a atração de pessoas, a reduzida variedade de usos urbanos, a restrição de ocupação e a necessidade de autorização para o acesso aos remanescentes, essa área é caracterizada pela baixa vitalidade e por consequência, torna-se uma área suscetível a violência e expõe ainda mais as pessoas. (RODRIGUES, 2017, p. 96).

De acordo com o mapeamento do uso do solo e cobertura vegetal (figura 70) foi possível identificar 8 categorias subdivididas em ambientes naturais e antropizados. O sítio urbano ocupa aproximadamente 4,82% da área total do município, fato que evidencia a influência da cana-de-açúcar na paisagem e no território rio-larguense, desde os primórdios de sua ocupação, até os dias atuais. De acordo com os autores do mapeamento, as áreas de encostas estão com vegetação rala e com solos desnudos que já se encontram impermeabilizados, o que nos períodos chuvosos, favorece o escoamento superficial. (MELO; SANTOS; CASELA, 2016).

Ao analisar os dados do uso e cobertura vegetal identificados no território do município de Rio Largo, percebe-se que a cana-de-açúcar detém a maior porcentagem de ocupação, representando aproximadamente 56,88% da área total do município. "Correspondendo a área de tabuleiros costeiros, sobre relevo preponderantemente plano e suavemente ondulado" (MELO; SANTOS; CASELA, 2016).

A vegetação ocupa a segunda maior área territorial, ocupando aproximadamente 30% da área total do município. "Manifestando-se sobre altimetrias variadas, com exceção da formação pioneira aluvial que se restringiu às áreas de cotas altimétricas mais baixas, visto que a sua relação direta com a rede fluvial." (MELO; SANTOS; CASELA, 2016).

70: Mapa de uso do solo e cobertura vegetal de Rio Largo – AL.



Fonte: Melo Falcão; Santos; Casela (2016).

#### 4.3.2 MOBILIDADE

O sistema viário do bairro Gustavo Paiva é marcado pelo tecido urbano disperso, com trechos de paisagem urbana e rurais. Apresenta pouca hierarquização, sendo a maior parte de vias locais (figura 76). Destaca-se a via principal, Av. Getúlio



Vargas como via arterial, que liga o centro da cidade com a parte alta e com a capital. Essa via margeia o rio mundaú e a linha ferra e é uma das principais entradas da cidade.

A mobilidade da região é prejudicada pelo mau estado de conservação das vias, o relevo íngreme, a ausência de sinalização e o conflito de usos entre automóveis, ciclistas e pedestres. Não há ciclovia/ciclofaixa e o passeio público é precário ou inexistente em diversos trechos (figura 71).

O passeio público precário ou inexistente em alguns trechos, faz com que, de forma espontânea, haja o compartilhamento das vias. Os pedestres e ciclistas usam a via e dividem o mesmo espaço com os automóveis. Porém, a ausência de estratégias que forneçam segurança para os usuários da via, torna os pedestres e ciclistas mais suscetíveis a acidentes, uma vez que os automóveis são os protagonistas dessa via. (figura 71h, 71 i).

Na região existe apenas um ponto de ônibus com estrutura implantada pela prefeitura (figura 71 e), nos trechos que o equipamento não existe, as pessoas utilizam-se de sombras fornecidas por edificações ou árvores, para aguardar o transporte público (figuras 71<sup>a</sup>, 71b, 71c). Devido à ausência de estacionamentos públicos, o passeio público é utilizado como estacionamento e torna-se parcialmente obstruído em alguns trechos da via. (figura 71g)

Outro problema que afeta a mobilidade do bairro cachoeira, assim como a cidade de Rio Largo como um todo, é a subsidência do solo causado pela mineradora Braskem em quatro bairros de Maceió (Pinheiro, Bebedouro, Mutange e Bom Parto). A interrupção da passagem do veículo Leve sobre Trilhos (VLT) nesse trecho é compensada com o transbordo feito por uma linha de ônibus custeada pela Braskem, fato que aumenta o tempo de trajeto em mais de cinquenta minutos. A Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU) relata que lida diariamente com a diminuição da quantidade de passageiros, e a redução já chega a 80%. (GAZETA DE ALAGOAS, 2022)

Com isso, grande parte da população de Rio Largo usuária do transporte ferroviário, é afetada diretamente com os problemas do afundamento do solo e as interrupções da linha férrea, pois há o aumento do tempo e da distância do trajeto. "Quem vem de Rio Largo, desce em Bebedouro, pega um ônibus contratado para tal fim e salta na estação de Bom Parto, onde apanha outro VLT para o Mercado, Estação Central ou Jaraguá." (GAZETA DE ALAGOAS, 2022).

Figura 71: Mapa de hábitos, costumes, lazer e recreação.

Fonte: Autora, 2022.



Destaca-se também, os impactos que a enchente de julho de 2022 causou na mobilidade da região. A cratera aberta pela força da água interditou parcialmente a via de acesso principal que liga o bairro Gustavo Paiva ao centro, bem como, interrompeu a passagem do VLT nesse treco suscetível a desmoronamento. O percurso é encerrado na estação de Gustavo Paiva, e as estações Central e Lourenço de Albuquerque estão desativadas.

A interrupção da linha férrea em Maceió e Rio Largo reduz a quantidade de usuários do transporte ferroviário e consequentemente a dinâmica e a vitalidade que esse meio de transporte proporciona em seu pleno funcionamento. Tanto de residentes de Rio Largo, quanto de visitantes de bairros de Maceió, atraídos por exemplo pela proximidade ao comércio, feira livre e equipamentos de serviços. Tudo isso contribui para o processo de esvaziamento do Bairro Gustavo Paiva.

#### **4.1.3 LAZER E RECREAÇÃO**

No bairro Gustavo há uma carência de equipamentos destinados ao lazer, cultura e recreação. Os espaços públicos comuns dessa localidade são representados por quatro praças públicas (figura 72a, 72b, 72c, 72d), que se encontram subutilizadas e não possuem infraestrutura que garantam o bem estar e conforto de seus usuários, indo de encontro com o objetivo das praças, tornam-se local de passagem e não de permanência.

Não há equipamentos destinados ao esporte, a cultura. E o esvaziamento do bairro decorrente das últimas enchentes do rio Mundaú, contribui para o aumento da violência e a insegurança da população, afastando também, moradores de outros bairros e turistas.

Essa região apresenta grandes áreas verdes, parte destinadas a pecuária e agricultura, parte utilizadas pela população. Nas ruas, identifica-se que a população se apropria das calçadas e dos lotes subutilizados. Nas imagens (figura 72f, 72h, 72i) vê-se que a própria população improvisa mobiliários urbanos em áreas destinadas para a permanência e socialização. Nas imagens (figura 72j, 72l) crianças aproveitam as sombras das árvores para brincar. E nas imagens (figura 72e, 72g, 72k, 72n), as roupas no varal e as pessoas sentadas nas calçadas remetem a paisagem interiorana do bairro.



Figura 72: Mapa de hábitos, costumes, lazer e recreação.

Fonte: Autora, 2022.





Devido à ausência de diversidade do uso do solo, ao esvaziamento do bairro decorrente da desativação da fábrica de tecidos e acentuado pelas últimas enchentes do rio Mundaú, assim como as interrupções no trajeto do VLT e do tráfego da via principal, o bairro teve sua dinâmica alterada e a vitalidade reduzida. Esses fatos contribuem para o aumento da violência e a insegurança da população, afastando também, moradores de outros bairros e turistas.

O bairro Gustavo Paiva é predominantemente residencial e não dispõe de comércio local suficiente para atender a população. Não existem negócios locais voltados ao segmento de alimentação e os estabelecimentos mais próximos são localizados no centro e na parte alta da cidade. Porém, são desordenados, uma vez que ocupam vias e passeios públicos, além de não oferecem infraestrutura que proporcionem a permanência, uma vez que estão inseridos em áreas de passagem (figuras 73, 74, 75, 76, 77).

Figura 73: Comércio alimentício no centro de Rio Largo.



Fonte: Google Earth, 2022.

Figura 74: Comércio alimentício no centro de Rio Largo.



Fonte: Google Earth, 2022.

Figura 75: Comércio alimentício no centro de Rio Largo.



Fonte: Autora, 2022.

Figura 76: Comércio alimentício no centro de Rio Largo.



Fonte: Autora, 2022.

Figura 77: Comércio alimentício na parte alta de Rio Largo.



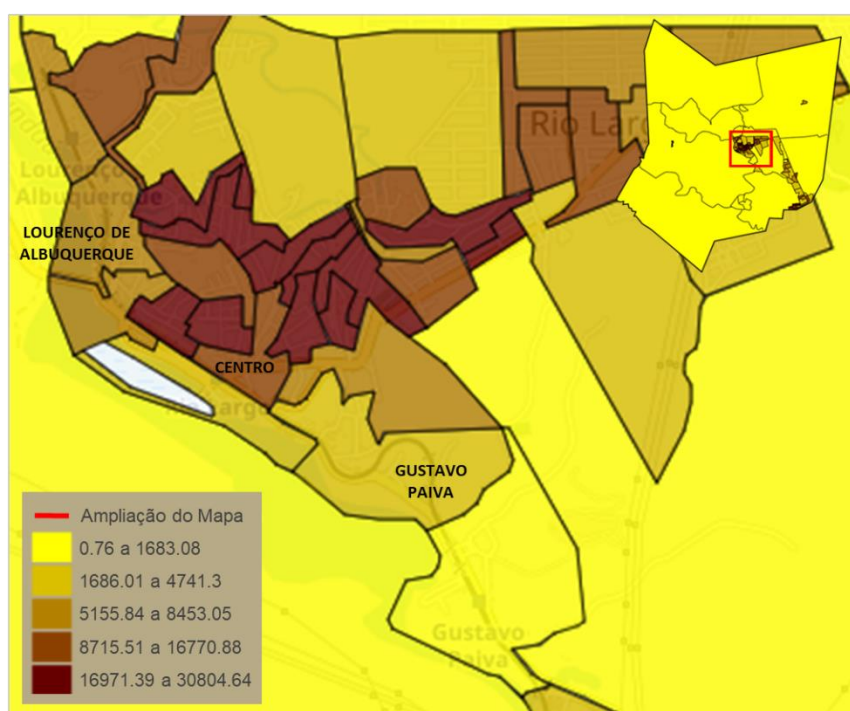
Fonte: Google Earth, 2022.

#### 4.4. DEMOGRAFIA E PERFIL DA POPULAÇÃO

O perfil da população de Rio Largo, com foco na área de estudo, foi traçado a partir da coleta de dados do censo de 2010 e das estimativas atuais fornecidas pelo IBGE. Posterior à compilação de dados foi feito o cruzamento com as informações obtidas através da vivência da autora enquanto cidadã rio-larguense, de entrevistas informais com a população e de visitas realizadas no bairro Gustavo Paiva. O objetivo é analisar a dinâmica populacional através da demografia e sua distribuição territorial, bem como as relações de vivências e estatísticas que auxiliem na elaboração das propostas que visam atender as necessidades urbanas dessas pessoas.

Em 2021, Rio Largo possuía uma população estimada de 75.662 pessoas, sendo os dados do último censo [2010], um total de 68.481 pessoas. A densidade demográfica em 2010 era de 223,56 hab/km<sup>2</sup>, porém, a cidade possui grandes áreas sem ocupação, destinadas à agricultura e agropecuária, bem como, extensas áreas de vegetação. O mapa (figura 78) mostra a área total de Rio Largo, onde é possível identificar as áreas de alto e baixo adensamento urbano, e no mapa ampliado do recorte de estudo, que mesmo sendo desatualizado (2010), é notável o esvaziamento da área decorrente do encerramento das atividades fabris e das enchentes.

Figura 78: Mapa de densidade demográfica.

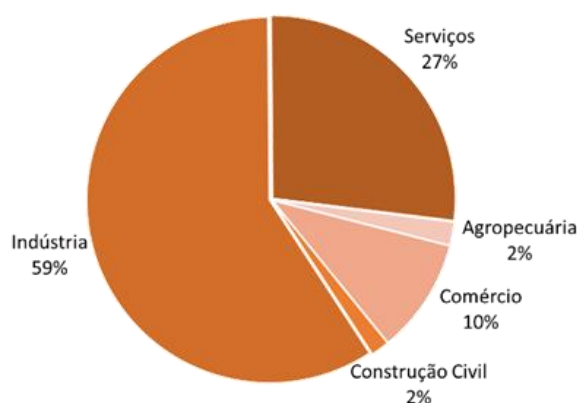


Fonte: IBGE, Sinopse por Setores, Censo 2010; adaptado pela autora, 2022.

Segundo o IBGE (2020), o município possui uma proporção de 18.8% de pessoas ocupadas em relação a população total, com salário mensal médio de 1.7 salários mínimos. A ocupação predominante desses trabalhadores (figura 79) está relacionada à indústria, mais expressivamente a da cultura de cana-de-açúcar, seguido pelos relacionados ao serviço, comércio, agropecuária e construção civil.

De acordo com a Caravela Dados e Estatísticas (2022), a distribuição de renda entre as classes econômicas de Rio Largo está concentrada nas classes mais altas, que equivalem a apenas 5,2% da população. Já as classes de menor poder aquisitivo (E e D) estão representadas por 75,9% da população rio-larguense.

Figura 79: Gráfico da distribuição de empregos por área de ocupação.

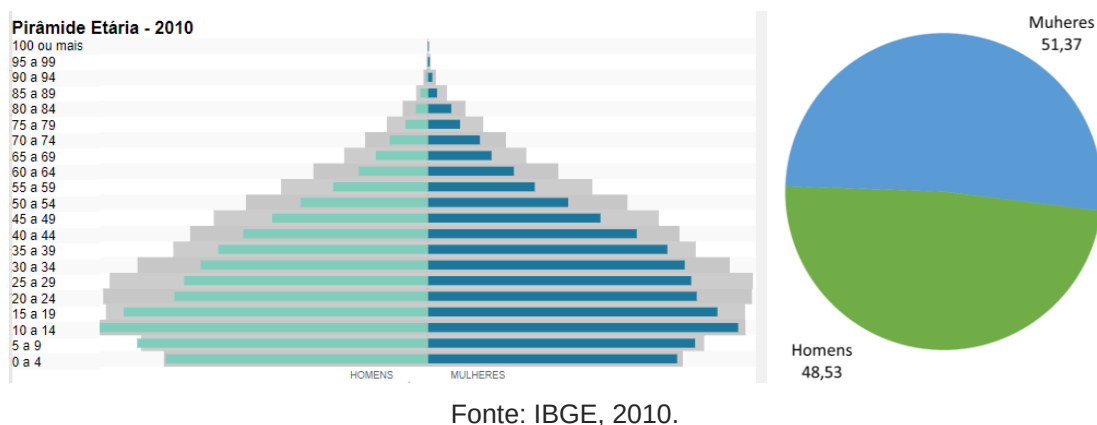


Fonte: IBGE, Sinopse por Setores, Censo 2010; adaptado pela autora, 2022.

A pirâmide etária de Rio Largo (figura 80) apresenta o padrão constatado em cidades pouco desenvolvidas, em que a base é larga, jovem e com alta natalidade. Predomina com os maiores percentuais as faixas etárias entre 10 a 14 anos e 15 a 19 anos. A partir dos 20 anos ocorre o afunilamento da pirâmide, indicando alta taxa de mortalidade de jovens. As faixas seguintes diminuem progressivamente e finaliza-se com a taxa de idosos baixa, o que revela a baixa expectativa de vida da população da cidade. Dentre os motivos que provocam esse afunilamento acentuado da pirâmide, pode-se citar a violência que atinge principalmente jovens e a carência de um serviço de saúde pública de qualidade e abrangente para todas as áreas da cidade. (IBGE 2010).



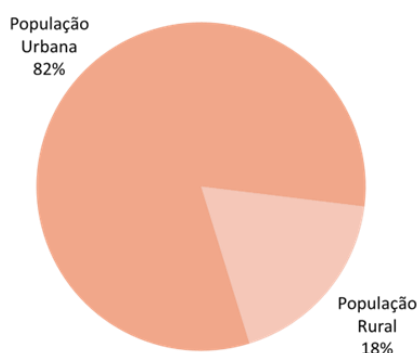
Figuras 80 e 81: Pirâmide etária e População residente censitária por sexo.



Em 2010, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Rio Largo era de 0,643, sendo a educação o componente de maior crescimento em comparação aos anos anteriores, seguido do aumento da longevidade e renda. O município detém uma taxa de escolarização de 96,6% entre 6 a 14 anos de idade. Segundo o IBGE, existem um total de cinquenta e dois estabelecimentos de ensino fundamental com o total de 15.555 matrículas e dois estabelecimentos de ensino médio com o total de 3.795 matrículas. (IBGE 2010).

De acordo com a distribuição da população por localidade, constata-se que 82% estão na área urbana do município em contraste com 18% que residem na área rural. (figura 82). Do total de domicílios, 34,1% contam com esgotamento sanitário adequado e 37,9% estão situados em vias públicas com arborização. Apenas 6,3% dos domicílios estão situados em vias públicas com urbanização adequada e contam com a presença de calçada, pavimentação, meio fio e coletas de água pluvial.

Figura: 82: População residente censitária por localização.



Fonte: IBGE, 2010; adaptado pela autora, 2022.

#### 4.5 ELEMENTOS SIGNIFICATIVOS DA PAISAGEM

O bairro Gustavo Paiva acompanhou o nascimento e desenvolvimento da indústria têxtil. Após o fechamento da antiga fábrica de tecido, que deixou marcas bastante visíveis, é possível notar as mudanças e permanências do passado fabril. Ao percorrer o trecho que abriga os remanescentes construídos pela CAFT em Cachoeira, nota-se os elementos descaracterizados ou em processo de descaracterização (figura 86). Para Rodrigues:

Essa descaracterização pode ter sido decorrente do arruinamento provocado pelo desuso e pela enchente, ou, ainda, de intervenções contemporâneas sobre os exemplares. Apesar das interferências que parte dessas intervenções (naturais ou antrópicas) puderam causar, a vila operária ainda mantém seu traçado original, com algumas perdas devido à Enchente de 2010 que foi responsável pela criação de vazios urbanos e novas ruínas. (RODRIGUES, 2017, p. 96)

Em Gustavo Paiva, há a união do ambiente natural e cultural, que juntos compõem uma paisagem única (figura 83), e se destaca no conjunto urbano de Rio Largo. Para Rodrigues (2017, p. 104), "O valor paisagístico desse fragmento do sítio da antiga CAFT tem relação aproximada com o ambiente não construído: o rio, as encostas e a vegetação presentes na visualização das moradias da antiga vila operária e da igreja." Todavia, as ruínas dos remanescentes da indústria têxtil conferem e intensificam o valor de paisagem. (RODRIGUES, 2017, p. 104)

Figura 83: Paisagem cultural e natural atual de Cachoeira (Gustavo Paiva).



Fonte: Drone Youtube, 2021.

Essas características são responsáveis pelo aspecto rural de variados trechos do município. Há extensos pastos para a criação de animais (figura 84) e a vegetação densa do ambiente natural intensifica ainda mais a paisagem rural, da época em que o complexo industrial foi inserido (figura 85a), até os dias atuais (figura 85b). O que difere no cenário dessas duas épocas são a dinâmica urbana e a integridade dos edifícios.

Figura 84: Paisagem natural da cidade de Rio Largo/AL.



Fonte: Prefeitura de Rio Largo, 2021.

Figura 85: Dinâmica da Fábrica Cachoeira em sua implantação e após o encerramento das atividades.

a – Fábrica Cachoeira na década de 30.



b – Fábrica Cachoeira em 2022.

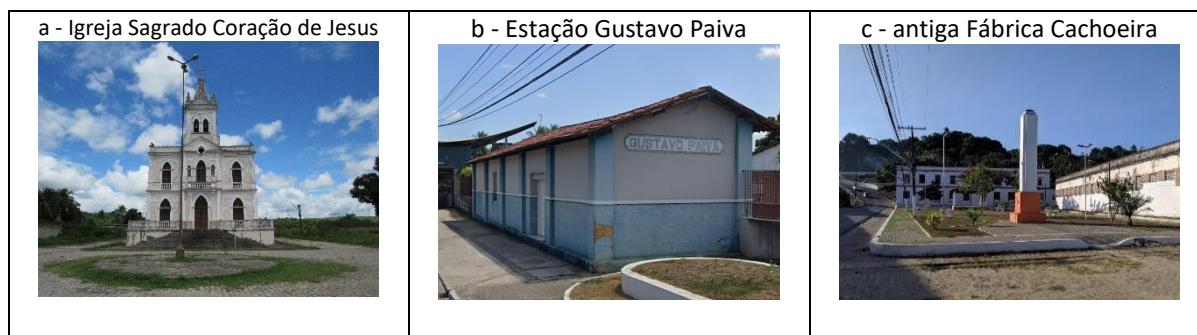


Fonte: Perfil do Instagram Rio Largo Antiga, 2021; Google Maps, 2022



O bairro conta como principais marcos referenciais a Igreja Sagrado Coração de Jesus; a Estação Ferroviária Gustavo Paiva e os remanescentes da antiga Fábrica Cachoeira.

Figura 86: Marcos referenciais do bairro Gustavo Paiva. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.



Fonte: Autora, 2022.

O rio mundaú apresenta-se como um elemento de grande destaque na paisagem e na história do bairro e da cidade de Rio Largo como um todo. De acordo com Rodrigues (2017, p.171), pode-se atribuir ao Mundaú, o valor histórico, documental, afetivo, econômico, de paisagem e ambiental. Ele condicionou a implantação do complexo têxtil e o início do desenho urbano de Rio Largo e até os dias atuais deixa marcas no território e na memória da população através das enchentes. Ao observar o curso do rio mundaú que margeia a via principal, é possível constatar a prática de pesca, de geração de energia através das quedas d'água e sobretudo, o alto potencial paisagístico. É possível contemplar o pôr do sol às margens do Rio Mundaú (figura 87).

Figura 87: Paisagem natural da cidade de Rio Largo/AL.



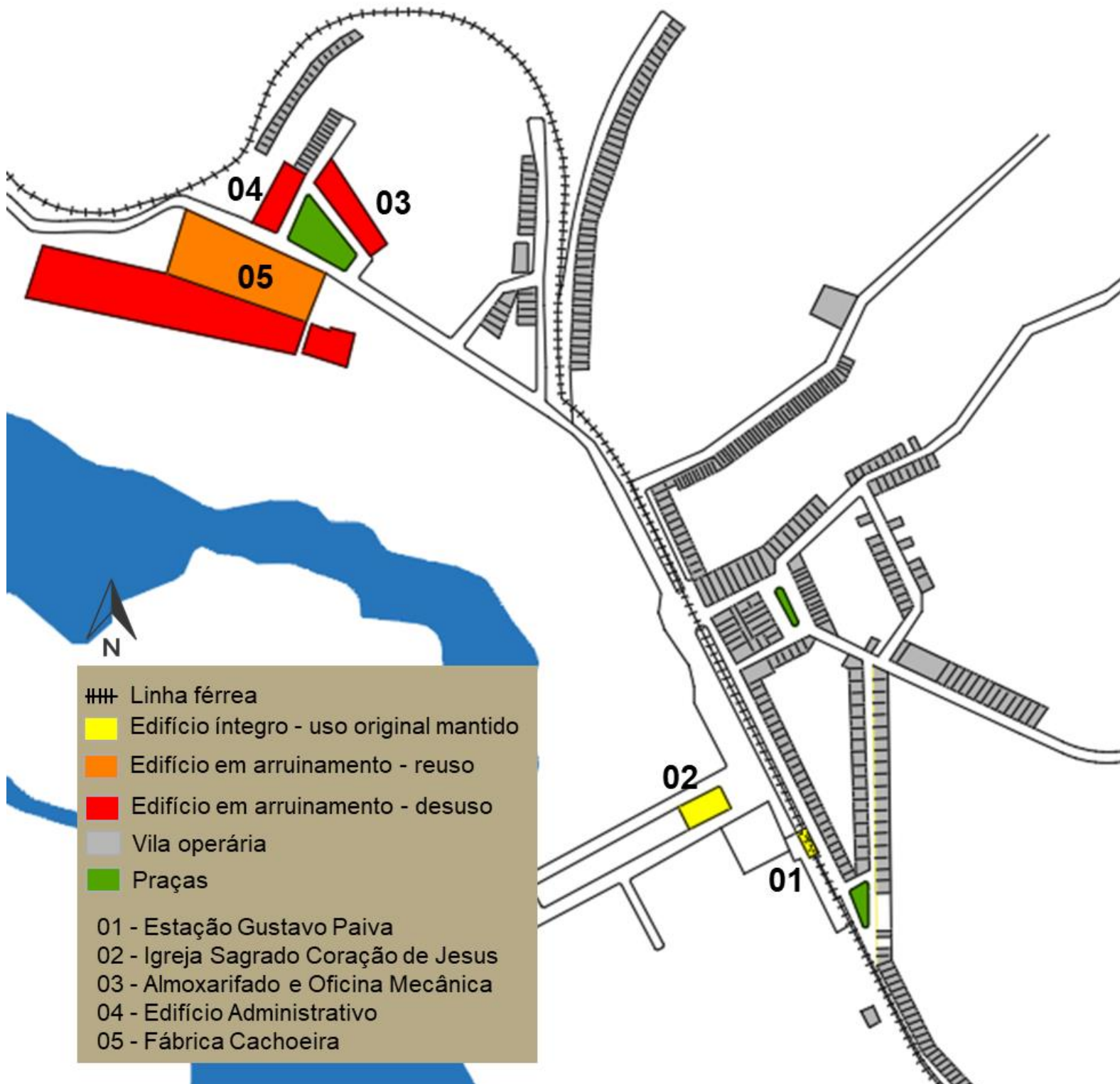
Fonte: Prefeitura de Rio Largo, 2021.



#### 4.6 ANÁLISE DA INTEGRIDADE DOS REMANESCENTES DA INDÚSTRIA TÊXTIL

Conforme o mapa da situação atual dos edifícios remanescentes (figura 88), a maior parte dos remanescentes da antiga Fábrica Cachoeira, localizados na parte baixa da cidade, estão em processo de arruinamento. Faz parte dessas ruínas: Parte da Fábrica Cachoeira, o antigo almoxarifado e oficina mecânica e o edifício que funcionava a administração.

Figura 88: Espacialização da situação atual dos edifícios remanescentes do sítio industrial da antiga Fábrica Cachoeira. Fonte: Autora, 2022.



O que se tem hoje é a decadência, um patrimônio vilipendiado, em fase derradeira de destruição. É premente a recuperação do que ainda resta do valioso acervo patrimonial dessas vilas que, a nosso ver, são pontos a contribuir para a retomada da memória e para a preservação da História de Alagoas (MENDONÇA, 2012, p. 459).

Esse processo de arruinamento é resultado de vários fatores, entre eles, pode-se destacar as últimas enchentes que atingiram principalmente esse trecho da cidade, mas, sobretudo, é resultado de um desuso de mais de cinquenta anos, desde o encerramento e desmonte da fábrica Cachoeira. Sem uso e sem a manutenção necessária à sua salvaguarda.

Esse conjunto de ruínas que está no limite entre o bairro Gustavo Paiva e o bairro do Centro atribui àquele um valor paisagístico e documental diferenciado das outras partes da cidade, e representa o valor de antiguidade da CAFT, conforme Riegl (2014). A pátina impressa nos edifícios da antiga Fábrica Cachoeira e adjacência simboliza o transcurso do tempo na cidade. Estas ruínas constituem o cenário do transitar em Rio Largo pois margeiam a principal via de acesso à cidade (RODRIGUES, 2017, p. 105).

Parte da construção em que funcionou a atividade fabril da Fábrica Cachoeira, como foi dito anteriormente, está em desuso desde o fechamento da fábrica, e apresenta um arruinamento em estado avançado. A cobertura original do complexo não existe mais em nenhuma edificação da fábrica. Parte do Edifício principal (figura 89) teve suas instalações reapropriadas e passou por modificações para que fosse usado como garagem de uma linha de transporte coletivo da cidade.

Figura 89: Acréscimo de piso cimentado e cobertura metálica para abrigar ônibus.



Fonte: Veleiro, 2019.

Dentre as modificações, Rodrigues destaca que algumas áreas foram reconstruídas, houve a limpeza da vegetação rasteira e a cimentação do piso, bem como, o entaipamento das portas e janelas da fachada do edifício e o acréscimo de cobertura em alguns trechos. Além dos acréscimos, a autora pontua a intervenção direta que foi feita na fachada do edifício (figura 91), de forma que a função utilitária sobressaiu a preservação da integridade patrimonial da ruína. (RODRIGUES, 2017, p. 106)

Dentre os conflitos entre a urbanidade e os edifícios em processo de arruinamento e em desuso, a Cia Alagoana apresenta outro conflito de valores: o valor de antiguidade e o valor de uso. Deste conflito sobressaem os valores de uso e econômico, e é representado pelo fragmento da antiga Fábrica Cachoeira, transformado em garagem de transporte coletivo. Notam-se intervenções realizadas pelos locatários que, segundo a Cia Alagoana, foram homologadas para que o edifício se adequasse ao novo uso. Ou seja, na política dos administradores não é o uso que deve ser compatível com o edifício, mas o contrário. Isso evidencia a prevalência do valor econômico ao valor de antiguidade da edificação, uma vez que as intervenções realizadas constituíram-se na reconstrução de fragmentos da ruína e inserção de novos elementos à sua fachada [...] O processo pelo qual passa a antiga Fábrica Cachoeira apresenta uma questão conflitante abordada por Riegl (2014) e reforçada em Viñas (2011): o antagonismo do valor de uso com o valor de antiguidade. Para Riegl (2014) à medida que reparos são realizados para a adequação das ruínas ao novo uso diminui o valor de antiguidade do monumento, no caso da CAFT, do centenário exemplar arquitetônico. Apesar disso, as intervenções sobre a ruína da antiga Fábrica Cachoeira foram pontuais, o que ainda não compromete o valor de antiguidade do edifício no contexto urbano (RODRIGUES, 2017, p. 106)

Figura 90 – Linha do tempo da Fábrica Cachoeira.

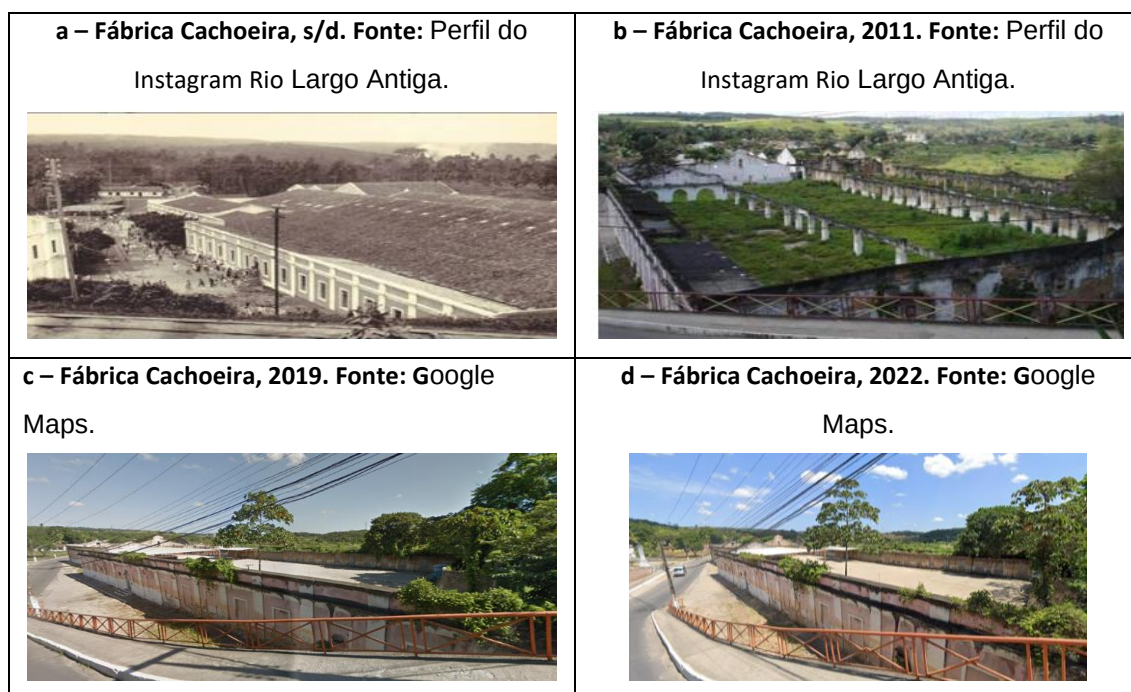
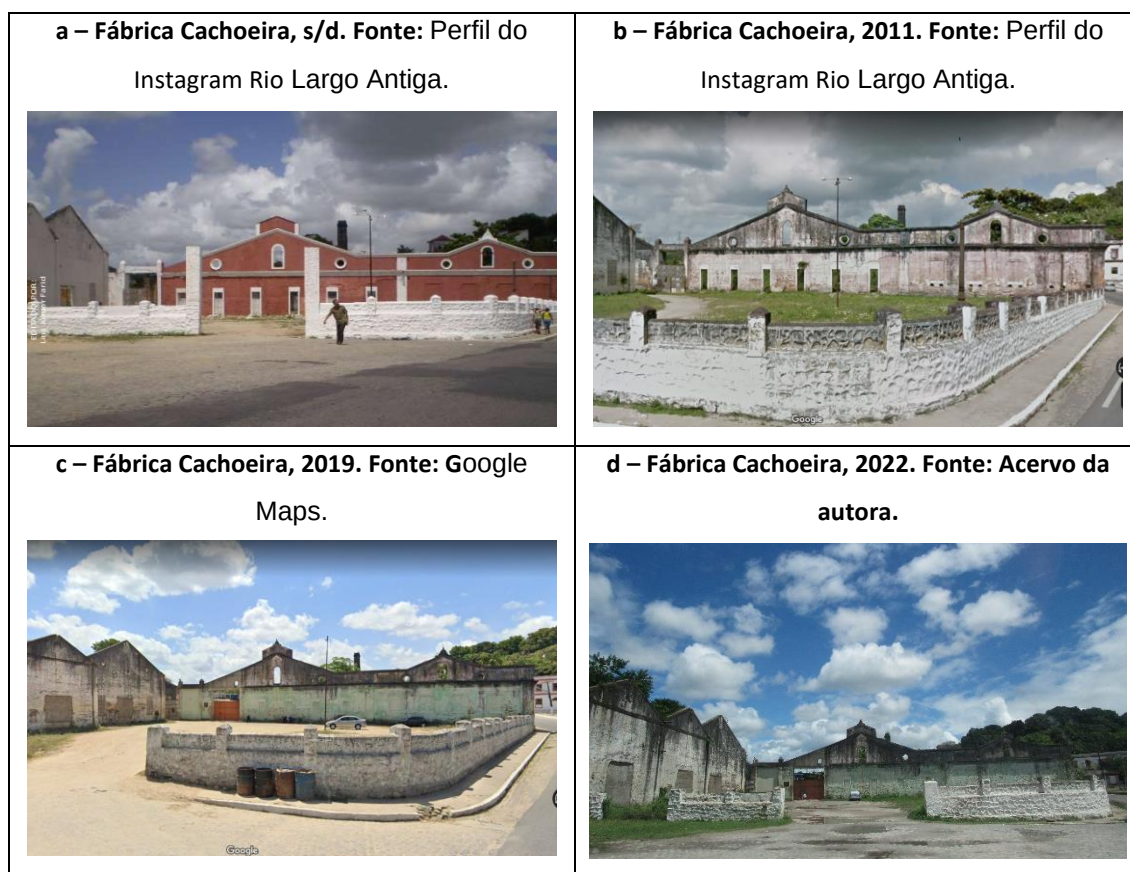




Figura 91 – Linha do tempo da Fábrica Cachoeira.



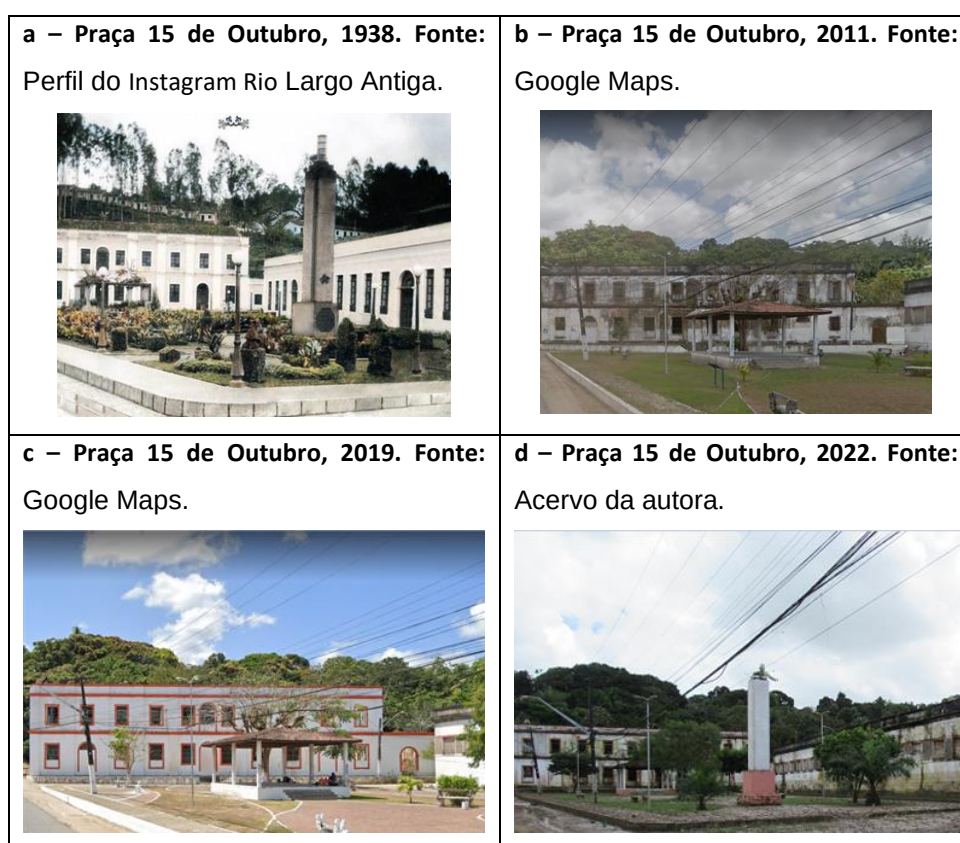
A antiga Praça 15 de Outubro (figura 92), implantada entre o edifício da Fábrica Cachoeira, o prédio administrativo e o almoxarifado/oficina mecânica, inaugurada em 1938 em comemoração aos cinquenta anos de fundação da Fábrica Cachoeira, foi renomeada Praça Manoel Tavares Granja e passou por uma revitalização em 2015. A praça perdeu seu valor comemorativo, o paisagismo e mobiliários originais e a dinâmica urbano-industrial que lhe dava vitalidade. " O valor de novidade da antiga Praça 15 de Outubro contrasta com o **valor de antiguidade** dos edifícios adjacentes. (RODRIGUES, 2017, p. 107)

Na época em que foi construída, a dinâmica fabril que existia em seu entorno promovia a vivacidade da praça, pois havia a circulação e permanência não só dos operários, como também, dos funcionários administrativos e da população local. Atualmente, a praça e seu entorno se caracterizam como um local de passagem e não de permanência, segundo Rodrigues (2017, p. 107), entre os principais fatores estão nas "poucas moradias existentes em sua proximidade e com seu entorno composto



por edifícios em processo de arruinamento, mesmo com a intervenção que atualizou a praça atribuindo-lhe um valor de novidade, este espaço caracteriza-se como um lugar de passagem e não de permanência, o que contradiz o próprio significado funcional do objeto". Já que esse equipamento urbano tem como objetivo principal promover a permanência e as mais diversas manifestações urbanas. (RODRIGUES, 2017, p. 107)

Figura 92 – Linha do tempo da antiga Praça 15 de Outubro.



O antigo edifício administrativo também está em processo acentuado de arruinamento, não possui mais cobertura, e em seu interior há uma vegetação espontânea. Após anos em aparente abandono e falta de manutenção, a fachada do prédio recebeu uma nova pintura e o entaipamento da porta de acesso principal. Porém, a parte interior do edifício aparentemente não recebeu a mesma atenção, pois encontra-se em avançado estado de arruinamento, continua sem cobertura, a laje apresenta patologias provavelmente decorrentes de infiltrações e a vegetação do interior permanece espontânea e sem manutenção. (figuras 93, 94). Durante uma visita em loco, foi identificado a criação de galinhas no interior da construção.

Figura 93 – Vista aérea do prédio administrativo.



Fonte: Youtube Drone.

Figura 94 – Vista interna do térreo do prédio administrativo.



Fonte: Acervo da autora.

O edifício que abrigou o antigo almoxarifado e oficina mecânica encontra-se em um processo avançado de arruinamento. Não possui cobertura e existe apenas o invólucro do edifício e duas paredes divisórias de seu interior. Em comparação a arquitetura estilística original, pouco são os elementos que foram preservados. Na imagem aérea (figura 95) é possível observar parte do interior do edifício administrativo, almoxarifado/oficina e a antiga Praça 15 de Outubro.

Figura 95: Vista aérea da antiga Praça 15 de Outubro e das ruínas do antigo edifício administrativo e do antigo almoxarifado e oficina mecânica.



Fonte: Rodrigues, 2014.

Em contraste com o cenário de arruinamento, destaca-se como permanência no bairro Gustavo Paiva a Igreja Sagrado Coração de Jesus (figura 96). Segundo Rodrigues (2017), um dos motivos que justifica a integridade desse bem é o fato de seu uso original ter sido mantido, nela ocorrem os eventos de cunho religiosos promovidos pelos herdeiros da CAFT, que possuem a tutela do edifício, e para terceiros, sob autorização previa dos tutores.

Com a manutenção de seu uso original, a aparência física da edificação demonstra que há uma operação regular de restauro sobre ela. Este edifício possui um valor arquitetônico fundado na sua expressividade compositiva e um valor histórico, por ser um legado que faz parte da história urbana do lugar. (RODRIGUES, 2017, p. 104)

Figura 96 – Linha do tempo da Igreja Sagrado Coração de Jesus.



A construção original da estação ferroviária Gustavo Paiva também se encontra em estado íntegro devido ao uso original mantido (figura 97). O equipamento passou por uma reforma e houve o acréscimo de uma plataforma para embarque/desembarque de passageiros e de uma cobertura, feitos em estrutura metálica (figura 98). Porém, a construção original da estação foi mantida sem modificações (figura 100), passando apenas por uma manutenção.

Figura 97 – Linha do tempo da estação ferroviária Gustavo Paiva.



Figura 98: Ampliação da estação ferroviária Gustavo Paiva em estrutura metálica.



Fonte: Google Maps, 2011.

Conforme a pesquisa de Rodrigues (2017), o sítio da antiga CAFT, assim como em outros exemplares do patrimônio industrial, apresenta como principal desafio de



preservação a falta de reconhecimento desse legado têxtil por parte das políticas públicas de preservação. Rodrigues (2017) descreve ainda a importância e a particularidade desse objeto complexo e de escala significativa:

A particularidade desse patrimônio industrial está na forma de apropriação do espaço, devido às especificidades de seu sítio, a demanda da produção industrial indica como sendo uma condição que justifica a conservação, possui valores que demonstram a importância desse testemunho para a comunidade rio-larguense e para a sociedade alagoana, pois é um exemplar que faz parte da história econômica do estado e apresenta resquícios do passado têxtil ainda evidentes. (RODRIGUES, 2017, p. 125).

#### 4.7 MATRIZ FOFA

Para sintetizar o diagnóstico e direcionar as diretrizes necessárias para cada princípio projetual, será adotada a matriz FOFA (Forças; Oportunidades; Fraquezas; Ameaças). Através dela é possível definir as forças, oportunidades, fraquezas e ameaças da área de estudo e ter uma síntese das problemáticas particularidades.

A síntese, tem como objetivo identificar e indicar as diretrizes para a requalificação da antiga Fábrica Cachoeira. A percepção da autora enquanto moradora da cidade, somada as visitas no bairro e as entrevistas informais com moradores da região possibilitaram a compreensão e a melhor visualização da dinâmica da área de estudo.

Foi possível elencar as Forças, Oportunidades, Fraquezas e ameaças de acordo com os quatro objetivos definidos para as propostas de intervenção de acordo com os princípios projetuais considerados mais urgentes. São eles: Patrimônio; Paisagismo e lazer; Vitalidade e Mobilidade. Identificados pelas cores representadas abaixo:



Cabe destacar que para este trabalho, as oportunidades elencadas na matriz FOFA são consideradas como as ações que possuem oportunidades para serem implantadas na área de estudo.

Tabela 02: FOFA - Patrimônio.

## • PATRIMÔNIO

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |  |  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|--|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>FORÇAS</b><br><br>VALOR HISTÓRICO E AFETIVO;<br>RUÍNAS DA ANTIGA FÁBRICA CACHOEIRA;<br>ESTAÇÃO FERROVIÁRIA GUSTAVO PAIVA;<br>IGREJA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS;<br>VILA OPERÁRIA;<br>LINHA FÉRREA;<br>RIO MUNDAÚ;<br>PROXIMIDADE COM O AEROPORTO.                                                       |  |  | <b>FRAQUEZAS</b><br><br>DESUSO E DEGRADAÇÃO DOS EDIFÍCIOS;<br>AUSÊNCIA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL;<br>POUCA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA EM PROJETOS PARA A PROTEÇÃO E PROMOÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO;<br>AUSÊNCIA DE PROTEÇÃO PELAS ENTIDADES DE PRESERVAÇÃO CULTURAL MUNICIPAL, ESTADUAL E FEDERAL.<br>PATRIMÔNIOS DE DOMÍNIO PARTICULARES - DIFICULDADE NA PERMISSÃO DE ACESSO AO INTERIOR DOS EDIFÍCIOS HISTÓRICOS; |
| <b>OPORTUNIDADES</b><br><br>FORTELECIMENTO DO SENSO DE PERTENCIMENTO DA POPULAÇÃO;<br>INCENTIVO AO TURISMO;<br>CIRCUITO CULTURAL;<br>SOCIALIZAÇÃO E SALVAGUARDA DA MEMÓRIA COLETIVA.<br>EDUCAÇÃO PATRIMONIAL JUNTO AS ESCOLAS<br>APRESENTAÇÕES CULTURAIS: TEATRO, OFICINAS DE ARTES.<br>ARTESANATO LOCAL |  |  | <b>AMEAÇAS</b><br><br>DESTRUIÇÃO DOS PATRIMÔNIOS;<br>FALTA DE APOIO E VERBAS PARA MANUTENÇÃO DOS ESPAÇOS HISTÓRICOS;<br>ENCHENTES DO RIO MUNDAÚ<br>DESPARECIMENTO DOS PATRIMÔNIOS IMATERIAIS.                                                                                                                                                                                                                   |

Fonte: Autora, 2022.

Tabela 03: FOFA – Paisagismo e Lazer.

## • PAISAGISMO E LAZER

|                                                                                                                                                                                                                                                                                              |  |  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>FORÇAS</b><br><br>PRAÇAS;<br>RIO MUNDAÚ;<br>ÁREAS VERDES;<br>PAISAGEM NATURAL;<br>ÁREAS PARA POSSÍVEIS EXPANSÕES.                                                                                                                                                                         |  |  | <b>FRAQUEZAS</b><br><br>PRAÇAS; SUBUTILIZADAS OU/E SEM SOMBREAMENTO<br>ILUMINAÇÃO PÚBLICA PRECÁRIA;<br>AUSÊNCIA DE EQUIPAMENTOS PARA PRÁTICA E INCENTIVO AO ESPORTE;<br>INFRAESTRUTURA URBANA PRECÁRIA OU INSUFICIENTE.<br>ENCHENTES RECORRENTES;<br>RIOS E CÓRREGOS POLUÍDOS;<br>ASSOREAMENTO ÀS MARGENS DO RIO; |
| <b>OPORTUNIDADES</b><br><br>COLETA SELETIVA;<br>PALESTRAS PARA CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL;<br>PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL JUNTO A ESCOLAS MUNICIPAIS.<br>ÁREAS PARA IMPLANTAÇÃO DE EQUIPAMENTOS PARA O LAZER, CULTURA E ESPORTES;<br>RESGATE DAS FESTAS NATALINAS, JUNINAS E CARNAVALESCAS. |  |  | <b>AMEAÇAS</b><br><br>DEGRADAÇÃO E ABANDONO;<br>FALTA DE APOIO E VERBAS PARA MANUTENÇÃO E AMPLIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS;<br>DESTRUIÇÃO CAUSADA PELAS ENCHENTES;<br>AUMENTO DA POLUIÇÃO;<br>PROBLEMAS DE SAÚDE DEVIDO A CONTAMINAÇÃO DO RIO                                                                       |

Fonte: Autora, 2022.

Tabela 04: FOFA – Vitalidade.

## • VITALIDADE

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>FORÇAS</b><br><br>LINHA FÉRREA;<br>ESTAÇÃO FERROVIÁRIA;<br>PROXIMIDADE COM O CENTRO COMERCIAL;<br>VIA DE ACESSO A CIDADE E AO AEROPORTO;<br>PATRIMÔNIO INDUSTRIAL;<br>FRIGORÍFICO E INCENTIVO A CADEIA PRODUTIVA.                                                                                                                                                                                                                       |                                        | <b>FRAQUEZAS</b><br><br>FALTA DE EMPREGOS E DEPENDÊNCIA DA CAPITAL - CIDADE DORMITÓRIO;<br><br>INEXISTÊNCIA DE PROJETOS PARA FOMENTO AO EMPREENDEDORISMO;<br><br>AUSÊNCIA DE DIFERENTES USO DO SOLO – AUSÊNCIA DE COMERCIO LOCAL;<br><br>VAZIOS URBANOS COM EDIFICAÇÕES SUBUTILIZADAS E LOTES SEM USO;<br><br>PERDA DE PROTAGONISMO DO NÚCLEO CENTRAL;<br><br>FALTA DE SEGURANÇA. |
| <b>OPORTUNIDADES</b><br><br>OPORTUNIDADES PARA EMPREENDEDORISMO ATRAVÉS DO INCENTIVO A FEIRA DE ARTESANATO;<br><br>COMIDAS TÍPICAS, FOOD TRUCKS, ESTÍMULO AO COMÉRCIO LOCAL;<br><br>DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DE REQUALIFICAÇÃO URBANA, INCENTIVANDO O SETOR COMERCIAL E SERVIÇOS;<br><br>CRIAÇÃO DE UMA CENTRALIDADE HISTÓRICA;<br><br>APROVEITAMENTO DO ESPAÇO PÚBLICO E DO AMBIENTE URBANO DO CENTRO HISTÓRICO AO NÍVEL PAISAGÍSTICO. | <b>F</b> <b>F</b><br><b>O</b> <b>A</b> | <b>AMEAÇAS</b><br><br>CRESCIMENTO DA CRIMINALIDADE;<br><br>ESVAZIAMENTO URBANO ACELERADO;                                                                                                                                                                                                                                                                                         |

Fonte: Autora, 2022.

Tabela 05: FOFA –Mobilidade. Fonte: Autora, 2022.

## • MOBILIDADE

|                                                                                                                                    |                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>FORÇAS</b><br><br>LINHA FÉRREA;<br>ESTAÇÃO FÉRREA;<br>VIA QUE LIGAAO CENTRO E AO AEROPORTO.                                     |                                        | <b>FRAQUEZAS</b><br><br>INFRAESTRUTURA DA VIA DE CIRCULAÇÃO;<br>AUSÊNCIA DE CICLOVIA;<br>PASSEIOS PARA PEDESTRES EM PÉSSIMOS ESTADO DE CONSERVAÇÃO, SEM CONTINUIDADE E SEM ACESSIBILIDADE;<br>AUSÊNCIA DE ESTACIONAMENTOS PLANEJADOS;<br>SINALIZAÇÕES DE TRÂNSITO INSUFICIENTES;<br>ABRIGO PARA PASSAGEIROS INSUFICIENTES. |
| <b>OPORTUNIDADES</b><br><br>ATRAÇÃO DE VITALIDADE ATRAVÉS DE MELHORIAS NAS VIAS E PASSEIOS PÚBLICOS;<br>CIRCUITO CULTURAL DE TREM. | <b>F</b> <b>F</b><br><b>O</b> <b>A</b> | <b>AMEAÇAS</b><br><br>DETERIORIZAÇÃO DAS VIAS E PASSEIOS PÚBLICOS,<br><br>CONGESTIONAMENTOS E ACIDENTES DE TRANSITO<br><br>ESTACIONAMENTOS IRREGULARES<br><br>EXCLUSÃO DE PESSOAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIAS.                                                                                                              |

Fonte: Autora, 2022.





# 5

## REQUALIFICAÇÃO

Este capítulo trata-se das diretrizes propostas para a requalificação da antiga Fábrica Cachoeira através da criação de um ECOMUSEU/PARQUE CULTURAL. A partir do diagnóstico iniciado no capítulo anterior, foram definidos como princípios projetuais as seguintes temáticas: Patrimônio; Paisagismo e Lazer; Vitalidade e Mobilidade. O objetivo é requalificar o espaço ocioso da antiga Fábrica Cachoeira e seu entorno próximo e inseri-lo no contexto urbano atual, atendendo as principais carências do seu patrimônio e da população.

## 5.1 REQUALIFICAÇÃO URBANA: CONCEITOS E DEFINIÇÃO

A refuncionalização de espaços urbanos degradados é formada pelo processo de transformação da função de elementos arquitetônicos para reinseri-los na urbanidade. Porém, quando esse processo é definido por modelos de planejamento urbano, recebe denominações distintas. Essas denominações possuem a estratégia comum de valorizar áreas dotadas de patrimônios culturais que passam por processos degradativos. Há também o incentivo de ações de planejamento urbano voltadas para o emprego de funções vinculadas ao capitalismo global, como exemplo o turismo, cultura, negócios comercio e habitação. (SOTRATTI, 2015).

Nesse contexto, surgiu no Brasil o termo Revitalização urbano, inicialmente e amplamente empregado. Porém, a partir de discussões entre os profissionais responsáveis por esta prática, houve a necessidade de se empregar outros termos equivalentes, tais como reabilitação, renovação e requalificação. Ainda assim, as discussões sobre as especificidades desses termos ainda permanecem nos dias atuais, pois não há um consenso entre os planejadores e os estudos dos espaços urbanos. (MOURA et al., 2006)

Entretanto, a refuncionalização e modernização das formas originais é o elemento central desses modelos. Através refuncionalização é possível inserir no patrimônio cultural, atividades de amplo interesse da sociedade contemporânea. Entre essas atividades destaca-se o turismo, que além de ressaltar a identidade local, conduz as áreas em que estão os patrimônios culturais a novas dimensões de desenvolvimento.

Para Moura et al. (2006), a marca principal do conceito de renovação urbana é a ideia de demolição do edificado e substituição por uma nova construção. A Reabilitação faz um tratamento do tecido edificado, social e econômicos, degradados, habilitando-os para a readaptação as novas funcionalidades urbanas. Já a requalificação urbana é, antes de mais nada, um instrumento utilizado para garantir melhores condições de vida das populações, bem como, para promover a construção e recuperação de equipamentos e infraestruturas e para valorizar o espaço público com medidas de dinamização social e econômica. Busca-se reintroduzir qualidades urbanas a uma determinada área, em consequência, causa a mudança do valor dessa área em níveis econômicos, culturais, paisagísticos e sociais.

Conforme o Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural, o termo requalificação é observado em projetos e ações em centros históricos degradados ou em edifícios isolados. A requalificação está comumente presente em planos estratégicos de cidades atuais e tem como base recuperar e valorizar as origens e as verdadeiras representações sociais, de forma que humanize e controle o sistema de exclusão das cidades contemporâneas, somando-se a reinvenção de identidades baseadas em produções socioculturais locais.

Diante disso, as propostas para conservar o patrimônio cultural e a ideia de inseri-lo na dinâmica urbana atual não se justificam apenas pelo motivo de deixá-los para as gerações futuras. O patrimônio passa a ser considerado como um recurso do passado que pode ser usufruído no presente. A sua preservação parte da teoria de que deve ser útil também para atual geração. (Rodrigues, 2014).

## **5.2 PRINCÍPIOS NORTEADORES: PATRIMÔNIO; VITALIDADE; PAISAGISMO E LAZER; MOBILIDADE.**

A definição dos princípios norteadores foi uma etapa fundamental no desenvolvimento da síntese do diagnóstico e agora, para as diretrizes, pois, são a base para a elaboração das propostas de ações. O projeto foi pautado em cinco condicionantes principais: Patrimônio; Paisagismo e Lazer; Vitalidade; Mobilidade, que foram traçados a partir da identificação das principais problemáticas e desafios da área de intervenção que foram identificados no diagnóstico, garantindo que as propostas estejam de acordo com a realidade local.



A seguir são apresentadas as diretrizes de acordo com as temáticas de cada princípio norteador.



## PATRIMÔNIO

O patrimônio cultural formado pela indústria têxtil em Rio Largo/AL, como a Fábrica Cachoeira, constitui-se como exemplar que faz parte da história do urbanismo Alagoano. Devido ao desuso e o estado atual de degradação desse patrimônio, propõe-se o combater ao avançado estado de degradação da estrutura edificada do centro histórico e aproveitar as infraestruturas existentes, a qualidade urbanística histórica, arquitetônica, patrimonial e as especificidades do núcleo fabril, garantindo a adequação destes aspectos às atuais necessidades, promovendo a atratividade deste núcleo. Tornando-o num lugar de referência de salvaguarda das memórias e de exploração turística.

Neste sentido, as diretrizes propostas para a requalificação do patrimônio cultural – antiga Fábrica Cachoeira - que gere uma intervenção mínima são:

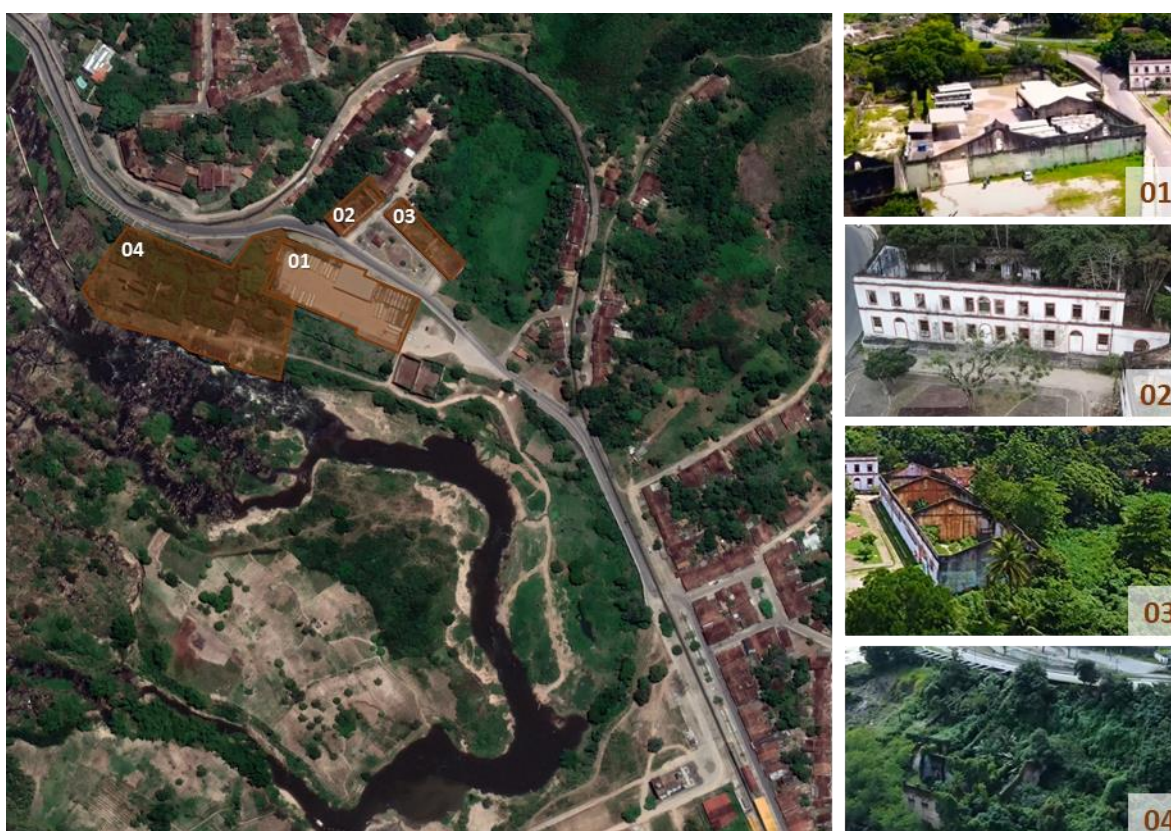
- Valorizar o enraizamento e sentimento de pertencimento da população ao centro histórico, através de atividades que permitam o protagonismo dos antigos moradores do bairro e dos ex-operários, como os **encontros e rodas de conversa**.
- Criar o **Memorial do Algodão**, em que haja um espaço dedicado à trajetória e o papel da indústria têxtil na formação e consolidação urbana de Rio Largo;
- Permeabilizar as ruínas localizadas mais próximas as margens do rio mundaú e que estão em avançado estado de degradação para criar uma atmosfera de **Parque das Ruínas**, ao ar livre;



- Restaurar o edifício principal da fábrica Cachoeira – atual garagem dos ônibus da empresa Veleiro – de forma que seja possível readaptá-lo, com intervenções mínimas, para atender as necessidades de um **espaço multieventos**, destinado a sediar eventos e apresentações culturais;
- Criar um passeio ao ar livre destinado a **Feira das Artes**, com barracas móveis para a comercialização de artesanatos, artes plásticas e comidas típicas;
- Desenvolver oficinas que promovam a **educação patrimonial**.

A partir das diretrizes, foram elencadas quatro ações urbanísticas relativas ao desenho urbano que serão detalhadas a seguir:

Figura 99: zoneamento das ações propostas para o princípio do patrimônio.



Fonte: Google Maps, adaptado pela autora, 2022.

- Zona 01 - implantação de um espaço multieventos na estrutura principal da antiga fábrica através de um restauro com intervenções mínimas, aproveitando-se do vão

livre que o interior do prédio dispõe para receber eventos, apresentações culturais, exposições temporárias e cinema ao céu aberto (figura 100, 101, 102).

É importante ressaltar que o uso proposto para o edifício que abrigou as atividades de produção da Fábrica Cachoeira tem o princípio do respeito a história do edifício e as marcas do tempo, representadas pela estrutura original e pelas transformações que ocorreram ao longo dos anos, seja as que foram feitas através de reformas, intervenções e pela ação do abandono e das enchentes do rio Mundaú.

Em decorrência das enchentes, os usos devem ser temporários, com acréscimo de estruturas passageiras e transitórias que sejam removidas nos períodos de aumento do nível seguro do rio Mundaú. Assim, com o objetivo de resgatar a memória da Antiga Festa de Natal da Cachoeira, em que aconteciam apresentações culturais, eventos musicais e abrigava o tradicional parque de diversões, levando em consideração que não há indícios de enchentes nesse período do ano. Nas demais datas, há a possibilidade do edifício abrigar eventos culturais, festivais, cinema ao céu aberto e exposições temporárias.

Figura 100: Exposição no Museu Fábrica de Arte Marcos Amaro (FAMA).



Fonte: FAMA Museu, 2021.



Figura 101: Valongo Festival Internacional da Imagem.



Fonte: SP– Arte, 2017.

Figura 102: Cinema a céu aberto nas ruínas do Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa.



Fonte: SP– Arte, 2017.

- Zona 02 – Restaurar o antigo edifício administrativo e criar o Memorial do Algodão, dedicado a contar a trajetória e o papel da indústria têxtil na formação e consolidação urbana de Rio Largo através de exposições temporárias. O prédio

Figura 103: Mostra sobre indústria têxtil mineira.



Fonte: Prefeitura de Belo Horizonte, 2017.

- Zona 03 – Restaurar o antigo prédio da oficina e almoxarifado, aproveitando-se dos vãos amplos existentes para abrigar um cine teatro.

Figura 104: Cinema da Praça, Paraty.



Fonte: Arquipélago Arquitetos, 2018.



- Zona 04 – Manutenção da vegetação existente e estabilização das ruínas para a criação dos **Parques das Ruínas**, destinado a visitas pelos remanescentes das estruturas que fizeram parte da produção têxtil.

Figura 105: Aula de campo no Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos.



Fonte: Escola Papa Sobrinho, 2012.



## PAISAGISMO E LAZER

O bairro Gustavo Paiva é privilegiado pelas riquezas e paisagens naturais, como o rio Mundaú e os remanescentes da mata atlântica, em contraponto, possui praças subutilizadas e com infraestrutura precária. Destaca-se que são os únicos equipamentos públicos destinados ao lazer e a integração. A região carece de equipamentos urbanos destinados ao lazer, a cultura, ao esporte e ao entretenimento.

A fim de melhorar a oferta de equipamentos públicos voltados a recreação, bem como, tirar proveito da paisagem e dos recursos naturais, as diretrizes propostas devem centrar-se nos seguintes aspectos:

- Implantar de um **Parque Urbano Linear** as margens do rio mundaú, delimitado pelas ruínas da Fábrica Cachoeira.
- Recuperar e conservar o Rio Mundaú;
- Reflorestar a mata ciliar;
- Desenvolver oficinas que promovam a educação ambiental;
- Inserir quadras e infraestrutura que promovam a prática de esportes;
- Requalificação da Praça 15 de Outubro.

A partir das diretrizes, foram elencadas duas ações urbanísticas relativas ao desenho urbano que serão detalhadas a seguir:

Figura 106: zoneamento das ações propostas para o princípio do Paisagismo e Lazer.



Fonte: Google Maps, adaptado pela autora, 2022.



- Zona 05: Com o objetivo de evitar grandes impactos ambientais ao recurso hídrico, bem como mitigar os impactos causados pelas recorrentes inundações e promover o lazer, esporte e recreação, o Parque Urbano deverá ser implantado com o conceito de parque alagável, uma das estratégias desenvolvidas para as cidades esponja<sup>28</sup>.

O parque, instalado as margens do rio Mundaú tem o objetivo de alagar em períodos de fortes chuvas e concentrar a captação de água, para evitar que ela escoe para as ruas próximas. Deve-se reflorestar a mata ciliar, o mobiliário será de concreto para resistir as inundações, passeios, quadras piscinas e áreas infantis com bases permeáveis e drenáveis.

Figura 107: Projeto urbanizador do Cantinho do Céu, São Paulo.



Fonte: Prefeitura de São Paulo, 2018.

- Zona 06: Requalificação na praça 15 de Outubro através de paisagismo, mobiliários e iluminação

---

<sup>28</sup> Termo adotado para descrever uma cidade muito rica em vegetação, uma vez que a vegetação retem muita água. Entre as estratégias presentes nesse conceito destacam-se os jardins, telhados e muros verdes, piscinões e calçadas permeáveis, além dos parques alagáveis. (BRAGA, 2022)

Figura 108: Projeto de Requalificação Da Praça Savassi.



Fonte: Arquivo Prefeitura de Belo Horizonte, 2004.



## VITALIDADE

O encerramento das atividades da fábrica Cachoeira refletiu nas dinâmicas urbanas do bairro Gustavo Paiva. Os ex-operários passaram a procurar emprego nas cidades vizinhas, e aos poucos, assumiu-se a dinâmica de um bairro dormitório. Porém, foram as últimas enchentes que provocaram o esvaziamento urbano e em alguns trechos, a paisagem assumiu a aparência de bairro fantasma. Diante disso, busca-se recuperar, de forma condizente ao contexto atual, a vitalidade da antiga Fábrica Cachoeira, e seu entorno próximo, o bairro Gustavo Paiva.

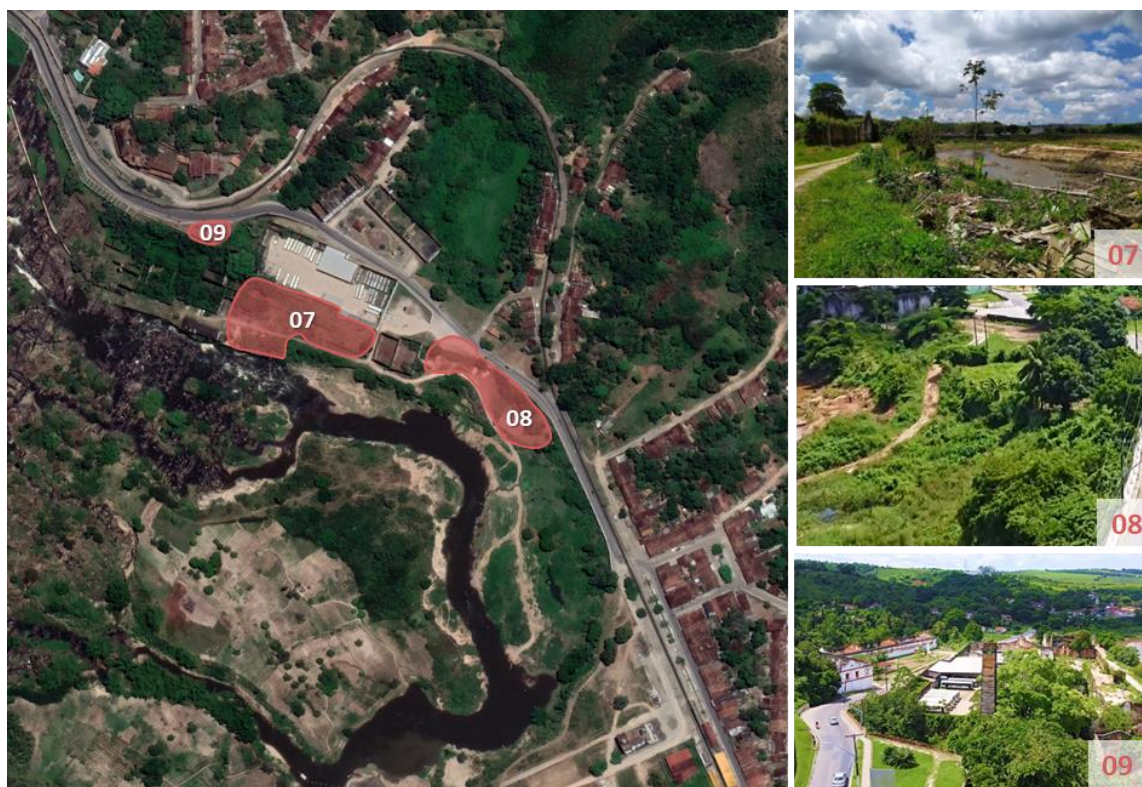
As diretrizes de atuação, no que se refere a vitalidade, buscam estimular a circulação e permanência de pessoas, com isso, promover a dinâmica ativa do bairro e consequentemente, torna-lo mais seguro e com maior qualidade de vida cotidiana.



- Garantir a permeabilidade física e visual da área de intervenção, através da remoção de obstáculos que proíbam a livre circulação ou bloqueiem a visualização do patrimônio natural e edificado;
- Inserir áreas de fluência públicas, através de espaços próximos ao passeio público com a ampliação de áreas verdes e infraestruturas que permitam o convívio coletivo;
- Diversificar o uso do solo através do Complexo Cultural, que terá comércio, serviços e equipamentos qualificados, a fim de reduzir a necessidade de deslocamento, equilibrando a relação entre os locais de emprego e de moradia;
- Incentivar o empreendedorismo com o comércio local na feira das artes;
- Criar uma praça de alimentação ao ar livre, com o intuito de incentivar o empreendedorismo local e atender as necessidades urbanas do segmento de alimentação fora de casa, bem como, para estimular a dinâmica local;
- Criar uma nova centralidade através do incentivo ao turismo, lazer e comércio local para reduzir a necessidade de deslocamento da população residente, equilibrar a relação de emprego e moradia, bem como, atrair residentes de outros bairros e turistas.
- Requalificar a iluminação pública;
- Implantar um mirante para a visualização ampla do complexo e para atração de turistas.

A partir das diretrizes, foram elencadas três ações urbanísticas relativas ao desenho urbano que serão detalhadas a seguir:

Figura 109: zoneamento das ações propostas para o princípio da Vitalidade.



Fonte: Google Maps, adaptado pela autora, 2022.

- Zona 07 – Espaço destinado a criação de uma praça de alimentação a céu aberto com diversas barracas padronizadas e disponibilizadas pela prefeitura, voltadas ao fast food bebidas e a promoção da culinária local, com área de convivência e alimentação para atender as necessidades do bairro que tem carência de segmentos voltados a alimentação. A proposta consiste em fornecer um espaço que incentive o empreendedorismo da população local, uma vez que a proposta se apresenta mais viável financeiramente e não possui os custos que seriam pagos em um estabelecimento alugado.

Figura 110: Área ao ar livre do Botanikafé, no Butantã



Fonte: Viagem e Gastronomia, 2022.

- Zona 8 – corredor cultural formado por barracas padronizadas e móveis destinadas a comércio local, artesanato e exposições plásticas.

Figura 111: Feira Embu das Artes, São Paulo.



Fonte: Autora, 2022.

- Zona 09 – Ponto estratégico que permite uma vista completa da paisagem do complexo e do bairro Gustavo Paiva.

Figura 112: Mirante São Gonçalo, Maceió/AL.



Fonte: Prefeitura de Maceió/AL, 2022.



## MOBILIDADE

A avenida Getúlio Vargas, via principal e arterial do bairro Gustavo Paiva, que corta o trecho ocupado pelos edifícios do núcleo fabril, tornou-se uma via majoritariamente de passagem de veículos. Além da precariedade da via, há a precariedade, e em alguns trechos, a inexistência de passeio público. Não há sinalizações ou ciclovias. As diretrizes aqui propostas, buscam inverter essa situação atual, garantindo qualidade e infraestrutura, mas sobretudo, busca-se tornar o pedestre protagonista dos deslocamentos da região de entorno da intervenção.

Para alcançar esses objetivos, estabelece-se as seguintes diretrizes de atuação:



- Adotar as estratégias das ruas compartilhadas, tais como o nivelamento da via, implementação de áreas verdes e locais para descanso, bem como, medidas de Traffic calming e investimento em iluminação pública;
- Promover a recuperação da pavimentação da via urbana;
- Criar um estacionamento público;
- Unificar e garantir a acessibilidade dos passeios públicos;
- Dar início ao passeio turístico da Maria Fumaça criado pela CBTU, com a rota adaptada para Rio Largo, do trecho entre a estação Utinga Leão – estação Gustavo Paiva – estação Central – estação Lourenço de Albuquerque;
- Inserir mais paradas de ônibus
- Inserir um monumento que marque o acesso ao sítio histórico;
- Estabelecer uma integração tarifária com rotas para o centro e para o aeroporto. Bem como, fornecer um transbordo através de um ônibus coletivo para o trecho de interrupção entre a estação de Gustavo Paiva e a estação Central.

A partir das diretrizes, foi elencada uma ação urbanística relativas ao desenho urbano que serão detalhadas a seguir:

Figura 113: zoneamento das ações propostas para o princípio da Mobilidade.



Fonte: Google Maps, adaptado pela autora, 2022.

- Zona 11- Requalificar a Av. Getúlio Vargas e reduzir a velocidade dos veículos motorizados para permitir o compartilhamento do espaço por diversos tipos de transportes e deslocamentos. Deve-se nivelar a via, ampliar a área destinada a mobilidade ativa, implementar áreas verdes e locais para descanso, bem como, medidas de Traffic calming e investimento em iluminação pública e serviços para pedestres e ciclistas.

Figura 114: Woonerf: a solução holandesa para o planejamento urbano.



Fonte: Courtney Sunday, 2017.

Em síntese, a requalificação da área de intervenção será contemplada com a implantação do Complexo Cultural Gustavo Paiva. Inserido em uma área inundável, as margens do rio Mundaú, que abriga remanescentes arquitetônicos da antiga Fábrica Cachoeira, lotes vazios e áreas subutilizadas. O Complexo conta com a restauração das ruínas e adequação aos novos usos propostos, com um parque linear alagável e o parque das ruínas, bem como, Cineteatro, Memorial do Algodão, Feira das Artes, Food Park e melhorias na mobilidade.

O principal objetivo de unir atividades de lazer, comércio local, estratégias ambientais e edificações públicas voltadas a cultura e segurança é garantir a vitalidade e dinâmica do complexo através do uso público e diversificado, além de contribuir para apropriação socioespacial e fiscalização do espaço por parte de seus usuários e do poder público.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender como se desenhou o atual território de Rio Largo, entender o papel da indústria têxtil na formação urbana da cidade e analisar o contexto atual em que se encontra o bairro que abrigou a primeira fábrica de tecidos de Rio Largo, a Fábrica Cachoeira. Para a partir de então, propor diretrizes que permitam a reinserção dos remanescentes à urbanidade, atendendo as atuais dinâmicas e necessidades urbanas da população rio-larguense.

Constatou-se que a indústria têxtil, responsável pela origem e consolidação da cidade de Rio Largo, possui um núcleo edificado de valor patrimonial. Contudo, o domínio privado, a carência de manutenção e ausência de políticas públicas voltadas a proteção e promoção do complexo fabril, contribuem para o enfraquecimento da relação de identidade e pertencimento socioespacial da população e para desvalorização e degradação desses remanescentes. O antigo sítio industrial tornou-se uma área ociosa e contribui negativamente na qualificação da localidade. Soma-se a esses fatos, a precariedade de equipamentos urbanos e da infraestrutura do bairro Gustavo Paiva.

A partir da construção desse trabalho, nota-se que há uma grande quantidade de estudos que indicam os valores patrimoniais atribuídos a CAFT e a necessidade da salvaguarda desse patrimônio. Porém, a falta de proteção e promoção desse complexo industrial revela o afastamento nas políticas de conservação do patrimônio industrial de legados materiais e imateriais por parte das instâncias: Municipal, Estadual e Federal. Assim, é relevante discutir que essa omissão do poder público contribui para o avançado nível de degradação desses remanescentes. Sendo os principais motivos os conflitos entre a prática da gestão do patrimônio industrial, a teoria do campo da conservação e o domínio privado.

O domínio por parte da família Paiva, faz com que as tentativas de conservação aconteçam na escala do edifício, sem considerar o valor patrimonial do sítio industrial como o todo. Além disso, a família impõe limites quanto à restrição ao acesso aos remanescentes, aos documentos, e informações a respeito do passado industrial que faz parte da história de Rio Largo, do coletivo. A restrição de acesso aos remanescentes foi um dos principais desafios na construção desse trabalho.



Portanto, cabe destacar que a gestão municipal deveria moldar e ordenar esse espaço urbano para a valorização da memória coletiva e respeitar o valor de conjunto e de paisagem urbanoindustrial. E que as intervenções propostas nesse trabalho visam contribuir para a salvaguarda do legado da indústria têxtil, a apropriação socioespacial e identidade cultural, e atender as necessidades urbanísticas atuais do bairro. Tendo como princípios a intervenção mínima e o respeito pela trajetória do patrimônio construído.

## REFERÊNCIAS

- ARANTES, Otília Beatriz Fiori; MARICATO, Ermínia; VAINER, Carlos B. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CASTRO, C. G. de. **Relações de poder no complexo fabril têxtil de Rio Largo: identificação inter-relações socioespaciais**. 2015. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015. 190p.
- CASTRO, C. G.; XAVIER, E. M. G. **CAFT: cenário alagoano de festividades e tradições**. 1997. Monografia (estágio supervisionado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1997.
- CORREIA, Telma de Barros; GHOUBAR, khaled; MAUTNER, yvonne. **Brasil, suas fábricas e vilas operárias**. Revista Pós, São Paulo, n.20, dezembro 2006, p. 10-32.
- DIEGUES JUNIOR, Manuel. **O bangüê nas Alagoas: traços da influência do sistema econômico do engenho de cana de açúcar na vida e na cultura regional**. Maceió: EDUFAL, 2006.
- DIEGUES JUNIOR, Manuel. **O engenho de açúcar no Nordeste**. Maceió: EDUFAL, 2006.
- GOMES, Geraldo. **Engenho e arquitetura**. Recife: Fundaj/ Ed. Massangana, 2006.
- MARROQUIM, A. **Terra das Alagoas**. Roma: Ed. Maglioni Strini, 1922.
- MONTE, Benício Emanuel Omena. **MAPEAMENTO DE INUNDAÇÕES NO MUNICÍPIO DE RIO LARGO (AL)**. 2013. 68 p. Dissertação (Mestrado em Recursos hídricos e Saneamento) - Curso de Engenharia, Centro de Tecnologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.
- MOREIRA, Maria da Graça Santos Antunes. **Requalificação urbana: alguns conceitos básicos**. Artitextos. ISBN 978-972-9346-03-3. Nº 5 (dez. 2007), p.117-129
- MOURA, Dulce; GUERRA, Isabel; SEIXAS, João; FREITAS, Maria João. **A revitalização urbana cidades** – contributos para a definição de um conceito operativo. *Comunidades e Territórios*, n. 12/13, p. 15-34, dez. 2006.
- OITICICA, Jarbas. **Engenho Riachão**. Maceió: Gazeta de Alagoas, 2001.
- OLIVEIRA, Daniella Christina Acioli do Carmo de. **A perda nos processos de patrimonialização: Vila Operária como Patrimônio Cultural**, 2018. 211 fls. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - IPHAN, Rio de Janeiro, 2018.
- PAIVA FILHO, A. P. G. de. **Rio Largo: cidade operária**. Maceió: SENAI/AL, 2013.
- RÊGO, José Lins do. **Menino de engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

Rio Largo (AL). In: **ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. v. 19 p. 155-160.

RODRIGUES, Rosemary Lopes. **Conservação do patrimônio cultural: Perspectivas sobre o sítio industrial da antiga CAFT**, Rio Largo, 2017.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. **Contribuição a história do açúcar em Alagoas**. Maceio: Imprensa Oficial Graciliano Ramos/ CEPAL, 2011.

SILVA, José Góes da. **O engenho bangüê (Memórias)**. Maceió: SERGASA, 1990.

SOTRATTI, Marcelo Antônio. Revitalização. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6.

TENÓRIO, Douglas Apratto; DANTAS, Cármen Lúcia. **Caminhos do açúcar: engenhos e casas-grandes das alagoas**. Brasília: Conselho Editorial - Cedit, 2008. 133 p.

VIANNA, Mônica Peixoto. **TECENDO CIDADES: a influência dos complexos fabris têxteis na urbanização alagoana**. Ímpeto: REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO, Maceió, v. 7, n. 1, p. 22-25, ago. 2017. Semestral. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaimpeto/article/view/9844>. Acesso em: 20 out. 2022.

VITAL, Débora Pereira. **Memórias de engenho: uma investigação sobre suas edificações e as práticas cotidianas na região da lagoa Manguaba**. 2013. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.